

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**André Alves Farias**

**A Influência do Zen Budismo nas Artes Marciais Japonesas no  
Brasil**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**SÃO PAULO  
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**André Alves Farias**

**A Influência do Zen Budismo nas Artes Marciais Japonesas no  
Brasil**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Usarski.

**SÃO PAULO**

**2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

*Ao meu Pai  
(in memorian).*

*À minha mãe.*

*Ao Sensei Akira  
(In memorian).*

*Ao Sensei Divino  
(In memorian).*

*À todos meus alunos.*

*À todos companheiros(as) do Budo*

***“Portanto, possuo igualmente a natureza do Buda. Meu Mestre ministrou-me hoje um ensinamento precioso que posso compreender por meio desse espírito.”***

***As árvores, as pedras, os bosques, todos os elementos do cosmo inteiro possuem a natureza o Buda.***

**Taisen Deshimaru**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao orientador, Frank Usarski, que foi meu mestre no caminho acadêmico e que muito me ensinou. Agradeço principalmente sua confiança, paciência e companheirismo.

Ao CNPq e ao Programa de estudos Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pela bolsa integral de Mestrado, cujo auxílio financeiro possibilitou a realização dessa dissertação.

À minha irmã, Adriana Alves Farias Lima, que com muita paciência, sempre me ajudou.

Aos Professores Fernando Londoño, José J. Queiróz e João Edênio Reis Valle com os quais pude ampliar meus conhecimentos não só por meio das disciplinas, mas também pelas conversas informais; e à gentilíssima secretária Andréa.

Ao professor Emerson Franchini da Universidade de São Paulo, pelos materiais fornecidos e grande incentivo no caminho acadêmico.

Aos membros da banca do exame de qualificação: Fernando Londoño e Silas Guerriero.

À amiga Denise que prontamente me ajudou com o inglês do abstract

À querida amiga Tatiana Pitta, que muito me ajudou quando precisei.

Aos meus alunos e amigos que compreenderam minha ausência e que sempre serviram de inspiração.

## RESUMO

Nessa dissertação procurou-se contextualizar as transformações ocorridas, ao longo de períodos específicos da história japonesa, dos conteúdos de natureza religiosos e marciais, pertencentes ao universo da arte marcial japonesa praticada no Brasil. O conjunto das artes marciais japonesa é denominado BUDO (Caminho das Artes da Guerra) e a arte marcial específica pesquisada, foi o Kendo (Caminho da Espada).

A significativa importância de termos escolhido esta modalidade em relação às demais artes marciais orientais presentes no Brasil se refere à coexistência de aspectos históricos, étnicos e religiosos, que aparentemente, introduzem na cultura brasileira, pressupostos éticos, morais da religião ensinada por Buda Gautama. Por meio da pesquisa empírica ocupamo-nos de investigar algumas das manifestações do universo não-corporal do Kendo a partir de entrevistas com praticantes da modalidade divididos em dois grupos, de acordo com a graduação oficial, regulamentada internacionalmente. As informações obtidas permitiram concluir que, o entendimento filosófico, ético e religioso do Kendo vem adquirindo características cada vez mais locais.

**Palavras-chaves:** Kendo, Budo, Budismo, transplantação religiosa.

## **ABSTRACT**

This research aimed to contextualize the transformations observed through specific eras of the Japanese history about religious and martial contents of the Japanese martial in Brazil. Japanese martial arts is called Budo (The way of War) and the specific one chosen for this research is called Kendo (the way of Sword).

The main difference regarding this kind of martial arts compared to others existing in Brazil is the coexistence of historical, ethnic and religious contents that, apparently, are bringing to the Brazilian culture ethical and moral assumptions from Buda's teachings. Through interviews we focused on the investigation about non-physical manifestation which exists in Kendo. There were two groups, organized according to their official scale. The information led us to conclude that the philosophical, ethical and religious understanding about Kendo is gaining more and more local characteristics.

**Keywords:** Kendo, Budo, Buddhism, religious transplantation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Quadro 1 - Universo dos Praticantes .....	78
Quadro 2 - Descendência dos Praticantes .....	78
Quadro 3 - As Vias de Aproximação da Modalidade .....	79
Quadro 4 - Objetivos e motivações para treinar o Kendo .....	79
Quadro 5 - Entendimento do Termo Budo .....	80
Quadro 6 - Conhecimento da História do Kendo.....	80
Quadro 7 - Filiação religiosa.....	81
Quadro 8 - Simpatia por outras religiões .....	81
Quadro 9 - Literatura de Interesse .....	82
Quadro 10 - Filmes de Interesse . .....	82
Quadro 11 - Crença na existência de ensinamentos religiosos no Kendo .....	83
Quadro 12 - Religiosidade na Arte Marcial .....	83
Quadro 13 - Entendimento das terminologias japonesas no grupo até Sandan .....	84
Quadro 14 - Entendimento das terminologias japonesas no grupo acima de Sandan .....	85
Quadro 15 – Conhecimento de Histórias e de Lendas .....	85
Quadro 16 - Conhecimento acerca dos princípios filosóficos do Kendo .....	86
Quadro 17 - Submissão ao Mestre .....	86
Quadro 18 - Busca por outros recursos .....	87
Quadro 19 – A Manifestação do Kendo Fora do Dojo .....	87

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 — O Budismo - Principais Características.....</b>	<b>25</b>
1.1 – Um breve relato histórico a respeito do Budismo.....	25
1.2 - Uma Sinopse Histórica do Budismo Nipônico.....	27
1.2.1 - Características do Budismo Japonês.....	25
1.2.2 - A Chegada do Zen no Japão.....	30
1.2.3 - A Relação entre Budismo e Arte Marcial.....	31
1.3 - O Budismo no Brasil.....	32
1.3.1 - Considerações acerca dos primeiros momentos do Budismo Japonês no Brasil .....	34
1.3.2 - O Zen Budismo no Brasil .....	35
1.3.3 - O Templo e seus brasileiros .....	37
1.4 - A pesquisa do Budismo no Brasil .....	39
1.4.1 - As dúvidas acerca da abordagem quantitativa nos estudos sobre o Budismo no Brasil .....	40
1.5 - Os catalisadores no processo de aproximação ao Budismo .....	43
1.5.1 - Budo um implícito proselitor do Budismo .....	43
<b>CAPÍTULO 2 — Budo: As artes marciais no Japão .....</b>	<b>47</b>
2.1- O Que é Budo? Principais Características .....	47
2.1.1 - Origens e Transformação das Técnica Letais, Bujutsu,	

em Caminho à Ser Seguido.....	49
2.1.2 -O Bujutsu e sua Religiosidade .....	49
2.1.3 -Zen e Samurai .....	51
2.1.3.1- Katana: a espada como objeto religioso e legitimador do poder .....	53
2.1.3.2 - A Espada e o Samurai .....	54
2.2 - A Era Meiji e sua influência na configuração do Budo .....	55
2.2.1 - A transformação do antigo Kenjutsu em Kendo .....	56
2.2.2 - Principais características do Kendo .....	58
2.2.3 - No Dojo .....	60
2.3 - A simbiose entre Budismo e Budo: aspectos históricos .....	64
2.3.1 - Outras influências do Budismo na cultura japonesa .....	66
2.3.1.1- Principais características da inseparabilidade entre religião e cultura .....	66
2.3.2 - Algumas manifestações culturais do Zen Budismo no Japão .....	68
2.4 - O Budo como fator constituinte da identidade nacional japonesa do Pós-Guerra .....	70
2.5 - O Budo no Brasil - A Institucionalização do Budo no Brasil.....	72
<b>CAPÍTULO 3 — Os Samurais Brasileiros .....</b>	<b>76</b>
3.1 - O universo da pesquisa .....	76
3.1.1 - Resultados da Pesquisa .....	78
3.2 Desembainhando Espada .....	89
3.2.1 – Conhecimento teórico do Kendo .....	89
3.2.1.1 - Objetivos da prática do Kendo .....	89
3.2.1.2 - Conhecimentos acerca do Kendo .....	91

3.2.1.3 Conhecimentos da Terminologia e Iconografia das Academias.....	95
3.2.2 - A religiosidade dos Entrevistados .....	97
3.2.2.1 - Para Além do Dojo: a transplantação dos princípios do Kendo para a vida cotidiana .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO 2 - EXAME DE GRADUAÇÃO DE KENDO.....</b>	<b>121</b>

## **INTRODUÇÃO: A INFLUÊNCIA DO ZEN BUDISMO NO KENDO BRASILEIRO**

Ao longo das duas décadas dedicadas a aprendizagem e ao ensino de Budo (Arte Marcial), encontramos inúmeras pessoas que procuravam um entendimento mais apurado da mística que envolve o ensinamento de Budo. Essa mística está na própria metodologia de ensino do Budo, que sob influência da religiosidade japonesa, preconiza a “prática da técnica”, não apenas para alcançar resultados no desempenho em competições, mas sim como um caminho de purificação, tranqüilização e de regulação do mecanismo psicofísico.

Também há outras motivações como estudioso das religiões. A partir de observações sem rigor de pesquisa, é possível constatar que muitos praticantes de artes marciais incorporam práticas religiosas do Zen budismo ou do Xintoísmo, sem conhecer seus fundamentos. Notam-se também informações desordenadas sobre o Zen Budismo e outras religiões japonesas; oriundas dos mestres e alunos antigos de algumas academias, que supostamente entenderiam do assunto. Daí, o desejo em contribuir com duas áreas de conhecimento: Ciências da Religião e Educação Física, aprofundando em uma pesquisa científica, a recepção e a influência da religiosidade oriental em praticantes de artes marciais japonesas no Brasil.

Devemos destacar que não há, no Brasil, estudos que abordem a religiosidade no Budo. Sendo assim, consideramos como estado da arte as obras utilizadas para o embasamento teórico de nossa discussão, que nesse sentido é inédita.

A pesquisa relacionada a esse universo qualitativamente relevante visa não apenas complementar os trabalhos já existentes sobre a preparação física de atletas de alto rendimento e de ensino e aprendizagem de determinadas artes marciais japonesas (SASAKI 1995; FRANCHINI 1999, 2008), mas também criar uma ponte para trabalhos sobre fenômenos análogos sobre a arte marcial chinesa no Brasil e suas implicações (APOLLONI 2004), e especificamente, sobre a transplantação das religiões do extremo oriente para o Brasil e suas implicações. Neste sentido, o presente trabalho é homólogo aos já realizados por Usarski (2002) em seu livro *Budismo no Brasil*, onde o autor faz uma sistematização do panorama geral do

budismo brasileiro por meio de uma “tripla tipologia” para interpretá-lo. A primeira delas seria o *budismo de imigração*, religiosidade articulada com a identidade étnica dos imigrantes e seus descendentes. A segunda o *budismo de conversão* que é dividido em duas correntes: a de *primeira geração*, na década de cinquenta e sessenta, e a de *segunda geração*, a partir dos anos setenta.

Buscando um embasamento sólido sobre a religião japonesa e a Arte Marcial, serão utilizadas como referencial as obras clássicas disponíveis no ocidente, especificamente no Brasil.

Sendo assim, será utilizado Daisetz Teitaru Suzuki, devido ao seu profundo conhecimento teórico e prático do Zen. O referido autor, apesar de não ser monge, era reverenciado como tal em diversos templos budistas, no Japão e em outros países, devido ao seu profundo conhecimento acerca da temática do Zen Budismo e espiritualidade. Em todas as obras do autor, até o momento, observa-se a dedicação de no mínimo algumas páginas ao samurai e como este se utilizava do Zen em seu cotidiano.

Na obra *Introdução ao Zen Budismo*, Suzuki (1992) disserta sobre os elevados estados de consciência. Por meio das clássicas parábolas budistas, ilustrações, comparações e um profundo conhecimento sobre a temática do Zen, e a cultura ocidental. A partir daí, apresenta a natureza, a técnica e a prática do Zen, exatamente onde ela deve estar, ou seja, além das conceitualizações intelectuais.

Em *Zen Budismo e Psicanálise*, Suzuki (1960) enfatiza que o humano vive de maneira psicológica e não teórica. Partindo desse pressuposto, o autor faz algo notável, que revela uma característica de crucial importância para que o ocidental interessado no Zen internalize o Zen. Transmite-nos o Zen, por meio de reflexões sérias e de natureza bastante pessoal, em torno do que seria a ideal experiência de viver. Acima de tudo, por ser uma autoridade em Zen, embasado em seu entendimento e estudo das obras originais em sânscrito, páli, chinês e japonês, traça uma importante comparação entre a psicologia do Leste e a do Oeste. Para aproximar o pensamento asiático do nosso, o referido autor utiliza-se de seu vasto conhecimento do pensamento moderno ocidental mediante da psicologia de Freud e das filosofias e poesias alemãs, francesas e inglesas, sendo, esta última, sua principal língua de difusão do Zen no ocidente.

A partir disto, de maneira até controvertida, rotula o espírito ocidental como analítico, objetivo, científico e generalizador, e o espírito oriental como sintético, totalizador, integrador, dedutivo e intuitivo, ou seja, num contexto contemporâneo, como holístico. Sendo assim, esta obra será de muita importância à pesquisa, por tratar dos aspectos psicológicos do humano quando em contato com o Zen, por meio de outras atividades ilustradas pelas diversas histórias de monges e samurais narradas pelo autor.

Ainda com Suzuki, na sua obra *Zen and Japanese Culture* (1973), a partir de uma documentação histórica e cronológica, traça um panorama histórico que elucida como o Zen originário da China, frente às várias rejeições e conflitos com a religião local, se instala e, posteriormente, se infiltra no Japão, modificando toda sua cultura. Enfatiza, ao longo dos onze capítulos, as clássicas expressões do Zen, sendo os mais destacados neste trabalho: *o Zen e o Samurai*, *o Zen e o código de ética Samurai (dois capítulos)*, *o Zen e a poesia*, *o Zen e a cerimônia do chá*. O autor elucida que o Zen é uma experiência a ser vivida por meio de uma identificação, e até fusão, com o que se está fazendo. Na arte, na cozinha, na luta marcial ou no trabalho, o indivíduo, ao contrário do que ocorre no ocidente, não deve apartar do objeto com que se relaciona e sim interagir com este num estado de consciência que o desligue do mundo dual em que vivemos.

Em relação à *experiência* do Zen Budismo, sob uma ótica ocidental, tratada por um ocidental, foi utilizada a obra de Christmas Humphreys (1999): *O Budismo e o Caminho da Vida*, que trata do budismo aplicado à vida cotidiana, nos padrões ocidentais. Aborda o processo de conversão ao Budismo pelos ocidentais esclarecendo que tal processo ocorreria pelas vias da inteligência, ao contrário do cristianismo que, segundo o autor, teria uma conversão movida mais pela emoção e pela salvação. Acreditando na possibilidade de um dia haver a existência de um Budismo ocidental distinto do oriental, que concilie a tradição asiática e o pensamento analítico e investigativo do ocidente, expõe relevantes temas sobre como se aplicar o Zen Budismo fora de seu torrão natal.

A obra *A Experiência Mística do Zen* (1984) de Allan Watts discorre sobre a temática de viver o Zen, sob um enfoque metafísico da religião; já Takuan Soho que foi um grande mestre de uma linhagem do Zen Budismo chamada Rinzaï e conselheiro do terceiro Xogunato (governante militar) Tokugawa. No livro *Mente*

*Liberta* (2000), apresenta três textos, entre os muitos volumes existentes escritos por Takuan Soho, que discorrem fundamentalmente sobre três temas: a espada, a técnica e a mente correta para utilizá-las. Aliado a outros clássicos de leitura obrigatória, para estudiosos da arte samurai, o livro é um excelente guia de estratégias que a exemplo dos líderes militares antigos do Japão, passou a ser utilizado por praticantes de artes marciais, executivos e políticos em todo o mundo, pois contém ensinamentos aplicáveis à competição e às disputas que estão presentes em todos os aspectos da vida humana. Embasado nas filosofias budista e confuciana, o livro tem por meta a invencibilidade e a vitória não pela brutalidade ou deslealdade, mas sim pela compreensão e experiência do Zen.

Em se tratando especificamente de religião e Budo, o livro de Nitobe (2002), *Bushido*, com mais de cem anos, desde sua primeira publicação, foi considerado de fundamental importância, por ser um raro exemplar fundamentado na arte marcial, que compara com seriedade as significantes diferenças culturais e religiosas entre o Japão e o ocidente. Ao tratar das origens do Bushido, Nitobe (2002) narra detalhadamente como as antigas filosofias e religiões (Budismo, Xintoísmo e Confucionismo) foram codificadas e incorporadas no modo de vida do samurai e, com maestria, traça comparativos com o cristianismo e a filosofia ocidental tornando claro, ao leitor ocidental, princípios universais muitas vezes confundidos simplesmente por terem sido ditos em outros contextos culturais e religiosos.

A singularidade do livro se dá pelo fato de Inazao Nitobe (1862-1933) ter nascido em uma família de samurais de alto nível, na cidade de Morioka, no Japão, o que lhe propiciou desde a infância, um treinamento ético dentro dos princípios samurais. Outro fator importante e que permeia toda sua obra, é seu conhecimento da Bíblia. Isso porque, enquanto universitário nos EUA, de 1884 a 1887, teve contato com o cristianismo e formalmente se tornou membro da comunidade cristã Quakers (Sociedade dos Amigos). Sendo assim, pelo fato de sua obra tratar sobre os princípios éticos e morais da classe japonesa dos samurais, considera-se que ela é sem dúvida, um referencial relevante, para todos os pesquisadores de religiosidade e arte marcial nipônica.

Foi organizada uma síntese das idéias dos seguintes autores: Gusty L. Herrigel autor de *O Zen na Arte da Cerimônia das Flores* (1995), Reinhard Kammer em, *O Zen na Arte de Conduzir A Espada* (1995), Kenneth Kushener em *O Arqueiro*

*Zen e a Arte de Viver* (1992) e o clássico de Eugen Herrigel, *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen* (1995). No estudo das obras dos referidos autores, constatou-se que o mero domínio das técnicas não satisfaz verticalmente a consciência do praticante, que sempre sabe que naquela arte praticada há algo a mais a ser atingido ou descoberto. Entrementes, existe ali um mistério a ser descoberto e esse mistério, para os autores estudados, pertence ao reino da metafísica, estando além da compreensão analítica ocidental, surgindo da verdadeira “sabedoria transcendental”, chamada no budismo de *Prajna*. Dessa forma, expressam os autores que, arte e religião são intrínsecas e intimamente ligadas na história da cultura japonesa. As artes por eles praticadas, já expressas nos títulos de seus livros, não se mostram como uma arte no seu sentido verdadeiro, mas sim, como a expressão de uma experiência de vida extremamente profunda e particular.

A dissertação de mestrado de Apolloni (2004) é um dos pouquíssimos trabalhos acadêmicos sobre arte marcial em Ciências da Religião, indica caminhos para se conhecer como se dá o contato entre o conjunto semântico da religiosidade brasileira e os elementos religiosos orientais (taoístas, budistas e confucionistas) presentes na arte marcial chinesa, o Kung Fu. O autor, ao fazer uma pesquisa com um número reduzido de pessoas, alcança em profundidade as raízes do Kung Fu no Brasil, e então, estabelece como se dá a relação dos praticantes com o passado histórico da arte praticada, com os mestres chineses e também como são transmitidos os conhecimentos filosóficos, do Taoísmo e do Budismo Zen, conceitos um tanto abstratos para a mente ocidental. Também faz uma detalhada identificação da relação e do valor que os praticantes de arte marcial chinesa dão aos elementos religiosos chineses presentes no Kung-Fu, e da relação dos mesmos com a semântica dos ideogramas e a interpretação a respeito da forte iconografia encontrada nas academias.

No entanto, há outro aspecto neste estudo que chama a atenção, e que corrobora com as buscas, servindo assim como valiosa fonte é o enfoque

... pelo viés da chamada “religiosidade fragmentária”, isto é, pela análise de como elementos religiosos de uma determinada cultura acabam “contrabandeados” para dentro de outra a partir de atividades aparentemente não relacionadas a qualquer forma de religiosidade. (APOLLONI 2004: 12)

Hiroshi Ozawa em, *Kendo The Definitive Guide* (1997), aborda desde as técnicas básicas para os treinos combinados chamados de Kata, aos princípios de combate. O livro é dividido em treinamentos formais e técnicas competitivas que evoluem desde o preparo físico ao preparo mental. Também oferecem, em seu anexo, informações fundamentais sobre o Kendo e um Glossário com todas as terminologias utilizadas nas academias.

O antropólogo John J. Donohue fez um trabalho a partir de um antiqüíssimo livro sobre esgrima japonesa, escrito pelo samurai Miamoto Musashi, o *Complete Kendo* (1999). O livro é na verdade uma versão em linguagem moderna do que já foi escrito por Musashi e dá maior ênfase aos aspectos filosóficos do kendo do que nas técnicas. E exatamente por ser embasado em um clássico livro sobre Budo, se torna relevante material de estudo.

A principal razão da importância deste trabalho é a inexistência, em território brasileiro, pelo que a busca até agora aponta, de estudos que tenham como escopo a religiosidade no Budo (arte marcial japonesa), um fenômeno que, segundo a Confederação Brasileira de Judô (2006) congrega, no Brasil, mais de três milhões de praticantes oficialmente registrados ou não e mais de quatro mil praticantes de Kendo, segundo a Confederação Brasileira de Kendo (2006). Quanto ao Aikido não há um senso comum, muito provavelmente pelo grande número de “federações” ou grupos oriundos de diferentes mestres que não congregam uma só federação, como no caso do Judô e Kendo, algumas delas: FEPAI (Federação Paulista de Aikido), liderada pelo mestre Makoto Nishida ; Brasil Aikikai, liderada pelo prof. Wagner Bull e outros; União Aikikai do Brasil, liderada pelo mestre Reichin kawai; AIZEN liderada pelo mestre Ishitami Shikanai ; Associação Pesquisa de Aikido liderada pelo mestre Keizen Ono.

As diversas formas de Budo crescem e ininterruptamente, no entanto devemos nos atentar para a grande presença de simbolismo e pressupostos existentes nessa arte. A palavra **BUDO**, por exemplo, tem como fator constituinte o sufixo **Do** que tem uma íntima relação com a religião japonesa, nesse caso o Budismo. Na palavra japonesa Budo, **Bu** é traduzido por “guerra” e o conceito de **Do** (Tao em chinês) originou-se do Zen Budismo e se refere ao Caminho ou lugar para se alcançar a iluminação.

**Dojo**, que é a designação para o local destinado para o treinamento das artes marciais e de práticas religiosas, foi tomado emprestado do Zen Budismo. O significado original, em língua Sânscrito, significa *bodhimandala*, ou local da Iluminação (SUZUKI 1973).

Estes e outros símbolos presentes no universo do Budo são de fundamental importância para serem estudados, não só pela Sociologia, Antropologia e História, mas em especial pela a área das Ciências da Religião por ali estarem presentes fortes indícios de uma implícita introdução clandestina, para dentro de nossa cultura, de conteúdos religiosos budistas por meio de uma atividade que supostamente não está relacionada a qualquer forma de religião.

No que se refere ao crescimento do Budo no Brasil, vários são os fatores que o estão impulsionando. Tomando como exemplo o estudo de Apolloni (2004), que também aborda como a indústria do entretenimento do século XX influenciou na aproximação entre sociedade e arte marcial chinesa, Kung Fu, convém lembrar que, a respeito da arte marcial japonesa, o mesmo aconteceu, pois há muito tempo a mídia exerce influência com uma contínua enxurrada de filmes de lutas, por exemplo, Karate Kid I,II e III com o lendário Senhor Miagui, com as obras de Akira Kurasawa sempre enaltecendo o Japão e a figura do Samurai e, por último, porém, com maior evidência, o filme O Último Samurai, que aparece aliado com a nova cultura de consumo, de literatura popular, as Mangás (um tipo de revistas em quadrinhos japonesas), que trazem a lendária figura do samurai para junto de nossa literatura infanto-juvenil.

Outro importante gênero de entretenimento, que não se pode preterir, são os vídeo games, que desde sempre exploraram as lutas e que teve como novidade para o ano de 2008 o jogo para Playstation 2, *David Douillet Judo*. O protagonista deste novo jogo é o francês, tetra campeão mundial e bi campeão olímpico de Judô, David Douillet.

Outros estudos, assim como o realizado por Apolloni (2004), foram feitos a respeito da arte marcial chinesa. No entanto, ao comparar-se a arte marcial japonesa com a chinesa, cujas imagens são resgatadas por Bruce Lee e Jack Chan, nitidamente ver-se-á muitas diferenças. Tais diferenças podem ser visualizadas já a partir das técnicas utilizadas, mensagem, vestimenta, postura física dos lutadores

(as lutas tradicionais japonesas sempre preconizaram o **Shizen Tai**, que é a postura natural do corpo).

Estas explicações são necessárias para indicar como este trabalho, assim que concluído, abrirá precedentes para futuras investigações comparativas entre dois campos (religiosidade e arte marcial japonesa e religiosidade e arte marcial chinesa) ainda desconhecidos pelas ciências humanas em particular pelas Ciências da Religião, pois ambas: arte marcial chinesa e japonesa, de maneira análoga, mostram indícios de uma possível introdução clandestina, para dentro da cultura brasileira, dos elementos religiosos orientais a partir de atividades esportivas supostamente não relacionadas à religião, e que podem levar os indivíduos à conversão religiosa.

O objeto de nosso estudo é a influência do pensamento Religioso japonês nos praticantes de Artes Marciais Japonesas no Brasil, representados por professores e atletas brasileiros praticantes de Kendo da cidade de São Paulo e Grande São Paulo. O foco dessa dissertação está em investigar se há influências implícitas ou explícitas dos ensinamentos religiosos Japoneses Zen Budista nos praticantes da arte marcial japonesa **Kendo**. Investigou-se se a *religiosidade* inerente ao kendo interferiu na conduta de certos praticantes conceitos religiosos oriundos de uma religião que ele não se converteu. Ou se eles, gradualmente, estariam se tornando susceptíveis à religiosidade japonesa, por intermédio desses elementos religiosos japoneses do budismo, que estão presentes nesta arte marcial.

Fizeram parte da amostra vinte pessoas praticantes de Kendo, de ambos os sexos e com idade adulta. Estas pessoas foram divididas em dois grupos da seguinte forma: oito com graduação acima de Sandan (3º grau) e 12 com praticantes com graduação máxima de até Nidan (2º grau)

O enfoque foi de caráter sociológico, pois os estudos ocorreram dentro das instituições de arte marcial, focando as relações dos praticantes de Budo com a cultura religiosa japonesa no Brasil e como os substratos dessa relação influenciam no cotidiano destas pessoas.

A modernização (e também ocidentalização) da prática de Budo acabou tornando-a mais acessível a toda população, lembrando que essa atividade em sua origem era destinada somente aos adultos que exercessem atividade militar no

Japão. Com essa transformação, todo o processo de transmissão tradicional dos conteúdos e da prática tradicional foi modificado e adaptado à nova cultura para, principalmente, melhorar o desempenho dos atletas em competições.

Enfim, a indagação central deste estudo foca a presença de indícios do pensamento religioso japonês no Budo praticado no Brasil e como se manifestam tais pensamentos.

Com o advento dos filmes, mídia, literatura popular e principalmente as competições desportivas, o Budo (arte marcial japonesa) se popularizou muito. Em se tratando de **Budo**, a revista Veja (2005) dedicou uma reportagem sobre Arte Marcial e informava que todas as artes marciais no Brasil crescem 10% ao ano. O curioso está no fato de que em uma cidade tão violenta, como São Paulo, era de se esperar que as pessoas procurassem essas artes como um tipo de defesa pessoal. Entretanto, esse dado nem foi enfatizado pela reportagem, pois o que realmente estaria motivando e levando as pessoas às academias seriam apenas os benefícios que estas trazem ao corpo e à mente.

Por conta da mídia e de outras influências tais como: família e amigos, o Budo tem fama de trazer benefícios ao corpo e à mente. É uma manifestação cultural japonesa, que se tornou famosa e digna de confiança mesmo antes do indivíduo ingressar na prática efetiva.

Nota-se que nos calendários de campeonatos das Federações Paulista de Kendo há uma grande evidência de que o Budo brasileiro, além de ser um fenômeno predominantemente urbano, é relativamente "forte" principalmente nos Estados de São Paulo e Paraná. Tal fato fortalece a necessidade de se ter uma comunidade japonesa, expressiva, por perto para a existência do Kendo. Esta afirmação é relevante pelo fato de que muitas outras atividades esportivas são indiferentes à presença de seus criadores como, por exemplo, o futebol, que dispensa a presença de uma comunidade inglesa, para a manutenção dessa modalidade no Brasil.

Acerca da religiosidade nacional, sabe-se que, no Brasil, a predominância religiosa é cristã, no entanto o Budo tem fortes ligações com o budismo e o xintoísmo. Como os ensinamentos religiosos do Kendo não são explícitos e nem catalogados nos sites e apostilas técnicas, muitos dos rituais e práticas místicas do

Kendo foram sincretizados pelos brasileiros que fazem leituras cristãs de práticas budistas.

Por fim, destacamos que as características implícitas do Zen, presentes no Budo, motivam os praticantes a estar procurando no Kendo, além dos benefícios físicos, também um desenvolvimento espiritual.

A princípio tem-se por hipótese que as práticas mágico-religiosas e as crenças místicas ainda podem ser encontradas entre Kenshis (praticantes de kendo), apesar da crescente valorização dos resultados em competições e profissionalização dessas modalidades.

A hipótese ou suposição preliminar deste trabalho está embasada no questionamento de que haveria indícios implícitos e explícitos da religiosidade japonesa no Kendo brasileiro e esses indícios poderiam levar seus praticantes à aceitação e até a prática de rituais do Zen Budismo e do Xintoísmo. Para esclarecer tais suposições é necessário observar que:

- Em Budo, o nome designado ao local de treinamento poderia ser tido como um símbolo religioso. A meditação antes e após o treinamento, principalmente no Kendo, poderia ser considerada como parte de uma prática religiosa e o estado mental objetivado por ela poderia ser visto como algo que integra a essência da filosofia Zen budista. Estes indícios podem se apresentar de maneira implícita ou explícita, como será demonstrado no decorrer desse estudo com base na simbologia Zen Budista.

- Sob uma influência subjetiva da simbologia religiosa japonesa, supõe-se que com o tempo a prática exerceria grandes influências em seus praticantes. As pessoas ingressariam no Budo por vários motivos e sob diversas influências e com os anos de prática, mudariam seu foco de treinamento passando a valorizar mais os aspectos filosóficos e religiosos da modalidade. Ou seja, o Budo poderia interferir no conceito de moralidade do indivíduo, por conta do tempo de prática e por meio de experiências práticas.

- Devido à prática de Kendo estar quase que em sua totalidade voltada para a comunidade japonesa e seus descendentes, ali se pode encontrar mais presentes os **aspectos tradicionais** das religiões japonesas. Dessa forma, seus praticantes podem ter maior susceptibilidade à influência das religiões japonesas

- Ainda a respeito do Budo e sua religiosidade, trabalha-se com a probabilidade de encontrar, junto com a religiosidade japonesa, traços religiosos que se desenvolveram no Brasil, especificamente pela facilidade de sincretismo pertencente ao Brasil.

Este trabalho teve por objetivo identificar as características do Zen Budismo, presentes na arte marcial japonesa chamada Kendo, as quais não estão explícitas na divulgação da mesma. As formalidades e “rituais” que envolvem esta prática atraem muitas pessoas e por algum motivo, permite que seus adeptos aceitem e eventualmente pratiquem os princípios religiosos japoneses, que muitas vezes não lhes são pertencentes, na maioria das vezes, sem perceber.

Ao final, pretendemos subsidiar, com material de qualidade, professores de Educação Física e mestres de Budo. Uma carência que necessita ser suprida, pois o Budo, além de constituir atividade curricular em alguns colégios, cresce ininterruptamente no Brasil e representa a nação em Olimpíadas e Campeonatos Mundiais.

A pesquisa de campo ocorreu nas academias e competições. Seguindo GIL (1995), foram utilizadas as técnicas de interrogação na forma de questionário. Nas entrevistas foram adotadas questões fechadas, mas que propiciaram uma gama de respostas suficientes (SILVA 2002). Foram empregadas quarenta e uma perguntas, não íntimas, que não dessem sugestão de respostas, fáceis de entender e próprias à elaboração de questionários.

O pré-teste do questionário foi realizado com um grupo de três kendokas com razoável experiência e depois de verificado o tempo despendido para resposta, em seguida foi reorganizado, analisado, corrigido e por último aplicado. A coleta de dados ocorreu no âmbito das academias (Bunkyo e Piratininga) e nos campeonatos, sendo que, procuramos oferecer aos participantes o máximo de privacidade durante a aplicação dos questionários.

De volta ao nosso objeto específico, nas visitas realizadas às várias academias de Kendo, encontramos elementos suficientes para informar que nas academias de Kendo há indícios de elementos do Zen Budismo. No entanto, trata-se de locais de prática onde, efetivamente, os alunos desenvolvem seu trabalho marcial, sem grandes considerações pelo aspecto religioso, mas vale destacar que o

trabalho nessas academias inclui a meditação, que é um dos pilares, se não o principal, do Zen Budismo.

No primeiro capítulo dessa dissertação foi abordado o impacto do Budismo nos diversos âmbitos da sociedade japonesa e como esse ultrapassou as barreiras da religião, influenciando os mais inesperados campos como é o caso Arte Marcial. Percorremos também pelas características sincréticas dessa cultura que mistura budismo, xintoísmo e confucionismo.

Acerca da expansão do ultramar do Budismo japonês, foi mencionado que elas ocorreram a partir do século XIX. No Brasil, sua história diverge muito das de outros países ocidentais pela peculiaridade do total desinteresse por parte dos primeiros imigrantes e até do governo japonês de estabelecerem templos e missionários no Brasil.

Fizemos também um esboço da atual situação das pesquisas sobre o budismo no Brasil destacando a história e a cronologia dos templos de São Paulo, principalmente o Bushinji do bairro da Liberdade.

No segundo capítulo foi abordada a relação entre arte marcial japonesa e o Budismo. Por meio da revisão bibliográfica esboçamos os principais fundamentos da cultura japonesa para podermos compreender o processo histórico e de transformação das artes marciais japonesas. O foco foi o resgate das heranças religiosas oriunda da classe militar do Japão feudal e sua fusão como Zen Budismo.

No terceiro capítulo foram apresentados os métodos utilizados da coleta de dados, apresentado os resultados e discutidos.

## 1. O Budismo - Principais Características

O Budismo surgiu na Índia e fez um longo percurso pelo extremo oriente até chegar ao Japão, sendo importante observarmos que o Budismo nipônico desenvolveu características particulares. Tais particularidades ocorreram devido a fatores históricos e sócio-culturais e a combinações religiosas muito específicas, em particular sua relação de interdependência com a cultura e suas manifestações artísticas. Com uma história de quase mil e quatrocentos anos, o Budismo japonês ultrapassou as fronteiras do Japão e de sua diáspora. Atualmente, é um dos Budismos mais atuantes e divulgados no Ocidente.

Este capítulo apresenta uma breve história do surgimento do Budismo e sua configuração no Japão como base para se entender suas características fundamentais e sua manifestação na cultura nipônica, pois apesar de o Budismo ter se espalhado por várias regiões do mundo, interessa-nos aquilo que ocorreu com o Budismo no Japão, uma vez que o nosso foco – o Budo – é uma arte marcial originária desta região e que sofreu forte influência do Budismo *Zen*.

### 1.1 – Um breve relato histórico a respeito do Budismo

O Budismo formou-se no nordeste da Índia, entre os séculos VI e IV a.C.. Este período corresponde a uma fase de alterações sociais, políticas e econômicas nesta região do mundo. A antiga religiosidade Bramânica, centrada no sacrifício de animais, era questionada por vários grupos religiosos, que geralmente orbitavam em torno de um mestre (guru) (KÜNG 2004).

Portanto, o início do budismo estava intimamente ligado ao hinduísmo, religião na qual Buda é considerado a encarnação ou Avatar de Vishnu (Deus do panteão hindu). É mister lembrar que ambas as religiões tiveram seu crescimento interrompido na Índia a partir do século VII, com o avanço do Islamismo e com a formação do grande império árabe. Mesmo assim, os ensinamentos cresceram e se espalharam pela Ásia, e a cada cultura foram adaptados, ganhando, assim, características próprias em cada região que se estabilizava (KÜNG 2004).

É uma religião e filosofia baseada nos ensinamentos deixados por Siddharta Gautama ou Sakyamuni (o sábio do clã dos Sakya) o Buda histórico, que viveu aproximadamente entre 563 e 483 a.C. na Índia. De lá, o budismo se espalhou pela Ásia, Ásia Central, Tibete, Sri Lanka (antigo Ceilão), Sudeste Asiático como também para países do Leste Asiático, incluindo China, Myanmar, Coréia, Vietnã e Japão (GARD 1964). Hoje, o budismo se encontra em quase todos os países do mundo e é amplamente divulgado pelas diferentes escolas budistas (KÜNG 2004; GARD 1964).

A base do budismo é a compreensão das Quatro Nobres Verdades, ligadas à constatação da existência de um sentimento de insatisfação (Dukka) inerente à própria existência, que pode, no entanto, ser transcendido mediante a prática do Nobre Caminho Óctuplo (YÜN 2004).

Outro conceito importante, que, de certa forma, sintetiza a cosmovisão budista, é o das três marcas da existência: a insatisfação (Dukka), a impermanência (Anicca) e a ausência de um "eu" independente (Anatta) (YÜN 2004).

Sendo assim, os ensinamentos básicos do budismo são: evitar o mal, fazer o bem e cultivar a própria mente. Seu objetivo é levar à extinção do ciclo de sofrimento, chamado Samsara, que significa um ininterrupto ciclo de renascimento e de morte. Depois de findado este ciclo, busca-se despertar no praticante o entendimento da realidade última, chamado de Nirvana<sup>1</sup> ou Iluminação (YÜN 2004; HUMPHREYS 1999).

O budismo dividiu-se em várias escolas, algumas das quais vieram a se extinguir. A principal divisão que existe atualmente é entre a escola Theravada e as linhagens Mahayana e Vajrayana (KÜNG 2004; GARD 1964).

Segundo Gard (1964) Mahayana significa “o grande veículo ou ensinamento” e se espalhou na direção norte, em países como Tibete, China, Vietnã, Coréia e Japão. Theravada significa “escola dos anciãos ou monges” pejorativamente conhecida como “Hinayana” ou “o pequeno veículo ou ensinamento” e se

---

<sup>1</sup> Nivana é a denominação para a libertação transcendente e singularmente indescritível, é o estado de paz incomensurável e o objetivo final da prática budista: Página consultada em: [http://www.acessoaoinsight.net/caminho\\_liberdade/nibbana.php](http://www.acessoaoinsight.net/caminho_liberdade/nibbana.php)

popularizou mais nas regiões do sudeste asiático tais como: Sri-lanka (ex-Ceilão), Mianmar (ex-Birmânia), Tailândia e outros países da Ásia do Sul.

## 1.2 - Uma Sinopse Histórica do Budismo Nipônico

No Japão, a primeira forma de Budismo que chegou foi o Mahayana, por volta da metade do século VI, quando o rei do império de Paekche/Baekje (território que compreendia um dos três reinos constituintes da Coréia daquela época e que hoje se chama Manchúria), objetivando estabelecer pacíficas relações com o Japão, enviou, por meio de monges itinerantes, imagens do Buda e textos sagrados como presentes para o imperador Japonês e toda sua corte (YOSHIDA s.d.). A data exata em que o Budismo chegou ao Japão ainda é incerta e a única certeza que o autor nos dá é que o Budismo foi transmitido para o Japão durante o período Kinmei (530-571) em um território conhecido por Wa.

O período mencionado pelo autor se refere ao Período Asuka ou Budismo Asuka. Esta época se refere a um momento histórico do Budismo onde este dependia totalmente do patrocínio dado pelos fortes políticos do Estado de Wa, como por exemplo: as poderosas famílias aristocratas (chamadas de *uizoku*), especialmente a família Soga e os visitantes e imigrantes que tinha significativa influência política. Este período pode ser descrito como Budismo *ujizoku* ou Budismo das famílias mantenedoras. Ainda hoje existem no Japão cerca de cinquenta ruínas de templos construídos pelas famílias desta época e estes, se localizam ao redor de Asuka em Yamato e em Kinai (Kansai) (YOSHIDA sd).

Segundo Gonçalves (1979) é nessa época que surge a figura do até hoje idolatrado Príncipe Shotoku que, no reinado da imperatriz Suiko (592-628), assume a regência (de 593 a 622) e introduz profundas reformas administrativas. Entre elas se destaca a promulgação da chamada Constituição de Dezessete Artigos (604). É a mais antiga lei escrita japonesa, promulgada, conforme a tradição registrada no Nippon-Shoki (Crônica do Japão), no ano de 604. Esse documento tem uma profunda influência do Budismo, e da ideologia ético-burocrática do Confucionismo. Esse príncipe era um entusiasta do Budismo, o que o levou a construir templos e a fazer, ele próprio, pregações na Corte. No artigo 2º da constituição está evidente que

ele apresenta uma exortação à veneração das Três Jóias do Budismo: o Buda (Mestre), o Dharma (Doutrina) e o Sangha (Comunidade de Adeptos).

De sua chegada até a era Nara (710-794) foram períodos de grande aceitação do Budismo. No entanto, é nessa época que o Zen chega ao Japão e segundo Yoshida (sd) e Matsunami, (2004) este período não foi propício para desenvolvimento do Zen. O Zen era considerado muito individualista, o que ia contra as políticas públicas vigentes, que requeriam das “novas religiões” elementos que contribuíssem com os propósitos do governo. Sendo assim, estas primeiras formas de Zen não conseguiram se estabelecer e a contagem cronológica do Zen só teve início, de fato, na era Kamakura (1180-1333).

No período Heian (794-1185) o Budismo começa a se aproximar da cultura japonesa (sincretismo) e se propaga paulatinamente no interior do país. Nesse início o Budismo era um movimento de elite, voltado exclusivamente à nobreza.

Já o período Kamakura foi considerado muito importante para a história e desenvolvimento do budismo japonês, em relação aos períodos anteriores, porque foi naquela época que surgiram algumas escolas, com novas formas de ensinamentos que tornaram o aprendizado do Budismo fácil e praticável (YOSHIDA sd). As principais personalidades que configuraram este novo quadro do budismo japonês foram: Honen, fundador da Jodo Shu; Shinran, fundador da Jodo Shin Shu; Eisai, o introdutor do Zen; Dogen, fundador da escola Soto Zen Shu; Nichiren, fundador da seita Nichiren, e Ippen, famoso monge itinerante propagador do Budismo Terra Pura.

Ou seja, o Budismo era inicialmente uma religião da aristocracia e, lenta e gradualmente, foi-se tornando uma religião das camadas populares do Japão (MATSUNAMI 2004).

A era Kamakura também se destaca porque foi um período onde não só o Budismo despertava de quase 150 anos de inanimação, advinda de medidas governamentais extremamente persecutórias, mas também pelo ressurgimento de interesse na China, particularmente na produção cultural da dinastia Sung (YOSHIDA s.d).

No período Tokugawa (1600-1868) o Budismo se torna religião oficial do governo militar japonês, o xogunato, sob comando absoluto da família Tokugawa, que era adepta do budismo da *Jôdo-shû* (YOSHIDA s.d). Nessa época é instaurado um sistema “paroquial” (*danka-seidô*) para controle da população. Nesse sistema cada família era obrigada a ter um certificado de filiação no templo de seu lugarejo, independentemente da seita budista (ROCHA 2006).

A Restauração Meiji (1868-1912) pôs fim ao auto-recluso regime feudal e deslanchou um projeto ambicioso de modernização do país. Nesse período, o Budismo era uma religião em crise (SAUNDERS 1980). Primeiramente, porque havia perdido sua vitalidade e apelo ao se tornar uma religião estatal durante o período Tokugawa (1600-1868). Em segundo lugar, porque o novo governo (Meiji) tentou excluir todas as influências budistas e confucionistas do universo xintoísta, para que o Xintó fosse declarado, em 1870, a religião nacional, sob a denominação *Daikyô* ou “A Grande Doutrina” (também conhecido como *Kokka Shintô*, “Xintoísmo Estatal”). A atitude do governo incitou uma onda de violência contra as organizações budistas, em que imagens e símbolos budistas foram destruídos, alguns templos foram transformados em santuários xintoístas etc (SAUNDERS 1980).

### 1.2.1 - Características do Budismo Japonês

No mundo existem muitas tradições do budismo e dentro do Japão também. Sendo assim, suas diferenças são explícitas, principalmente no que se refere aos principais textos<sup>2</sup> a serem adotados como referência e práticas (BAUMANN 1994).

A popularização do Budismo demorou vários séculos e envolveu sua “aculturação”, principalmente por meio de sincretismos com o Xintoísmo<sup>3</sup> e as crenças populares. Esse processo produziu, por um lado, feições peculiares no Budismo japonês, que o distingue do de outros países. Segundo Sakurai (2007) o Budismo não somente teve um relacionamento sincrético com o Xintoísmo, mas também desenvolveu uma espécie de “parceria” com o mesmo, no que refere aos ritos de passagem: Se por um lado o Xintoísmo geralmente está relacionado com o nascimento e o matrimônio, o Budismo dá seguimento no âmbito do culto aos

---

<sup>2</sup> Escritos do *tripitaka*, que são as escrituras canônicas do Budismo. Escritas em páli e se referem ao budismo indiano aproximadamente dos séculos II e IV

<sup>3</sup> Religião xamânica nativa do Japão

antepassados e dos ritos funerários. Porém, não se deve esquecer que apesar de não serem muito comuns, também há casamentos budistas e funerais xintoístas.

Também há no Japão uma subdivisão dentro da tradição do Budismo Mahayana, chamadas Zen, Terra Pura, Shingon e outras, porém, segundo Suzuki (1973), de todas essas a que mais contribuiu para a constituição da cultura e moral japonesa foi o *Zen Budismo*, em vários sentidos: *amor á natureza, cerimônia do chá, poesia haiku, cerimônia do chá e as artes marciais tipicamente japonesas chamadas Budo*. Sendo assim, para se atingir os propósitos deste trabalho, somente o *Zen* foi abordado com maior ênfase.

### **1.2.2 - A Chegada do Zen no Japão**

Zen é o nome japonês de um ramo do Budismo Mahayana praticado sobretudo na China, Japão, Vietnam e Coréia.

Assim como todas as escolas budistas, o Zen remete suas raízes ao budismo indiano e a palavra *Zen* vem do termo sânscrito *Dhyana*, que denota o estado de concentração típico da prática meditativa (YOSHIDA 2003; SUZUKI 1986).

Antes de chegar ao Japão, primeiramente o Zen foi introduzido na China por um aristocrata Sul-indiano, filho de rei, chamado Bodhidharma. Este por sua vez foi praticamente um desconhecido em sua época, porém, hoje Bodhidharma é o patriarca de milhares de Zen Budistas e praticantes de artes marciais (PINE 1989). O autor ainda afirma que a contribuição cultural levada por Bodhidharma à China e todo o oriente, não se restringe somente ao Zen, mas às artes marciais e aos costumes mais elementares da sociedade oriental como, por exemplo, o hábito de tomar chá, primeiramente adotado pelos monges com o intuito de se manterem acordados, durante a meditação e depois popularizado em todo o Oriente.

Segundo Matsunami (2004) as primeiras sementes do budismo Zen foram plantadas no Japão ainda no século VII pelo monge Dosho (638-700), o patriarca da tradição Budista Hosso, que após ter retornado da China estabeleceu naquele país o primeiro centro de meditação Zen.

Este pequeno centro de meditação Zen, que ficava em uma pequena cidade, logo foi transferido para Nara, até então capital do Japão e se chamava Heijo-ukyo zen-in. Ali, Doshu, manteve textos da tradição Zen, que também trouxera da China e um pequeno número de discípulos.

Houve outros mestres que também contribuíram para a implantação do Zen. O mestre chinês Tao-hsuan, que transmitiu o Zen para mestre Gyoho e que foi mestre de Saicho da tradição Tendai, foi um deles. Este último, segundo Matsunami (1993), foi muito influenciado pelo Zen, tanto que posteriormente introduziu a meditação Zen como prática de outra seita budista chamada Tendai.

### **1.2.3 - A Relação entre Budismo e Arte Marcial**

Acerca da influência do Budismo nas artes marciais japonesas, especial atenção foi dedicada no segundo capítulo dessa dissertação. No entanto, acreditamos ser necessário apresentarmos uma breve introdução, com o objetivo de finalizarmos a contextualização do budismo no Japão antes de abordarmos o Budismo no Brasil.

Desde o início do desenvolvimento do Budismo, o treinamento físico sistemático se tornou um componente central da disciplina monástica. É dito que Sidarta Gautama, o fundador do Budismo, era muito habilidoso nas artes marciais indianas e que ficou impressionado com a eficácia daqueles métodos para a unificação da mente e do corpo (DONALD 1984:5).

O desenvolvimento do Budismo chinês foi muito importante também para a evolução das artes marciais chinesas (APOLLONI 2004). Como foi visto anteriormente o agente da introdução do Zen budismo na China foi o monge budista Boddhidharma, considerado o 28º patriarca de uma linha direta que descende do Buda Sidarta Gautama. O budismo introduzido por ele pode ser chamado de Dhyana (Sânscrito), Cha'n (chinês) e Zen (japonês).

Na china houve um período que Boddhidharma viveu no monastério budista chamado Shaolin. Quando chegou àquele monastério, ele encontrou os monges preocupados somente com o alcance da iluminação por via apenas das práticas religiosas e totalmente displicentes com a saúde (DONALD 1984). Assim como o

Buda, ele também era de origens nobres, ele pertencia à casta dos *kshatriya*, ou seja, a classe guerreira, por tanto ele era muito bem treinado nas artes marciais indianas (PINE, 1989) e devido a essa formação marcial ele compreendia a interdependência entre a saúde mental, física e espiritual. Além disso, a prática budista ensinada por ele, o *Zazen* se mostrou muito difícil para aqueles monges que freqüentemente dormiam nas sessões. Diante desse cenário, ele introduziu na rotina do templo de Shaolin uma série de oito exercícios (as oito mão de Lo-han) não só para melhorar a saúde, mas também para protegê-los (DONALD 1984).

No Japão as inovações no âmbito das artes marciais se estabeleceram juntamente com a classe guerreira (samurai) depois do século X e da introdução do Zen no século XII. A partir desse período a cultura do *Bushido*, o *Caminho do Guerreiro*, se desenvolveu basicamente a partir das idéias budistas, xintoístas e confucionistas (NITOBÉ 2002). Juntamente com o treinamento militar os Samurais passaram a treinar o budismo porque este lhes provia a coragem necessária para enfrentar a morte. Na era tokugawa, muitos samurais que se transformaram em monges adaptaram os ensinamentos budistas para transformar as artes marciais de uma prática mesquinha, em um veículo para a libertação por meio da ênfase em formas de treinamento que priorizassem o desenvolvimento espiritual dos praticantes (DONALD 1984).

### **1.3 - O Budismo no Brasil**

Tomando-se por base nossas pesquisas, observamos que os estudos sobre o Budismo brasileiro, embora tenha sua própria história e desenvolvimento, de maneira geral, está profundamente relacionado à história e ao desenvolvimento do Budismo Ocidental.

Segundo Baumann (2002) o processo de divulgação do budismo no Ocidente teve início a partir da segunda metade do século XIX e foi uma fase centrada, basicamente, somente nas traduções de texto. Ainda com o mesmo autor vemos que, somente no final deste mesmo século é que houve uma difusão maior do budismo no Ocidente impulsionada, principalmente, por meio das organizações internacionais e dos imigrantes japoneses e chineses, na Europa e nas Américas.

Em se tratando expansão do budismo japonês, a primeira fase da expansão, que vai da Era Meiji (1868-1912) à Segunda Guerra Mundial, existem alguns fatores muito significativos, além da imigração para os Estados Unidos e Brasil, tais como: a formação do Império Japonês; a atuação de certos budistas favoráveis à modernização do Budismo e a sua difusão no Ocidente; e a participação de monges budistas no Parlamento Mundial das Religiões de 1893, em Chicago (SHARF apud ROCHA 2006).

Depois do retrocesso que as sociedades budistas, organizadas em diversos países, tiveram devido à Segunda Guerra Mundial (BAUMANN 2002), no pós-guerra, reforçando a ação de proselitistas budistas do porte de D.T. Suzuki, fatores intrinsecamente ligados à globalização e à situação dos países receptores foram responsáveis pela difusão do Budismo japonês em culturas estrangeiras. Entre esses fatores destacamos: os movimentos da “geração *beat*” e da *Contra-cultura* e a crescente democratização religiosa em vários países (LOPES 1995; SHARF 1995).

A partir dos anos setenta, há um rápido crescimento de pessoas que se identificavam enquanto budistas (BAUMANN 2002). Usarski (2002) atribui esse fenômeno ao surgimento de outro par de *tipos ideais* de budismo, ao lado da dicotomia entre "budismo de imigração e de conversão". Seria o budismo *tradicionalista*, com ênfase nos rituais e nas devoções; e o budismo *modernista*, caracterizado pela mediação dos livros e por uma interpretação racionalista.

O *budismo modernista* ocorre no mesmo momento que o *budismo de conversão* de "segunda geração (USARSKI 2002)", que teve destaque nos anos 70. Esses budismos têm maior diversidade de adeptos, dispersão geográfica e doutrina heterogênea. É um budismo de caráter internacional e globalizado, que tem produzido um impacto muito forte na sociedade brasileira. Este Budismo é representado em três sub-categorias: Zen-Budismo, Sôka Gakkai e Budismo Tibetano (USARSKI 2002).

### 1.3.1 - Considerações acerca dos primeiros momentos do Budismo Japonês no Brasil

Apesar de alguns autores defenderem a idéia de que o budismo não foi disseminado no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial (SAITO; MAEYAMA 1973; NAKAMAKI 1994 apud ROCHA 2006) é o historiador e monge budista, Ricardo Gonçalves que afirma que o primeiro navio japonês que aportou no Brasil em 1908, trazia a bordo o budismo japonês por meio do missionário Tomojirô Ibaragi<sup>4</sup> (1886-1971) da tradição Honmon-butsuryû-shû (uma filial da tradição Nichiren). Ibaragi teria estabelecido o templo mais antigo em Bauru, no Estado de São Paulo. Logo depois veio um monge da tradição *Shingon* e em 1925, o primeiro monge da *escola Jodo Shinshu*. Sendo que, o primeiro templo budista brasileiro foi estabelecido pela *Jodo Shinshu* em 1932 na cidade de Cafelândia no Estado de São Paulo (GONÇALVES 1990).

O cenário para a divulgação e expansão do Budismo naquela época não se mostrou propício, pois os primeiros imigrantes japoneses que chegaram inicialmente ao porto de Santos, em São Paulo, emigraram para trabalhar exclusivamente nas plantações de café, algodão e de banana e com a intenção de permanecerem no Brasil só por um curto período tempo, suficiente pra acumular dinheiro e retornar ao Japão assim que conseguissem o necessário (SAITO 1973).

Além disso, o sistema de primogenitura no Japão estipula que o primogênito herda toda propriedade da família, bem como a responsabilidade de cuidar da casa e de manter os cultos religiosos aos antepassados. Com isso, os imigrantes masculinos japoneses, que migraram para o Brasil, não eram primogênitos. Conseqüentemente, vieram ao Brasil crianças e jovens e, como eles não estavam em idade de promover cerimônias religiosas para os antepassados, a religião não imigrou de maneira expressiva e o contato desses com a religião só ocorria, de fato, nos funerais de seus familiares no Brasil (MAEYAMA 1973; ROCHA 2006)

---

<sup>4</sup> Mais informações podem ser encontradas em NAKAMAKI (2002), que em seu texto, sobre a Honmon-butsuryû-shû, relata a história de Ibaragi, um missionário dessa instituição religiosa que veio ao Brasil a bordo do primeiro navio de imigrantes japoneses. A história de Ibaragi confunde-se com a história dos japoneses no Brasil e foi retratada em filmes como *Gaijin*, de Tizuka YAMAZAKI.

Existiram também sanções do governo, o Ministério Japonês de Negócios Estrangeiros proibiu missionários de todas as tradições religiosas, de acompanhar os imigrantes para o novo país porque sua presença poderia demonstrar uma evidência da não assimilação da cultura brasileira, num país até então conhecido como o maior país católico (MAYEAMA 1973).

Apesar de os primeiros momentos não terem sido profícuos, para o enraizamento do budismo japonês no Brasil, não obstante, a relação entre imigrantes e a religião japonesas mudaram completamente quando o Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial.

Os imigrantes tiveram que desistir de seu sonho de retornar à terra natal porque o Japão fora destruído tanto economicamente como moralmente (ROCHA 2006). Sendo assim, a institucionalização do budismo japonês no Brasil só veio a ocorrer, de fato, nos anos de 1950, quando todas as instituições religiosas no Japão enviaram missionários oficiais para estabelecer templos e propagar o Dharma. Este período também marca a fundação da Federação das Seitas Budistas do Brasil (USARSKI 2002; ROCHA 2006).

### 1.3.2 - O Zen Budismo no Brasil

O estabelecimento da missão Soto Zenshû no Brasil teve início em setembro de 1955 quando Rosen Takashina Zenji, o então bispo do Eiheiji e do Sojijji<sup>5</sup>, os dois principais mosteiros da tradição Sôtôshû no Japão, percorreu as maiores e principais colônias de imigrantes japoneses nas cidades de São Paulo e Paraná, sondando a possibilidade do estabelecimento de uma missão da Soto Zenshu em terras tupiniquins (GOLÇALVES 1990; ROCHA 2006).

O primeiro templo dessa tradição a ser fundado por ele foi o *Zengenji*, um templo localizado numa cidade do interior paulista chamada Mogi das Cruzes e antes de voltar ao Japão, ele criou trâmites legais que viabilizassem sua intenção de criar um *betsuin*, ou seja, um templo que seria a sede oficial da missão Soto Zenshû na América do Sul. Em 1956, foi estabelecido o Busshinji na cidade de São Paulo, e

---

<sup>5</sup> A Escola Soto Zen iniciou-se com **Eihei** Dogen, o fundador do Mosteiro **Eiheiji**, e ganhou impulso com **Keizan** Jokin, o fundador do Mosteiro **Sojiji**.

também chegou o primeiro Sokan (Superintendente-Geral) Ryôhan Shingu para fortalecer o trabalho missionário e em 1958 foi criado um templo em Rolândia (ROCHA 2006).

Em 1974, foi estabelecido em Ibiracú, no estado do Espírito Santo, o *Hakuunzan Zenkoji* ou, como é conhecido em Português, *Mosteiro Morro da Vargem*, desta vez, ao contrário do outros dois anteriores, foi criado para fazer atender aos brasileiros não-descendentes de japonês. Contrastando com os numerosos centros Zen em todo o país que não pertencem à Sôtôshû, este templo é também considerado como parte da missão, porque o abade, Daiju Bitti, um brasileiro não descendente de japonês formado no Japão, mantém fortes laços com a tradição (ROCHA 2006).

Atualmente a Sotoshu tem apenas 4 templos no Brasil e é a comunidade de budismo japonês com menor número de famílias em relação às outras como por exemplo a Jodo Shinshû (Higashi Hongwanji) que segundo Gonçalves (1990), tem 5000 famílias associadas.

Em se tratando do número das instituições budistas no Brasil em geral, com base em uma contagem das instituições budistas do Brasil, feita por Rafael Shoji (2004), em setembro de 2003 haviam 156 grupos estabelecidos no Estado de São Paulo, 35 no Rio de Janeiro e 32 no Paraná. Sendo que, das 223 instituições nos pontos de concentração de imigrantes asiáticos, foram registrados apenas 86 outros templos e centros budistas no restante do território brasileiro (Cf. VIRGÍLIO 2002b, 2002b). Para o nosso trabalho, tais dados são relevantes, pois o mesmo acontece com a demografia do Budo no Brasil.

Tudo isso aponta para o fato de que o Budismo, além de ser uma religião predominantemente urbana, é apenas relativamente “forte” nos Estados antigamente preferidos pelos imigrantes asiáticos na busca de um lugar de estabelecimento permanente. Fora desses “núcleos”, a sua situação numérica é muito precária ou, até mesmo, tão limitada que se pode dizer que, na maior parte do vasto território brasileiro, o Budismo é praticamente inexistente. (USARSKI 2004: 310)

### 1.3.3 - O Templo e seus brasileiros

Os conversos ao budismo de *primeira geração* (Cf. USARSKI 2002) no Brasil são representados por um grupo de intelectuais de classe média, que nas décadas de cinquenta e principalmente sessenta, convertem-se ao zen-budismo de origens étnicas. Na onda daquele budismo *modernista* (caracterizado pela mediação dos livros e outros artefatos da cultura nipônica) esses brasileiros iniciaram seu contato com o Budismo Zen (USARSKI 2002; ROCHA 2006) por intermédio de artigos em jornais e revistas, livros e pelo movimento poético Concretista o Zen.

A antropóloga Rocha (2006) disserta sobre diversas *resignificações* do zen-budismo. Com base em suas observações, constata-se a existência de diferenciados níveis de envolvimento e entendimento acerca dos ensinamentos budistas, que permitem, inclusive, apropriações de pequenas partes do Zen por qualquer pessoa. Com isso, podemos encontrar combinações do tipo *new-age* que interpretam o budismo como ginástica, terapia ou auto-ajuda.

Os praticantes, segundo Rocha (2006), são indivíduos de classe média alta, com nível superior, que tiveram seu primeiro contato com o zen por meio da literatura especializada. Como exemplo o monge Ricardo Mário Gonçalves que no texto *A trajetória de um budista brasileiro*, publicado em 2002, constrói sua trajetória no budismo, desde as primeiras aproximações com o Budismo (Por meio de livros, cinema e teatro) e suas viagens ao Japão. Ele também explica sua trajetória por três outras diferentes escolas zen-budistas até a tradição à qual é fixo atualmente. Já na década de oitenta, há o trabalho monástico de um desses primeiros conversos ao Zen budismo, e o engenheiro carioca Murillo Nunes de Azevedo, que consolidou uma abertura do budismo Terra Pura, em Brasília, aos não descendentes de japoneses.

O que a pesquisa de Rocha (2006) aponta, é que em suas trajetórias religiosas, esses conversos ao budismo, foram iniciados no catolicismo e também tiveram passagem por várias outras denominações, tais como a teosofia e o espiritismo. Para a autora, é recorrente neles a idéia de uma busca por autoconhecimento, entremeada por concepções holísticas e gnósticas, porque eles reproduzem uma trajetória interna que começa com as insatisfações culturais e

religiosas, dentro de seus quadros nativos de referência, passando pelo conhecimento progressivo das tendências e variações de seus ramos até aportar numa experiência tida como definitiva e existencialmente satisfatória.

A menção a essas e outras personalidades (Cf. ROCHA 2006) são importantes porque eles se tornaram figuras centrais na divulgação não só do Budismo Zen, mas também das diversas outras tradições budistas do Brasil. O Budismo Zen paulista, especificamente do templo Busshinji<sup>6</sup>, foi uma instituição crucial para a constituição do Budismo no Brasil.

Uma vez que esses novos adeptos se iniciaram no Budismo do Busshinji, foi fácil para eles explorarem outras escolas do Budismo. Para isso, alguns saíram do país, uma vez que o budismo japonês, pelo menos até o começo dos anos 1990, era a forma primária de Budismo existente no Brasil (...) eu explorei a vida desses seguidores, que deixaram o Busshinji, para se tornarem figuras centrais na divulgação de outras escolas do budismo. Eu também mostrei que outros continuaram praticando Zen, foram treinar no Japão e que quando voltaram estabeleceram seus próprios centros Zen. Ambas as experiências que tiveram seus respectivos inícios no templo da Soto, evidência o papel crucial que o templo Busshinji teve na história do Budismo no Brasil. (ROCHA 2008: 92)

Tomando-se por base a obra de Usarski (2002), entendemos que o Zen budismo, como elemento constituinte do Budismo brasileiro, ganhou visibilidade social e além dos trabalhos missionário, tem a mídia como elemento fundamental para a sua propagação; constrói elos com as esferas altas da sociedade e como a classe política e artística angariando espaço e respeito das elites. Para o autor, é fato que o Budismo nunca será um fenômeno de massa e que continuará a ser restrito a certos segmentos da sociedade, porém não significa que não exerce influências na sociedade como um todo.

---

<sup>6</sup> Templo e sede oficial da missão Soto Zenshû do Brasil.

## 1.4 - A pesquisa do Budismo no Brasil

Apesar de Budismo ter uma história de mais que cem anos no país, até agora o interesse acadêmico por assuntos afins ainda não se desenvolveu de maneira satisfatória (USARSKI 2002a). Apenas mais recentemente a produção acadêmica relevante, inclusive algumas dissertações (ALVES 2004; GENZ 2005) e teses de doutorado (LOPES 2004; SOARES 2004; SHOJI 2004) está crescendo. Depois de um moderado início no final dos anos 90 (ROCHA 1997; MATSUE 1998) — suportados somente por um pequeno número trabalhos de outra natureza (GONÇALVES, 1971, 1990; OZAKI 1990) — projetos tematicamente relacionados incluíram pesquisas sobre manifestações regionais do Budismo (GONÇALVES, J. 2002), determinadas correntes (VERRÍSSIMO 2001; ROCHA 2003), comunidades (MARUCCI 2000; PEREIRA 2001; SILVA 2002; USARSKI 2002b), escolas (NAKAMAKI 2002; ALBUQUERQUE 2002; GONZAGA 2006), instituições específicas (SOUZA 2006), sub-divisões do campo em questão (GONÇALVES, J. 2008), bem como uma busca para elementos budistas “implícitos” em determinadas expressões e técnicas culturais (FERNANDES 2001; APOLLONI 2004; BARREIRA 2004).

Uma retrospectiva à produção acadêmica acima resumida sob um olhar substancial revela a dominância de duas abordagens. A primeira representa esforços no sentido de uma recuperação da história do Budismo brasileiro (ALBUQUERQUE 2008; GONÇALVES 2002; MAEYAMA 1973), a segunda é caracterizada pelo foco em dados estatísticos em prol de uma avaliação do peso numérico do referente sub-campo religioso em nosso país (SHOJI 2004; USARSKI 2004; 2008a; 2008b).

Diferentemente da unanimidade em avaliar as reflexões históricas como pertinentes, as pesquisas orientadas em estatísticas oficiais referente à relevância quantitativa do Budismo brasileiro estão não apenas em tensão com estimativas alternativas, mas também confrontadas com críticas que questionam a adequação de uma abordagem puramente “matemática” a um campo muito mais diferenciado do que tabelas e porcentagens sugerem. Quanto a divergências sobre o peso estatístico do Budismo no país, vale lembrar que o censo de 1991, por exemplo,

registrou a existência de 236.408 budistas no país e o de 2000 mostrou que esse número baixou para 214.873. No entanto, a revista *Elle* publicou em junho de 1998 a existência de cerca de 500.000 brasileiros que podem se considerados budistas, em março de 1997, a revista *Isto é* chegou ao número de um milhão de budistas e em fevereiro de 2001 a *Folha de São Paulo* se referiu ao mesmo número (USARSKI 2002a).

#### **1.4.1 - As dúvidas acerca da abordagem quantitativa nos estudos sobre o Budismo no Brasil**

No que diz respeito a críticas a abordagem puramente numérica, Usarski (2002a) afirma que tanto as especulações, por parte da mídia, como os números oficiais do IBGE demandam algumas explicações e reflexões. Em vários casos particulares pode ser presumida uma atitude multirreligiosa, cuja complexidade está longe de ser representada pelo simples ato de assinalar um xis no questionário do IBGE. Justamente, pela falta de instrumentos de pesquisas que avaliem a possível combinação dessa religião com outras crenças e práticas. Gonçalves (2005) aponta que dentro das instituições budistas do Brasil, a abordagem puramente numérica também é questionada. Ao se referir aos números do IBGE, primeiramente considerou-os exagerados, pois incluem devotos de religiões que não são consideradas oficialmente como seitas budistas; em segundo lugar, postula as variações estatísticas dizendo que ela se explica pelo fato da grande maioria dos budistas no Brasil serem constituída de imigrantes japoneses e pelo Brasil não ser mais um país de imigração. Por isso, para esses autores os dados estatísticos não refletem necessariamente o real impacto do budismo sobre a sociedade brasileira:

A maior parte das organizações budistas abre suas portas para os interessados em ouvir palestras, freqüentar cursos ou participar de retiros de meditação sem exigir adesão formal dos mesmos ao budismo. Muitas pessoas têm tido suas vidas influenciadas ou transformadas pelo budismo sem necessariamente terem sentido necessidade de se converter ao mesmo. Muitos cristãos, por exemplo, têm participado de grupos de meditação budista para aprofundar sua vivência da espiritualidade cristã. Temos também exemplos de pessoas que foram tocadas pelo budismo exclusivamente através da leitura de livros ou da participação em grupos de discussão pela Internet. (GONÇALVES 2005: 206)

O presente trabalho leva as contradições e críticas, acima citadas, a sério chamando atenção para a necessidade de complementação de pesquisas orientadas em estatísticas oficiais por uma abordagem qualitativa capaz de captar também modalidades de adesão ao Budismo que por parte dos respectivos sujeitos não se manifesta em uma afirmação explícita de uma identidade budista diante de um entrevistador do IBGE ou outra entidade de pesquisa semelhante.

Trata-se de uma abordagem mais diferenciada sustentada por reflexões teóricas sensíveis para a diversidade de formas, em que uma afinidade com o Budismo pode se manifestar. Tweed (1999), por exemplo, notou em suas pesquisas que muitos autores, principalmente nos Estados Unidos, historicamente consideram a identidade religiosa como algo fixo e singular sendo a maioria dos estudos focados exclusivamente em dois pólos, *convertidos e não convertidos*. O autor chama essa forma de definição da identidade religiosa como normativa ou essencialista, e define três estratégias padrão associadas com esta abordagem: *aplicando normas, observando assiduidade, ou contando números*. Tweed conclui que este método ignora a hibridez que está presente em todas as tradições religiosas, como prístinas ou essências que são normalmente difíceis, quando não, impossível para localizar. Tweed tem a aparente preocupação com a hibridez e a complexidade da identidade religiosa em geral, nas discussões budistas ele permanece em terreno seguro e propõe ainda outra categoria de budista: *o simpatizante*.

O termo simpatizante, juntamente com o "Dharma Hoppers", cunhado por Layman (1976) e os "night-stand budistas" de Tweed (1999) têm um potencial, de categorização, para destacar a diversidade e a hibridização no budismo do Ocidente (PADGETT 2000).

Preocupada com o mesmo problema, Danyluk (2003) inicia a sua discussão explicando exatamente o que o termo não significa: o Budista simpatizante não é alguém que se auto-identifica conscientemente com o budismo, nem aquele que realiza qualquer tipo de meditação regularmente, simpatizante, refere-se aos indivíduos que tem certa empatia por uma religião, mas que não a adotou exclusivamente ou integralmente. Esses indivíduos podem até se identificar com outra tradição diferente do budismo, mas se mantêm em uma e se fôssemos visitar suas casas observaríamos sinais de influência budista (artefatos, imagens e livros

budistas). Eles freqüentemente assistem a palestras e aulas sobre o budismo, navegam na internet ou assinam jornais e revistas budistas.

Com o objetivo de conceber de forma mais realista a problemática entre adesão e afirmação de identidade religiosa, Danyluk (2003) observou que o adjetivo budista faz surgir homólogas questões, às existentes no Brasil, tais como: Sobre exatamente o que estamos nos referindo? Sobre um rótulo, uma categoria, uma identidade ou alguma outra coisa? E será que todas as práticas, filosofias e concepções de budismo se enquadram nesse termo?

No entanto, apesar da investigação acerca das pessoas que se identificam ou não como budista parecer inocente, há sob esta situação um emaranhado de controvérsias, pressupostos e ambigüidades que geram uma grande tensão entre a doutrina e a realidade social e entre a teoria e a prática (DANYLUK 2003; BERGER; LUCKMANN 2002).

A respeito do Budismo, Danyluk (2003) afirma que o termo budista é muito problemático, pois, antropologicamente a ação de nominar-se como pertencente de um grupo religioso implica uma série de pressupostos e expectativas que, os indivíduos agraciados com os nomes e identidades, se sentem compelidos a cumprir. Além do que, a denominação religiosa é uma importante marca de identidade social e de sentimento de pertença a determinado grupo. Segundo a autora, isto é especialmente evidente na literatura sobre budistas na América do Norte. Dependendo do que foi definido, pelo termo "budista", é esperado dessas pessoas que pratiquem meditação regularmente, que recite mantras, que freqüentem centros budistas e assim por diante.

Nas pesquisas de Danyluk (2003), mesmo se tratando de indivíduos adultos e freqüentadores dos respectivos centros e templos budistas investigados, a questão: *"Você poderia descrever-se como um budista?"* Inúmeras vezes ela se apresentou ao entrevistado como a questão mais desafiadora. "Esta foi a questão que suscitou, na maior parte das vezes, um olhar penetrante e cheio de idéias, um suspiro profundo, e alguns longos momentos de silêncio com a questão e a resposta depois considerada" (DANYLUK 2003: 129).

## 1.5 - Os catalisadores no processo de aproximação ao Budismo

O Zen Budismo chegou ao Brasil pelas mãos dos imigrantes japoneses e também de intelectuais brasileiros que se interessaram pelo zen por intermédio da literatura europeia e mais tarde norte-americana desde o século XIX.

Sendo assim, a literatura é apontada nos estudos de diversos autores, como o principal veículo de divulgação do Zen no Brasil (ROCHA 2006). Além disto, o Budismo no ocidente é geralmente visto como dividido entre 'étnico' e 'de conversão'. Budismo 'étnico' é definido como devocional ou o repositório da identidade cultural do grupo, e budismo 'de conversão' é caracterizado pela meditação e estudo racional dos *sûtra* (textos budistas).

No universo brasileiro, constata-se em Usarski (2002a), um aprofundamento sistemático na questão. No texto, o autor sistematiza um panorama geral da situação e faz uma "tripla tipologia" para interpretar o budismo no Brasil.

A primeira delas seria o *budismo de imigração*, religiosidade articulada com a identidade étnica dos migrantes e seus descendentes; *budismo de conversão*, que é dividido em duas correntes: a de *primeira geração*, na década de cinquenta e sessenta, e a de *segunda geração*, a partir dos anos setenta. Ainda encontramos nessa obra o texto de Martin Baumann, que agrega outro par de tipos ideais, ao lado da tradicional dicotomia entre "budismo de imigração e de conversão". Teríamos aí um budismo *tradicionalista*, com ênfase nos rituais e nas devoções; e um budismo *modernista*, caracterizado pela mediação dos livros e por uma interpretação racionalista e no momento, é este último tipo, o modernista, que também nos interessa por convergir com nossas hipóteses.

### 1.5.1 - Budo um implícito proselitor do Budismo

No que se refere à simbiose entre arte marcial e a religião nela implícita, segundo Apolloni (2004) no Brasil, como em quase todos os lugares do mundo, a aproximação entre sociedade e arte marcial se deu, fundamentalmente, a partir da indústria do entretenimento do século XX (literatura popular, cinema e televisão):

As pessoas podem até não conhecer a fundo esse conjunto de práticas corporais e filosóficas – saber de onde veio ou qual sua História, por exemplo – mas certamente já tiveram em mente o “arquetipo Kung-Fu”: a figura de um oriental sorridente, franzino e conhecedor de uma venerável e terrível arte que, vez por outra, lhe permite despejar socos e chutes “a torto e a direito” contra facínoras de todos os gêneros. (APOLLONI 2004: 11)

Uma análise das matérias referentes à imigração japonesa para o Brasil e sua cultura, principalmente por conta das celebrações dos cem anos de imigração, mostra que de modo geral, a mídia brasileira apresenta maior sensibilidade para o tema observando-o com base em campos temáticos bem definidos como o da arte, da culinária, da medicina e da arte marcial.

No que se refere ao último campo temático, observa-se um embasamento em informações possivelmente consolidadas decorrentes da representação ocidental da arte marcial japonesa, concebidos a partir, principalmente, dos produtos da indústria de entretenimento e da literatura especializada (UESHIBA 1996; UESHIBA 1993; 2001).

Na matéria *“Ki-Aikidô para o público: mestre japonês faz palestra em São Paulo”* a jornalista Paula Moura (2006), da revista *Made in Japan*, relata os benefícios pregados pelo mestre japonês de aikido, Koichi Kashiwaya.

A matéria revela coisas importantes, como a relação de respeito e veneração entre discípulo e mestre e a extensão dos benefícios oriundos do universo marcial, que inclui métodos terapêuticos. Ainda assim, se fixa em informações genéricas ou um pouco místicas do tipo:

... as pessoas ficaram impressionadas com a força que tem um braço relaxado, que não pode ser dobrado facilmente, ou mesmo a força de concentrar sua mente no chamado “ponto um”, um pouco abaixo do umbigo (...) Koichi Kashiwaya teve seu primeiro contato com a arte marcial ao conhecer o mestre fundador do estilo, o sensei Tohei. “Fui observar uma aula para crianças e o mestre me convidou para participar. Ele me disse que, se a mente move, o corpo move. Se a mente não move, o corpo não move. (MOURA 2006)

Tais informações obviamente fortalecem o imaginário brasileiro acerca do Japão, idealizado na Europa do século XIX como um país místico fonte de “exotismo, sabedoria, sensualidade e paz” (ROCHA 2006: 38).

Outro exemplo relevante vem da modalidade de Kyudo, que é o nome da prática do Arco e Flecha tradicional japonês. Segundo Shoji (2005) esta modalidade se tornou famosa no ocidente devido à publicação do livro de Eugen Herrigel, *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*, em 1948. Este livro, segundo o autor, também foi muito consultado como estudo da cultura japonesa, e ajudou a configurar o mito da íntima relação entre Zen em Kyudo.

Em 1983, na Universidade de Tsukuba, Japão, foi conduzido um estudo que investigava os principais motivos que levaram os alemães, da antiga Alemanha ocidental, a praticarem o Kyudo. Foram entrevistadas 131 pessoas das quais 84% responderam que o praticavam *para o treinamento espiritual*; 61% manifestaram peculiar interesse no Zen e 49%, particularmente, disseram que iniciaram a prática do Kyudo porque leram o livro de Herrigel (SHOJI 2005).

De volta ao nosso objeto específico, nas visitas realizadas às várias academias de Kendo, encontramos elementos suficientes para informar que nas academias de Kendo há indícios de elementos do Zen Budismo. No entanto, trata-se de locais de prática onde, efetivamente, os alunos desenvolvem seu trabalho marcial, sem grandes considerações pelo aspecto religioso, mas vale destacar que o trabalho nessas academias inclui a meditação, que é um dos pilares, se não o principal, do Zen Budismo.

O Budismo deixou sua marca em todos os setores da sociedade japonesa, alcançando uma dimensão que ultrapassa o âmbito religioso. Como disse Pereira (sd), “sua importância é tão grandiosa que não seria exagero afirmar que, de todos os sistemas filosóficos e religiosos estrangeiros introduzidos no Japão, o Budismo foi o que exerceu influência por um período mais longo e contínuo, com profundidade nunca igualável”.

Na primeira parte deste capítulo, enfatizou-se a idéia, já bastante veiculada, de que o Budismo no Japão manteve-se muito aberto a combinações religiosas e a

sincretismos. Seguimos demonstrando como o Budismo surgido no Período Kamakura merece destaque por ter sido, matriz de novos movimentos religiosos.

Sobre a difusão ultramarina do Budismo japonês, foi mencionado que elas ocorreram a partir do século XIX. Que no Brasil, sua história diverge muito das de outros países ocidentais pela peculiaridade do total desinteresse por parte dos primeiros imigrantes e até do governo japonês de estabelecerem templos e missionários no Brasil.

Fizemos também um esboço da atual situação das pesquisas sobre o budismo no Brasil destacando a história e a cronologia dos templos de São Paulo, principalmente o Bushinji do bairro da Liberdade.

Por fim, destacamos a necessidade de estudos qualitativos do Budismo devido à diversidade de forma de aproximação do budismo por parte dos ocidentais. Isso porque a mídia de massa e as manifestações culturais do Japão, com especial destaque para as artes marciais, se mostram possíveis veículos de transmissão de idéias budistas que permeiam toda a cultura nipônica.

## 2. Budo: As artes marciais no Japão

Este capítulo trata da relação entre arte marcial japonesa e o Budismo. Tem como ponto de partida referências bibliográficas que abordam alguns fundamentos básicos da civilização nipônica, acompanhando o processo histórico de transformação das ideologias que resultaram na modernização das antigas artes marciais japonesas, antes chamadas de **Bujutsu** (Artes da guerra), em **Budo** (Caminho das Artes da Guerra). Portanto, Budo compreende todas as artes marciais japonesas modernas, tais como: Judô, Kendo, Karate-do, dentre outras. A preocupação crucial neste capítulo é a de abordar a herança religiosa dos antigos sistemas de luta japonesa (Bujutsu) e como o budismo, e, particularmente, o zen budismo pode se manifestar nessa sua versão moderna, o Kendo.

### 2.1- O Que é Budo? Principais Características

Levando-se em consideração o crescente número (VEJA 2005) de pessoas interessadas em praticar ou que praticam Budo, é importante atentar para a relevante significação e simbolismo da palavra **BUDO**, bem como para a sua íntima relação com a religião asiática, em particular o Budismo.

Na palavra japonesa Budo, **Bu** é traduzido por “guerra” ou “Luta”; já o caractere japonês “**Do**” é traduzido por “Caminho”, que significa “Visível Caminho para Viajar”. O conceito de **Do** (Tao em chinês) originou-se do Zen Budismo e se refere ao “Caminho para se Alcançar a iluminação”. No entanto, quando relacionado ao Budo, pode ser interpretado como: “O Caminho para se Desenvolver a Mente e o Espírito através do treinamento da Arte Marcial” (TOMIKI 1969; SUZUKI 1972; WESTBROOK; RATTI 2007).

A razão para a criação deste conceito, Budo, surgiu no Japão por volta de 1880, com o intuito de preservar parte da herança cultural e da concepção filosófica deste antigo método de treinamento, para que o homem da civilização moderna poderia se beneficiar. Foi a partir daquela época que, por meio de diversos idealizadores, reformularam-se os antigos métodos de luta (Jiu-jitsu, Kenjitsu, Kyu-jitsu, Aiki-ju-jitsu etc.) e deram origem aos diferentes sistemas; hoje, chamados de Judô, Kendo, Kyudo, Karate-Do, Aikido etc. As técnicas e os métodos variam do

Karate-do (caminho das mãos vazias) com socos e chutes, ao Judô (caminho suave) que tem por objetivo arremessar ou imobilizar o adversário, passando pelo Kyudo (caminho do arco e flexa) que é a arquearia japonesa, indo até o Kendo (caminho da espada), que usa uma espada de bambu para acertar determinados pontos em um adversário com uma armadura. A maioria, por influência e representatividade do simbolismo do termo **DO**, tem igual objetivo a ser almejado, qual seja: o aperfeiçoamento técnico e espiritual.

Outro símbolo religioso importante presente nas artes marciais nipônicas é a palavra **Dojo**, que é a designação referente ao local destinado para o treinamento. **Dojo**, na conceituação do budismo Zen, se refere ao local onde o ser humano pode se encontrar com a sua natureza Búdica. Segundo Suzuki (1973), este termo, dentro das artes marciais, obviamente foi tomado emprestado do Zen Budismo.

O significado original, em língua Sânscrito, significa *bodhimandala* ou local da Iluminação. Especificamente se refere ao local onde o Buda Shakyamuni se iluminou, sendo este termo estendido a qualquer lugar ou templo que se destine ao alcance da Iluminação. (VAN HIEN 2003). Dessa forma, Dojo, em japonês, pode ser traduzido como local dedicado aos exercícios religiosos.

*Dojo*, literalmente significa “Lugar do Caminho”. Um Dojo é um ambiente onde se pratica uma arte, um caminho de aperfeiçoamento pessoal. É o nome usado para Templos Budistas e para todas as salas de treinamento onde um Caminho é praticado. (...) Esse termo é originário do local onde os sacerdotes budistas recebiam os ensinamentos divinos e praticavam a meditação *zazen*. Como o Kendo compõe-se de ensinamentos de moral, semelhantes aos dos sacerdotes, o local de treino chamou-se *dojo*.

É por esta razão que ao adentrar no *dojo*, devemos rogar para que possamos receber o verdadeiro espírito humano e de cordialidade. E na saída do *dojo* devemos reverenciá-lo, como sinal de agradecimento pelo que recebemos espiritualmente e por todo o aprendizado adquirido.

Para os praticantes de Kendo, o *dojo* é um lugar especial e deve ser bem cuidado. (FEDERAÇÃO PAULISTA DE KENDO<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: [http://www.fpkendo.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=11&Itemid=16](http://www.fpkendo.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=16). Acesso em: 13. 10. 2008)

### 2.1.1 - Origens e Transformação das Técnicas Letais, Bujutsu, em Caminho à Ser Seguido

Historicamente, quando se fala das artes marciais japonesas, há uma distinção entre os conceitos de **Bujutsu** e **Budo**. De acordo com Donohue (2005), alguns autores tendem a reservar o termo **Bujutsu** para as técnicas de combate com finalidades puramente militares e exercitadas exclusivamente pelos Samurais<sup>2</sup>. Por sua vez, a utilização do termo **Budo** ocorre apenas para o cognato moderno desta última, destinado principalmente aos civis, em virtude de suas ênfases à estética, à filosofia e à prática desportiva. No entanto, sabendo que as raízes do **Budo** estão no **Bujutsu**, seria falta de precisão apresentar o Bujutsu como artes sem sofisticação intelectual, religiosa ou filosófica (DONOHUE 2005).

### 2.1.2 -O Bujutsu e sua Religiosidade

Segundo Takeshito (s.d.), algumas dessas formas de Bujutsu já eram utilizadas no Japão, há cerca de mil anos antes de Cristo. Porém, até o século XVI, todas essas técnicas de lutas marciais eram ainda muito primitivas e pobres, havendo a partir daquele século uma evolução muito grande, principalmente em função da intensificação de seu uso por parte dos “*Samurais*”. Além do aperfeiçoamento das técnicas já existentes, eles, desenvolveram uma enorme quantidade de novas técnicas de luta, com base em suas próprias experiências nas situações reais dos campos de batalhas. Este desenvolvimento veio enriquecer e consolidar as lutas chamadas *kenjutsu* (técnica da espada) e *jiu jutsu* (técnica suave). Naquela época a guerra e os próprios treinamentos de lutas marciais eram muitos brutais, não havendo leis ou princípios que tornassem os combates leais.

A partir da era Tokugawa (1603-1868), o Bujutsu começa a sofrer fortes influências dos princípios filosóficos e religiosos do Budismo, Xintoísmo e Confucionismo (NITOBÉ 2002; KAMMER 1994) e a partir daí, os fundamentos e finalidades do treinamento de lutas marciais, praticadas pelos *Samurais*, começaram a mudar.

---

<sup>2</sup> Classe guerreira. Casta que existiu de 1192 a 1867.

Essas influências deram origem ao “*Bushido*” (caminho do guerreiro): o código de honra, não escrito, que regia os guerreiros samurais. Este levava a um modo de vida que fornecia todos os balizadores necessários para os samurais viverem e morrerem com dignidade e honra (CARVALHO 2007). Essencialmente esse código tratava da fidelidade para com o Estado, do autodomínio e do desapego aos bens materiais e a vida (NITOBÉ 2002).

O Xintoísmo influenciou o *Bushido* por meio de seus preceitos de lealdade ao seu soberano, veneração das memórias dos antepassados, amor filial, crença na bondade inata e pureza divina da alma humana. Com tal lealdade para com a memória de seus ancestrais, os samurais empenhavam essa mesma reverência ao imperador e ao seu *daimyo* ou senhor feudal (KAMMER 1994). O Xintoísmo também fomentava o patriotismo ao Japão (SAKURAI 2007), pois esta religião ensina que a Terra não existe apenas para suprir as necessidades das pessoas, mas também é a residência sagrada dos deuses e dos espíritos de seus antepassados. Por isso, a Terra deve ser cuidada, protegida e alimentada por um patriotismo intenso (SAKURAI 2007; NITOBÉ 2002).

O Confucionismo forneceu ao *Bushido*, o princípio de respeito para com as relações entre os seres humanos e suas famílias. Ressalta o dever filial e as relações hierárquicas que devem ser respeitadas e mantidas entre senhor e servo, pai e filho, marido e mulher, irmão mais velho e mais novo e entre amigos, e esta é muito explícita no que se refere à submissão dos samurais aos seus senhores. No Confucionismo, aquele quem tem o objetivo de alcançar a plenitude espiritual só consegue à medida que suas atitudes tiverem como idéia principal o bem estar para a sociedade e para o Estado (KAMMER 1994).

O Zen Budismo se relaciona com o *Bushido*, por ensinar uma forma de desapego à vida e destemor do perigo e da morte. O Zen Budismo trata do objetivo de alcançar a iluminação espiritual, por meio da aceitação de que a vida é sofrimento, partindo do princípio de entender, sentir e descobrir o caminho que conduz a libertação da dor. Essa religião levou ao Samurai tranqüila confiança, submissão pacífica ao inevitável, atitude estoica frente ao perigo e desdém à vida além de uma familiaridade com a morte (NITOBÉ 2002).

O samurai não podia temer a morte, pois acreditava nos ensinamentos budistas, que trouxera àquela civilização o conceito de reencarnação, ou seja, de uma nova vida após a morte. Ele, o samurai, acreditava que voltaria no encargo de guerreiro em suas contínuas reencarnações (KAMMER 1994; NITOBÉ 2002; CARVALHO 2007).

Quando um homem vive graças as suas habilidades no manejo da espada, é bastante compreensível o porquê da filosofia do Zen ter sido muito procurada por aqueles que buscavam o conhecimento. O Iniciante no Kendo deve entender que o Zen é a contemplação silenciosa da vida e que o Kendo na era feudal do Japão era o movimento do Zen ou a ação da vida. (SASAMORI; WARNER 2004: 47)

Na obra *O Zen na Arte de Conduzir a Espada*, Kammer (1994) acentua a importância do pensamento Zen no processo de aprendizagem do manejo da espada. Segundo o autor, esta arte — hoje especificamente representada pelo Kendo — é um dos caminhos Zen. O Zen budismo relaciona a prática correta da esgrima com os exercícios para a obtenção da iluminação, da ubiquidade da morte e do desapego à vida e aos bens materiais, ao passo que o Confucionismo acentua o seu significado ético e a equipara a um serviço que se presta ao Estado.

A congruência desses princípios religiosos que norteiam o Bushido se manifestou em sete princípios éticos que o sustentam: *Gi* (justiça), *Yuu* (bravura), *Jin* (benevolência), *Makoto* (verdade), *Rei* (polidez), *Meiyo* (honra) e *Chuugi* (lealdade) (NITOBÉ 2002; KAMMER 1994; DESHIMARU 1982)

### **2.1.3 -Zen e Samurai**

É um fato que a íntima relação entre o Zen Budismo e as artes marciais remonta à época dos Samurais e a chegada do Zen no Japão. Porém, é importante frisar que as características centrais dessa relação, que perpetuou até os dias atuais, por meio das artes marciais japonesas, só tiveram um expressivo processo de aculturação a partir do final da era Meiji (OMENA E SILVA, 2008).

Os autores, Lishk (1978) e Suzuki (1973), apresentam em seus trabalhos que, uma vez que o Japão estava unificado e não havia mais guerras, algumas das performances “plásticas” do Zen foram adotadas pelos Samurais devido ao forte incentivo dado pelo governo, numa tentativa de justificar sua obsoleta presença na sociedade da era Tokugawa (1615-1867).

A idéia principal era a de que o Zen, por meio de seu treinamento austero e ausência de misticismo, traria benefícios para a mente dos samurais, que até então viviam para e em função das guerras. É por isso que a classe samurai adotaria algumas partes do enorme conceito de Zen para incorporá-las em suas próprias artes.

No entanto, deve-se ressaltar que em todas as “artes” influenciadas pelo Zen, a busca pela perfeição do “*eu interior*” é mais importante do que a *perfeição técnica* (SUZUKI apud KAMMER 1994). No Budo, o estado mental do praticante deve ser o mesmo que o de um praticante de Zen. O “Guerreiro Zen” tinha de ser independente, estóico e com uma “mente única”. Uma vez que este guerreiro mítico não poderia ser apegado nem à vida e nem à morte (*seishin o choetsuu* — “transcender a vida e a morte”), ele podia calmamente aceitar a ubiqüidade da morte em sua profissão. Era, portanto, com uma postura estóica e com total confiança em sua fé, que o “guerreiro Zen” era capaz de praticar a arte da não-arte, ou seja, a forma de praticar que transcende a técnica (KAMMER 1994; SUZUKI 1973).

Essas idéias envolveram muitos mestres/praticantes do Budo contemporâneos que freqüentemente preferem argüir sobre os princípios filosóficos do ideograma Do ao invés das técnicas. Basta uma superficial observação nas literaturas de Budo para constatar os inúmeros exemplos dessa tendência:

Apesar de nos anos 70 as artes marciais terem sido amplamente reconhecidas nos Estados Unidos como uma ou todas das seguintes: Defesa pessoal, como calistênico, como esporte ou como sistema de manutenção da saúde — Esta ainda é fundamentalmente conexas com o Zen e portanto, é um treinamento do corpo, da mente e do espírito. De fato, a disciplina é tão estrita que as artes marciais (especialmente aikido, hapkido e kendo) e o zen podem ser considerados sinônimos. (...). A maestria de qualquer arte marcial é extremamente difícil de ser

alcançada e o status de mestre não pode ser alcançado, a não ser que o estudante seja treinado na doutrina Zen, no nível da iluminação. (MIN 1979: 97).

### 2.1.3.1- Katana: a espada como objeto religioso e legitimador do poder

O significado místico-religioso da espada japonesa e sua íntima relação com a família imperial e toda a etnia japonesa estão presentes na história deste povo desde tempos imemoriais e o relato sobre a criação do Japão e outras questões como: a hierarquia entre sexos como base da ordem social, separação entre vivos e mortos, a criação do Japão e outros conceitos éticos e morais peculiares à cultura nipônica, se encontram no **Kojiki** (recordação dos acontecimentos antigos), escrito em 712 (SAKURAI 2007).

Por isso, Sakurai (2007), em sua obra *Japoneses*, salienta a significativa importância dada à divindade da espada japonesa, difundida pelo Xintoísmo. Dê se voz à autora:

... havia um céu muito azul salpicado de nuvens brancas onde viviam os deuses (...) Sobre o mar, não havia qualquer ilha e a terra propriamente dita ainda não existia. Num dia qualquer, os deuses tomaram a decisão de criar o mundo, confiando a execução da tarefa a dos jovens deuses: Izanagui Izanami. (...) Izanami levava consigo uma espada de ouro e com ela começou a remexer água do mar imenso logo abaixo deles. E eis que ocorre um milagre: quando retira a espada do mar, a espuma que havia se grudado nela escorreu, voltando ao mar, solidificando-se ao atingir a água, formando então a terra (SAKURAI 2007: 49-50).

Outros autores também concordam que a espada japonesa desenvolveu-se ao lado da gente do Japão durante milhares de anos e que este é um objeto de grande impacto, quando se fala do espírito e da história do Japão antigo. Tanto que

a própria história do Japão por si só ratifica a natureza da espada japonesa como um reflexo da cultura, das atitudes e da tradição do povo japonês (CBK<sup>3</sup> 2007).

A espada japonesa ou **Katana**, como pode ser chamada daqui em diante, está intimamente ligada à religião *Xintó*<sup>4</sup> e não se trata de um símbolo, mas sim de um objeto dotado de um misterioso poder (SUZUKI 1973).

Antes de começar sua fabricação, o espadeiro se purifica com água, assim como se faz antes de entrar em um templo xintó; se veste com um manto cerimonial, que afasta os espíritos maléficos, e invoca a ajuda de um deus guardião. Durante todo o processo de forja, o espadeiro e seu ajudante acreditam que estão sendo auxiliados por esse deus e extrapolam os limites de seus poderes mentais, físicos e espirituais (SUZUKI 1973; SAKURAI 2007).

O ofício antigo de espadeiro japonês quase desapareceu depois da Segunda Guerra Mundial, quando as forças aliadas confiscaram e destruíram aproximadamente cinco milhões de espadas e interditaram a manufatura de novas. Em entrevista para a *National Geographic*, Michihiro Tanobe (apud O'NEILL 2003), curador principal do Museu da Espada Japonesa, em Tóquio, disse que os soldados americanos temeram a espada ou, mais precisamente, a sua mística, "... porque os soldados japoneses faziam esses ataques banzai" – ataques totalmente desesperados — "empunhando suas espadas como se acreditassem nos seus poderes mágicos".

### 2.1.3.2 - A Espada e o Samurai

Em se tratando do status que a Katana (espada japonesa) tem no Japão e no mundo, não se pode tardar a menção à principal figura que, em todas as suas dimensões, mais se utilizou da espada Katana, o Samurai. A essa figura, foi dado especial destaque por Sakurai que inicia o capítulo *Samurai*, de sua obra, dizendo: Se "... existe um ícone que se associa ao Japão, esse é o samurai. Sua figura está

---

<sup>3</sup> Confederação Brasileira de Kendo. Texto disponível em: [www.cbkend.esp.br](http://www.cbkend.esp.br). Acesso em: 26.02.2007.

<sup>4</sup> Segundo Kung (2004) o xintoísmo é entendido como a religião mais antiga e autóctone do povo japonês. É a religião tradicional e está intimamente ligada à cultura e ao modo de vida nipônico, constituindo um conjunto de crenças e práticas religiosas, do tipo animista, sendo visivelmente expressas nas manifestações sociais e atitudes individuais dos japoneses.

na base da identidade japonesa, sendo uma referência em muitos momentos da história do Japão desde o século XIX” (SAKURAI 2007: 327). Os Samurais utilizavam diversas armas, tais como arco e flecha, lanças, espingardas (DRAEGE 1996). Porém, a arma que se tornou o símbolo desta classe é a espada Katana e sua relação com ela começava muito cedo.

A criança samurai quando completava a idade de cinco anos era introduzida num ritual. Sobre um tabuleiro de **Go**<sup>5</sup>, lhe era presenteada uma réplica de uma Katana que dali em diante deveria ser carregada como um símbolo de seu status e de seus deveres ( DONOHUE 1999; NITOBÉ 2002).

Sendo assim, a Katana é a herança material dos Samurais e está intimamente ligada às religiões Zen Budista e Xintoísta; significa, na verdade, um modo de vida representado pelo código de ética dessa classe, o já mencionado, *Bushido*. Morrer pela lâmina de uma espada não era desonroso e no caso de uma derrota, alguns samurais preferiam o suicídio (por meio do ritual de seppuku<sup>6</sup>), abrindo o abdômen, do que serem capturados ou morrerem de forma desonrosa (SUZUKI 1973; DONOHUE 1999; NITOBÉ 2002).

## 2.2 - A Era Meiji e sua influência na configuração do Budo

Com o fim da era Tokugawa, em 1868, a classe Samurai deixou de existir e com isso o perigo de desaparecimento de todo o seu legado. Isso se deu na restauração **Meiji** (1868 -1912), também conhecida como **Meiji Ishin**, esse período culminou numa sucessão de eventos que conduziram a profundas mudanças nas estruturas política, econômica e social do Japão (OMENA & SILVA 2008).

No entanto, havia algumas pessoas que se preocupavam em preservar o patrimônio marcial japonês e reformularam os antigos métodos de luta que

---

<sup>5</sup> Uma espécie de jogo parecido com o xadrez originário da China.

<sup>6</sup> O ritual do seppuku varia de era para era no Japão. Seppuku no campo de batalha era podia ocorrer das seguintes maneiras: Se ele não tivesse tempo de tirar toda a sua armadura, ele simplesmente cortava as veias de seu pescoço ou caíria em cima de sua própria espada. Se ele tivesse tempo para as preparações formais, ele se vestiria de branco, simbolizando a pureza, escreveria um poema que deveria gentilmente manifestar seu estado mental e a estação do ano; junto a ele teria outro samurai de sua confiança para cortar-lhe a cabeça e diminuir o sofrimento; então ele abria suas roupas e enfiava profundamente uma espada menor (tanto) da esquerda para a direita e abria seu abdômen. Disponível em: <http://www.japan-101.com/culture/seppuku.htm>.> Acesso em: 3.09.2007.

constituíam o antigo **Bujutsu** e deram origem aos novos sistemas de luta que até hoje são chamados de **Budo**. Na vanguarda estavam o Professor Jigoro Kano (1860-1938), criador do Judô; Gichin Funakoshi (1868-1957), criador do Karate e Moriheir Ueshiba (1883-1969) criador do Aikido (STEVENS 2007).

Com base no antigo código de honra dos samurais, ou *Bushido*, estes grandes mestres explicitaram que, por meio do treinamento árduo e disciplinado das técnicas marciais, se cultivaria o corpo, a mente e o espírito para um desenvolvimento não só do indivíduo, mas também da sociedade. Dessa forma, o que foi desenvolvido pelos principais mestres idealizadores do Budo, tinha por finalidade explicitar o caráter formador e educacional em detrimento da busca pela eficiência letal. Suas técnicas não visavam exclusivamente à guerra e à morte, exclusivas dos samurais, mas sim os caminhos educacionais, para o aperfeiçoamento humano que, a partir de então, poderiam se encontrar ao alcance de qualquer pessoa (STEVENS 2007).

### **2.2.1 - A transformação do antigo Kenjutsu em Kendo**

Desde os primeiros samurais que governaram o Japão, durante o período Kamakura (1185-1233), a esgrima juntamente com a equitação e o arco e flecha, foram as principais artes estudadas e praticadas pelos clãs militares (DRAEGE 1996).

É do conhecimento comum que a arte marcial Kendo hoje praticada por milhões de pessoas no Japão e em todo o mundo, evoluiu a partir das experimentadas e testadas técnicas reais de batalha (TOMIKI 1969). Com o avanço da **tenka taihei**, ou "paz em todo o reino" durante o período Tokugawa (1603-1867), as artes marciais assumiu um novo significado e papel para a classe samurai, como governantes do Japão. Sem as guerras, por si só, as artes militares passaram a ser estudadas como métodos de auto-desenvolvimento, com significativa ênfase atribuída ao seu valor estético e espiritual e não apenas como um meio para mutilar e matar os inimigos (DRAEGE 1996; TOMIKI 1969).

O período Tokugawa viu o florescimento das artes marciais com uma popularidade sem precedentes e, durante os respectivos 250 anos de paz, muitas

escolas de artes marciais (bugei-ryuha) aumentaram em número exponencialmente com algumas estimativas que ultrapassam mais de 700 escolas (TOMIKI 1969). Nessa época o termo utilizado para treinamento de luta com espada era *kenjutsu* e muitos daqueles samurais estabeleceram escolas de *kenjutsu*, que existiram durante séculos e constituem a base ética e moral de sua versão moderna, chamada Kendo, até os dias de hoje (TMIKI 1969; BENNETT 2005)

Os nomes das antigas escolas refletem a essência espiritual de seus criadores, por exemplo: **Itto ryu** (Escola da uma só espada) indica que de acordo com os “*insights*” de seu fundador que todos os cortes possíveis, com a espada, emanam e estão contidas em um corte original e essencial; **Mutō-Ryu** (Escola sem espada) exprime a compreensão do mestre *Tesshu Yamaoka*, que “Não há espada fora da mente”; **Munen Musō-Ryu** (Escola Sem intenção e Sem pré-concepção) de modo semelhante manifesta o entendimento de que a essência do *kenjutsu* transcende o processo reflexivo do pensamento (DRAEGER 1996).

No período Edo começa a florescer mementos acerca do Bushido e muitos deles são lidos até hoje :

O Japão começou a vivenciar um período relativo de paz no começo da Era Edo (1603-1867). Durante este período, técnicas de Ken (espada japonesa) foram convertidas de técnicas de matar pessoas para técnicas de desenvolvimento da pessoa através de conceitos tais como Katsunin-ken, o qual incluía não só teorias sobre a força do espadachim, mas também conceitos do modo de vida disciplinado do Samurai. Essas idéias foram copiladas em livros que elaboravam sobre a arte da guerra no início da Era Edo. Exemplos destes incluem: “Heiho Kadensho (A espada que dá vida - The Life-giving Sword)” por Yagyu Munenori; “Fudochi Shinmyoroku (A Mente Livre - The Unfettered Mind )” por Padre Takuan, o qual foi a interpretação escrita do livro de Yagyu Munenori’s Ken e Zen (Espada e Zen) - “Ken to Zen (Sword and Zen)” escrito por Tokugawa Iemitsu, o terceiro Shogun para o Governo Tokugawa; e “Gorin-no-sho (O livro dos cinco anéis - The Book of Five Rings)” por Miyamoto Musashi. Muitos outros livros sobre teorias de espadachins foram publicados durante o meio e o final da Era Edo. Muitos desses escritos tornaram-se clássicos e influenciam muitos praticantes de Kendo nos dias de hoje. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE KENDO sd<sup>7</sup>)

---

<sup>7</sup> Informações obtidas no site oficial da Federação Internacional de Kendo. Texto disponível em: <<http://www.kendo-fik.org/>> Acesso em 7.10.2008.

Mesmo assim, as práticas eram muito perigosas e geralmente resultavam em ferimentos. Para amenizar os riscos de acidentes e principalmente efetivar as técnicas, iniciou-se o uso da **shinai** (espada de bambu) e do **bogu** (armadura constituída por um capacete, luvas e protetor de tórax) (CBK 2007). Com isso, foi possível executar os golpes com pleno vigor, mas sem ferir o adversário. Esses avanços, juntamente com o desenvolvimento dos conjuntos de formas práticas, definiram as bases do Kendo moderno (DRAEGER 1996).

Segundo o autor acima citado, a introdução da prática com espadas de bambu (shinai) e armadura (Bogu) é atribuída à *Naganuma Sirōzaemon Kunisato* durante a Era Shotoku (1711-1715). Naganuma também aperfeiçoou as espadas de madeira (**bokuto**) e as armaduras metálicas, pois foi ele quem adicionou uma grelha metálica nos capacetes (**Men**) e algodão grosso nos Kote (luvas).

### 2.2.2 - Principais características do Kendo

Literalmente, Kendo significa *Caminho da Espada*; é a luta marcial japonesa que mais se aproxima da esgrima (kenjutsu) praticada pelos Samurais. Seu desenvolvimento técnico, na manipulação da espada, tem origens nas observações das leis naturais dos campos de batalhas (TOMIKI 1986) e seus princípios resumem os ensinamentos éticos, religiosos e morais do samurai (LUDWIG 2002).

Segundo Ozawa (1997), os princípios do Kendo podem ser contemplados em três componentes principais:

1º *O caminho do corpo – como segurar a espada, maai (a distância espacial que separa os dois oponentes).*

2º *O caminho da espada – como executar o golpe, o momento correto para executar um golpe, etc.*

3º *O caminho da mente – a correta atitude mental.*

O principal artefato utilizado neste esporte, a espada, é a arma mais significativa no apanágio cultural japonês e a mítica deste instrumento é o guia de seus praticantes.

Desde tempos remotos, ela representa um importante papel na consciência do povo nipônico. Feitas de bronze ou de pedra, as primeiras espadas tinham propósitos muito mais ritualísticos do que bélicos. Elas eram ofertadas como tesouro divino aos templos ou recebidas como símbolo da nomeação de um generalíssimo (Xogun) (DRAEGER 2007).

A espada era eficaz como artefato de segurança e também necessária para se proteger da invasão inimiga o que possibilitava a preservação da paz e da ordem estabelecida. Além disso, era respeitada como alicerce espiritual de seu portador, expressando o sagrado.

Essa tradição de ver a espada como objeto sagrado e como tesouro ainda, hoje, persiste na cultura japonesa. Portanto, desde sua criação na idade média japonesa até os dias de hoje, a espada (katana) está ligada a cultura japonesa e na filosofia do Budo nos seguintes sentidos (FPK<sup>8</sup>)

- *Ser a justiça que exclui a maldade e os maus espíritos;*
- *Ser o símbolo da majestade, da função e da posição;*
- *Simbolizar o compromisso e dar valor a lealdade;*
- *Simbolizar o domínio do grupo e a paz.*

De acordo com Ito Tomoharu (FPK) mestre 8º grau em Kendo e Iaido (Caminho de desembainhar a espada), desde 1970, quando foi criada a Federação Internacional de Kendo, o número de praticantes de Kendo vem aumentando continuamente (atualmente estima-se que, no Japão, existam cerca de 1.2 milhões de praticantes de Kendo e, no mundo, 2.0 milhões).

No entanto, o aumento do número de praticantes e a popularização do Kendo com campeonatos e competições, trouxeram o que o autor chamou de problema da “deterioração do Kendo” (FPK). Para corrigir esta tendência, em 1975, com a finalidade de popularizar o Kendo 'Correto', a IKF<sup>9</sup> instituiu a divulgação do correto “Propósito do Kendo”:

---

<sup>8</sup> Federação Paulista de Kendo. Texto disponível em: [www.fpkendo.org.br](http://www.fpkendo.org.br). Acesso em: 26.02.2007.

<sup>9</sup> Federação Internacional de Kendo. Texto disponível em: [www.kendo-fik.org](http://www.kendo-fik.org). Acesso em: 26.02.2007.

- **Kendo Rinen:** *O conceito do Kendo*<sup>10</sup> é disciplinar o caráter humano por meio da aplicação correta dos princípios da **Katana** (espada japonesa).
- **Kendo Shuuren no Kokoro Kamae: *Postura Espiritual para o Aperfeiçoamento do Kendo refere-se ao propósito do Kendo:***

Dedicar se sempre a prática do Kendo 'Correto', por meio da busca do aperfeiçoamento da técnica de manejo da verdadeira espada com espírito e corpo, e com isto, fazer florescer a força espiritual com as características marcantes do Kendo de respeito e moderação. E, sobretudo, poder servir com amor a pátria e a sociedade, promovendo a paz e harmonia entre as pessoas. (INTERNATIONAL KENDO FEDERATION<sup>11</sup>)

### 2.2.3 - No Dojo

Dojo para a prática de Kendo pode ser qualquer espaço físico relativamente grande. No Brasil, por exemplo, há treinos em salões de festas, das associações de cultura japonesa, ou em quadras poliesportivas. O ideal, para que se tenha mais conforto e segurança, e como se treina descalço, que o piso seja de assoalho e amortecedores que aliviem os impactos nos pés e joelhos.

Ao adentrar e sair deste espaço, todos seus membros sempre fazem uma reverência, curvando-se o tronco e a cabeça e direção ao Shomen ou Kamiza.

Simbolicamente há uma divisão em zonas que separam Superiores e Inferiores. O lugar de honra para onde é feita a reverência é chamada de Kamiza (Residência de Deus), que é uma pequena réplica de templo ou Shomen, que é representada por uma caligrafia. Durante o início, término ou em eventos, os professores sentam-se próximos e de costas para esses lugares enquanto os estudantes sentam-se de frente e numa ordem decrescente de graduação da direita para a esquerda.

---

<sup>10</sup> O conceito do Kendo foi estabelecido pela Federação Japonesa de Kendo em 1975.

<sup>11</sup> Federação.....Ibid

Nas academias ou Dojo que visitamos, observamos que o simbolismo presente nos rituais e práticas de Kendo reforçam os *temas* acerca da estrutura<sup>12</sup> da tradição marcial japonesa. Para atingir os propósitos dessa dissertação, isolaremos dois temas dominantes no Budo brasileiro e japonês, por nós observados: A importância da graduação, hierarquia nas relações sociais e da busca do desenvolvimento espiritual.

- A Hierarquia:

O comportamento no Dojo, com ênfase na hierarquia e rituais pode ser diretamente relacionado com o comportamento da sociedade japonesa em geral e esse sistema, hierárquico, é um reflexo de traços sociais daquele país.

Nesses Dojo, visitados por nós, a incontestável primazia do **Sensei** é uma das mais distinguíveis características de um Dojo tradicional Japonês<sup>13</sup> e é carregada de uma série de influências e pressupostos.

Um bom exemplo é foi citado por Rocha (2006) ao descrever a via sacra dos monges Ricardo Mário Gonçalves e Arthur Azevedo, mediante três tradições de Budismo Japonês existentes no Brasil:

Contudo, vale a pena notar que Azevedo e Gonçalves foram mais longe do que a maioria dos brasileiros, eles foram ordenados monges em três tradições diferentes de escolas budista e receberam três diferentes nomes budista. No Japão, tais mudanças de escolas não seria tão facilmente aceita, porque tradicionalmente um discípulo (*deshi*) é deve seguir o mestre/professor (*sensei*) indefinidamente. (ROCHA 2006: 26)

Em nota a autora diz:

---

<sup>12</sup> Hierarquia: reverência aos antepassados e obediência aos mestres.

<sup>13</sup> De novembro a Dezembro de 2008, o pesquisador esteve na Universidade de Tenri e visitou não só o Dojo da Universidade, mas também outros menores e particulares.

Pelo tempo que vivi em Kyoto de 1992 a 1993, eu aprendi que a relação *deshi-sensei* era aplicável à qualquer tipo de estudo, desde ballet e aulas de música à tradicional cerimônia do Cha'. Muitas crianças que eu encontrei se preocupavam em iniciar um novo curso, devido a impossibilidade de mudar de professor caso eles não gostassem desse novo. (ROCHA 2006:26)

De fato, o Dojo é estratificado em grupos de alto nível e baixo nível. De maneira geral, a distinção é feita da seguinte maneira: Entre o sensei e seus alunos e nas fileiras dos alunos entre os que têm **Dan**<sup>14</sup> (grau) e os que apenas detêm Kyu e os que são literalmente iniciantes *shoshinsha*.

De acordo com nossas pesquisas (KANO 1986; WESTBROOK & RATTI 2007; CBK 2007) essa estrutura hierárquica é presente em quase todas as artes marciais japonesas que terminam com o sufixo **Do**. Os aprendizes são divididos em duas categorias: uma congrega estudantes com a graduação de **Kyu** e a outra com a graduação em **Dan**.

A categoria de Kyu precede a categoria de Dan e congrega aqueles que não receberam a *faixa preta*, ou seja, a intitulação Dan. O Kendo, só exige teste para *Ikyu* (1º kyu), diferentemente de outras artes como o Judô e o Aikido que começam com o 7º ou 6º Kyu (KANO 1986; WESTBROOK & RATTI 2007). Mesmo entre os que têm Kyu, existem pequenas distinções sociais baseadas em critérios como a altura dos membros e a intensidade de treinamento.

A categoria Dan, abarca aqueles praticantes que receberam a *faixa preta*, ou seja, o status de graduado em Dan que de acordo com a experiência e habilidade são subdivididos de 1º Dan (Shodan) a 8º Dan (Hachidan) (CBK 2007).

A estrutura dos testes, exercícios práticos — chamados de Kata — e requisitos para a evolução hierárquica do foram incluídas nos anexos I, II, III e IV dessa dissertação. Lá poderão ser visualizadas as compilações da estrutura técnica estipulada pela IFK (Federação internacional de Kendo) e outras federações.

---

<sup>14</sup> O Kendo não usa faixas pra identificar o nível do praticante. Kyu é uma graduação que antecede o Dan, a partir de então há desde de 1º Dan, chamado Shodan.

No entanto existem requisitos presentes no Kendo que sugerem uma avaliação subjetiva mais aquisição de graus no Kendo e empenhos que foram muito bem expressados pelo Mestre Hanshi Tateo Morishima (2008):

Agora pretendo explicar sobre os degraus existentes nas etapas de aperfeiçoamentos do Kendo (剣道修行の段階) (kendo shugyoo no dankai). O primeiro é para iniciantes (初級者) (shokyuusha) (shoshinsha até 3º Dan), nesta fase é preciso fazer bastante o treinamento dos golpes básicos, conseguirão criar uma base sólida.

O segundo degrau é para os medianos (中級者) (Tyuukyuuusha) pode-se considerar que é época da máxima desenvoltura, é para os praticantes de 4º, 5º e 6º Dan de Kendo. Esta fase é a mais árdua dos praticantes, pois é preciso dar tudo de si nos treinos, tendo como respaldo o acúmulo de treinos básicos corretos praticados até aqui, utilizando toda a força e técnica. Nesta época é preciso mostrar aos outros praticantes que é forte nos treinos e também nas competições. Aqueles que praticarem com todo o afinco nesta fase, nota-se a diferença, quando entrarem na fase seguinte. O terceiro degrau é da emancipação como praticantes de Kendo (上級者) (jyookyuusha), são pessoas de 7º Dan e acima onde os golpes e a força espiritual tornam-se afinados, direcionando para o aperfeiçoamento mais elevado tecnicamente e como ser humano. Nesta fase é preciso modificar o Kendo praticado até aqui que foi da técnica, força física e velocidade para o Kendo Espiritual (心の剣道) (kokoro no kendo). O significado do Kendo Espiritual em poucas palavras seria a de aplicar golpes como uma confirmação, após vencer espiritualmente (kokoro). Antigamente existiam muitos mestres que demonstravam isto, infelizmente hoje estamos carentes. (MORISHIMA 2007 apud CBK)

- A busca pelo desenvolvimento espiritual:

Como aponta a citação acima, há um momento da vida do praticante de Kendo onde a prática da arte não tem por objetivo a maestria técnica, mas sim a espiritual.

Porém, quem deve auxiliar o praticante deve ser o seu mestre. A Posição que o Sensei ocupa é um lugar de destaque no Dojo, sendo que sua disciplina deve orientar o discípulo técnica e moralmente.

Segundo Donohue (1999) o Zen budismo exerceu forte influência no desenvolvimento do Budo e a relação professor aluno no Kendo tem suas origens

nessa religião. No Budismo Zen, o mestre conduz o discípulo ao *Satori* (iluminação) por vários caminhos, principalmente por meio do *Mondo* (período de perguntas e resposta com o mestre) e da colocação do *Koan* (Charadas sem resposta que caibam num raciocínio lógico) (SUZUKI 1973; 1993).

Para Donohue (1999) a posição do sensei é, também, salientada devido à crença de que a transmissão da habilidade e perspicácia nas artes marciais só pode ser obtida a partir de um professor reconhecido pela comunidade do Budo.

### **2.3 - A simbiose entre Budismo e Budo: aspectos históricos**

Segundo Suzuki (1973), o Zen budismo foi introduzido no Japão pelo monge *Eisai* (1141-1215). No início ele tinha como sede de propagação da doutrina Zen, a província de Kyoto. No entanto, esta cidade era o centro de divulgação das já estabelecidas seitas Tendai e Shingon e a implantação de outra “fé” era quase impossível e, por essa razão, o início do entrelaçamento entre o Zen e a casta Samurai, só veio acontecer, com significativa expressão, um pouco mais tarde no período Kamakura (1185-1338).

Em 1186, *Yoritomo* (1147-1199), da família Minamoto, conquistou todo o império e estabeleceu o primeiro *Governo Samurai*, e se tornou Shogun<sup>15</sup> na província de Kamakura. Apesar de constituírem uma casta entendida como vulgar e sem cultura, os Samurais obtinham o total controle do Japão. O poder dessa classe era tanto, que até os imperadores, que representavam um poder divino, chegaram a ser destronados e exilados por ordens dos Shoguns (SADLER 1992; YOSHIDA s.d.).

Nessa época a situação do Japão era quase que caótica. Por conta da pobreza, da fome, da desigualdade e de outros problemas sociais - aliados ao medo das invasões mongóis, que representavam o terror da Ásia - surgiu em toda a nação nipônica um forte espírito de luta que curiosamente fez com que até os monges budistas pegassem em armas na luta pelos seus direitos (NUKARIYA 1913).

---

<sup>15</sup> Esse sistema militar de “Governo Samurai”, implantado por Yoritomo, através da sucessão de diversas outras famílias e Shoguns (samurais), controlaram o Japão até 1867 e o fim desse sistema se deu na era Tokugawa (1603-1868).

Outra peculiaridade da província de Kamakura estava em ser o território sede do regime de governo militar da família Hojo. A história desta família de samurais, até hoje se destaca, não só pelo fortíssimo apoio ao Zen Budismo, mas pelo importante papel que um de seus Shoguns, Hojo Tokimune (1251-1284), que desempenhou no processo de unificação do Japão e principalmente pela efetiva resistência contra a invasão Mongol, que definiu a imaculada história de um Japão nunca invadido e dominado, por outro povo, até o final da Segunda Guerra Mundial (Suzuki 1973).

Tokiyori Hojo e Tokimune Hojo, pai e filho respectivamente, apoiaram a estadia de muitos monges budista vindos de Kyoto e da China. Estes monges chineses, bem como os monges japoneses, que iam até a China para aprender o Budismo, traziam artistas, objetos de artes e de literatura, que permanecem nos museus japoneses até os dias de hoje (SUZUKI 1973).

Segundo Nukariya (1913), o regime ditado pela família Hojo, era notado pela sua simplicidade, moralidade e principalmente pelo seu poder administrativo e belicoso. Desde que este austero regime adotou o Zen Budismo como seu guia espiritual, o Japão, desde o século XIII até o final da era Tokugawa, no final do século XIX, não deixou de ter as suas influências (do Zen e do Espírito Samurai), nas mais variadas manifestações culturais do Japão.

À parte as influências que os Hojos despertaram entre a classe dos samurais, estes últimos, por sua vez, como qualquer classe militar de outros lugares, na sua rusticidade e na sua simplicidade não se interessavam por filosofias e por doutrinas complexas, como as representadas pelas seitas budistas Shingon e Tendai. Estas eram muito complicadas e alienadas à sua natureza austera e simples. Mas, o zen não, neste eles puderam encontrar algo compatível com sua natureza e que lhes ensinassem os acordes da etiqueta e da solidariedade que lhes faltavam (SUZUKI 1973; NUKARIYA1913).

Outra compatibilidade encontrada pelos Samurais se refere ao estilo de vida seguido por seus mestres do Zen (SUZUKI 1973). A vida do primeiro o reportava facilmente à vida monástica do segundo, onde ambos tinham de se submeterem a

uma extrema disciplina em seus respectivos treinamentos; privações materiais, psicológicas e físicas sem nunca reclamar (DONOHUE 2005).

Segundo Suzuki (1973), outro significativo atrativo que os Samurais encontraram no Zen é o fato dele não ter uma doutrina especial ou filosofia embasada em conceitos intelectuais. O objetivo central do Zen é libertar o indivíduo do ciclo de nascimento e morte por meio de um específico desenvolvimento da intuição, que permite o correto entendimento dos fenômenos.

O autor ressalta que outra grande peculiaridade do Zen, se comparado a outras religiões, é ser altamente adaptável a qualquer filosofia ou doutrina moral, com tanto que seu ensinamento, focado no desenvolvimento da intuição, não seja interferido. Suzuki afirma que: "... ele pode ser incorporando ao anarquismo, fascismo, comunismo ou democracia, ateísmo ou idealismo ou a qualquer sistema político ou econômico dogmático (...)" (SUZUKI 1973: 63).

### **2.3.1 - Outras influências do Budismo na cultura japonesa**

É altamente notável como o Budismo se tornou a base do desenvolvimento da cultura e da ética sócio-religiosa de praticamente todo o extremo oriente e especificamente do Japão (SUZUKI 1973).

A presença do Budismo naquele país está presente nos fatos históricos, na arquitetura tradicional, na literatura, nas artes plásticas, artes marciais e na sociedade, bem como na ética social japonesa. O folclore e a música clássica japonesa têm sua marca budista saliente e até mesmo os feriados nacionais japoneses são datas marcadas pelo calendário budista (SUZUKI 1973; MATSUNAMI 2004).

#### **2.3.1.1- Principais características da inseparabilidade entre religião e cultura**

Apesar de o budismo ter surgido na Índia; migrado para a China, onde incorporou muito da filosofia confucionista e taoísta e passar pela Coréia, foi somente no Japão que esta religião foi colocada em prática na vida diária de todo um povo (SUZUKI 1973).

A essência do Zen budismo Japonês é a *consciência plena*, a consciência de Buda, de que a realidade não é dualista, mas um estado existencial equânime.

Sua influência, naquela cultura, pode ser observada em vários aspectos no cotidiano das pessoas. A expressão *Itadakimasu*, antes de comer, manifesta a gratidão pelas refeições. Literalmente significa: “Com gratidão eu aceito essa refeição, porém refletindo acerca do meu merecimento ou não disso. **Gochisoma** é dito após a refeição e significa: que essa oferenda seja muito bem recebida para manter meu corpo saudável e completar os bons desejos de todos os seres” (MATSUNAMI 2004: 36). Segundo o autor, apesar de seu significado original ter se perdido no tempo e as palavras serem ditas automaticamente, elas se originam de profundos ensinamentos budistas acerca da gratidão a todos os seres sensientes (vegetais, animais etc..) que deram suas vidas neste mundo para a alimentação de outros.

O jogo (Janken) ou da maneira abrazeirada **jokempo** é muito popular até no Brasil. Nesse jogo, os jogadores ao estender os dedos ou fechar a mão representam as formas da tesoura, da pedra ou do papel. A tesoura ganha do papel, porque pode cortá-lo; a pedra ganha da tesoura, porque esta não pode cortá-la; e o papel ganha da pedra, porque pode embrulhá-la. Este jogo também transmite profundos ensinamentos budistas acerca da interdependência e relatividade das coisas e dos fenômenos (MATSUNAMI 2004).

Na esfera da arquitetura, o Japão é mundialmente reconhecido pela sua interação quase orgânica, entre construções residenciais, edifícios religiosos, terra e paisagismo (JOHNSON 1993).

Ao pesquisar a *paisagem zen budista e a idéia de templo*, em dois templos zen do Japão (o **Muso Kokushi** e o **Zuisen-Ji**), Johnson (1993) interpreta o templo como a relação mútua entre arquitetura, terra e paisagem, edifícios e principalmente a participação ritual dos devotos. As arquiteturas dos templos pesquisados por Johnson mostraram que os templos não são prédios, exclusivamente, mas é um fenômeno espacial e temporal dos quais os edifícios são apenas componentes de sua característica.

Corroborando com Johnson (1993), Blyth (1951), que afirma que a cultura japonesa é totalmente influenciada pelo budismo, não só por meio das manifestações artísticas, mas também na arquitetura. Esse autor juntamente com Suzuki (1973), afirma que os japoneses colocaram em prática os princípios do Budismo Mahayana na maneira de morar, de comer, de beber, de andar, de falar, dentre outras ações.

Um exemplo está nas palavras de Blyth, que diz que o japonês está para o budismo, assim como a água está para os patos: “É uma evidência, indireta, porém completamente conclusiva o fato de que o povo japonês era Budista antes do Budismo chegar no Japão. Eles entraram no Budismo “como um pato entra na água”. O Pato não é coberto pela água e não se molha; porque ele é um pássaro d’água” (BLYTH 1951: 311).

### 2.3.2 - Algumas manifestações culturais do Zen Budismo no Japão

Os primeiros veículos de inculturação do budismo no Japão foram algumas das preferências artísticas (*Chado, Ikebana, Haiku etc*) que inicialmente eram desejadas somente pela aristocracia japonesa (SUZUKI 1973; BLYTH 1951).

**DO** (ou Michi), é um ideograma presente em um significativo número de atividades artísticas japonesa, compreende a idéia de movimento, de cabeça ou líder. A princípio era usado para sugerir a idéia de via principal e finalmente se tornou em via ou caminho. No Budismo tem o significado de caminho ou **caminho para a iluminação** (DRAEGER 2007).

Fortemente influenciado pelo zen Budismo e pelo Taoísmo, o conceito de Do ou Tao (Caminho do céu em chinês), sofreu por parte dos japoneses significantes alterações para que se adaptasse à religião nativa (Xintoísmo) e às exigências políticas vigentes. Ininterruptamente, este conceito foi incorporado a muitas artes japonesas tais como: cerimônia do chá (*chado*), arranjos florais (*kado*), cerimônia do incenso (*kodo*) e as artes marciais (*Budo*).

**Chado** (caminho do Chá) ou *Chanoyu* que literalmente significa “chá e água quente”. É uma atividade multifacetada baseada no budismo e no Taoísmo. É uma

cerimônia onde um tipo de chá verde pulverizado é meticulosamente preparado e servido para outra(s) pessoa(s) (HERRIGEL 1995; SUZUKI 1973).

**Kado**, caminho das Flores, é a arte do arranjo das flores, também conhecido como **Ikebana**. Em contraste com os arranjos ocidentais repletos de flores, o arranjo japonês é baseado nas linhas dos finos galhos e/ou das folhas de um reduzido número de flores. Agregado a isso tem também o vaso que é um elemento chave na composição. Essa arte é praticada no Japão há mais seiscentos anos. Originou-se do ritual budista de oferecer flores aos espíritos dos antepassados e no início era praticada primeiramente por monges e membros da alta sociedade.<sup>16</sup>

O **Haiku** ou **Haikai** é uma a forma de poesia estruturada na forma de dezessete sílabas, arranjadas em grupos de cinco (5), sete (7), e cinco (5). Ele deriva da primeira linha do verso ligado que alternadamente repete uma linha em grupos de cinco (5), sete (7), e cinco (5) sílabas, e uma linha em grupos de sete (7) e sete (7) sílabas. Essa forma de poesia, que perpetua até hoje, foi estabelecida na era Edo (1603-1867) e seu idealizador foi Matsuo Basho (1644-1694). Basho, como é mais conhecido, além de ser o mais famoso escritor de haiku, também era monge budista e descendente de samurais (BLYTH 1951).

No cao do Budo o princípio fundamental desta arte está profundamente arraigado ao conceito do ideograma Do e para um grande número de praticantes de artes marciais, como por exemplo, Kenji Tomiki<sup>17</sup>, o conceito de Do foi o aglutinador que fez com que o *coração do Budo pulsasse*. Do era o caminho a ser seguido como processo e meio do auto-aperfeiçoamento nesta vida.

O que todas essas formulações têm em comum é a forte conexão com as idéias centrais do Zen Budismo. Todas se referem á idéia de que assim como no Zen essas formulações artísticas podem conduzir a Iluminação budista, chamada satori, e que é por si só um completo sistema de vida filosófico, moral, físico e espiritual.

---

<sup>16</sup> Ikenobo Origin Of Ikebana. Site oficial da Associação Japonesa de Ikbana estilo Ikenobo: <http://www.ikenobo.jp/english/LIBRARY/history01.html>. Acesso em 17.11.2007.

<sup>17</sup> Kenji Tomiki nasceu em 15 de Março de 1900 e faleceu em 25 de Dezembro de 1979. Foi aluno do fundador do Judô, Jigoro Kano e do fundador do Aikido, Morihei Ueshibae alcançou o 8º Dan de Judô e de Aikido. Mestre nas duas artes desenvolveu o “único” método de Aikido competitivo.

## 2.4 - O Budo como fator constituinte da identidade nacional japonesa do Pós-Guerra

No final do século XIX a educação Japonesa tinha uma forte orientação moral destinada a suprir as necessidades do Estado (*kokka no tame no kyôiku*). Nesse período, a Educação Física japonesa tinha uma função social pensada sob a forte influência das instituições militares e da medicina, e dela se esperava que provesse à sociedade com Jovens saudáveis e de forte espírito nacionalista, para a “construção” das fileiras de um exército e de uma economia forte (*fukoku kyohei*) (NIEHAUS 2006). Sendo assim, o Judô que foi originalmente idealizado por Jigoro Kano tinha três objetivos principais: acelerar a disputa com o ocidente (*transpondo a percepção de inferioridade física e militar*); disseminar os ideais do Judô mundialmente e como um sistema de educação para os praticantes (CARRS 1993).

Em 1889 a reação de Kano a essa filosofia educacional nacionalista foi:

Judô não é moralidade, mas sim uma educação moral num sentido amplo. Se nós incluirmos o Judô como disciplina curricular em todas as escolas do nosso país, isto pode certamente compensar os pontos fracos de nosso atual sistema educacional, respaldar a formação de caráter dos nossos pupilos e fortalecer seus sentimentos de patriotismo. Poderíamos até ter conflitos internacionais e poderíamos até ser atacados por todos os lados, mas seguindo os ensinamentos do Judô, nós não sentiremos medo e não nos renderemos. E nos tempos de paz, os estrangeiros irão se admirar do moderno desenvolvimento em nosso país, assim como, dos costumes e hábitos. Se nós seguirmos os ensinamentos do Judô...o tempo em que nosso país será um dos mais fortes países civilizados estará próximo. (KANO apud NIEHAUS 2006: 1178).

Dessa forma Jigoro Kano implementou a idéia de criar um espírito patriótico por meio do Judô e apresentou esse novo esporte marcial às instituições governamentais como uma poderosa ferramenta para reacender a identidade nacional japonesa, muito necessária à um Japão que sofria de um forte sentimento de inferioridade frente ao ocidente (CARR 1993).

Portanto, o Judô estava predestinado a servir como uma metáfora para a auto-imagem do japonês e da nação da era Meiji. O Judô era visto como a arte marcial puramente japonesa onde o homem fisicamente fraco poderia indubitavelmente sobrepujar outro fisicamente forte, mediante o correto uso das técnicas e da força espiritual.

Em muitos dos textos, o próprio Jigoro kano, segundo Niehaus (2006), é saliente seu constante confronto com a cultura do Ocidental, sendo sempre representado como o protetor do Japão, que por meio do Judô iria mostrar ao mundo inteiro o verdadeiro espírito japonês.

Mesmo vinte anos após sua criação o Judô ainda não era um sistema fixo e ainda estava sofrendo modificações técnicas e teóricas. Foi então que em 1909, ao ser eleito o primeiro membro do Comitê Olímpico para um país asiático, Kano entrou em contato com o *Movimento Olímpico* e com os ideais Olímpicos. A partir de então suas idéias mudaram expressivamente, no sentido de uma orientação mais pluralista e internacionalizada.

Foi nessa época que Jigoro Kano incorporou a filosofia esportiva proposta por Coubertin ao Judô e estabeleceu seu auspicioso objetivo de incluir as artes marciais, especialmente o Judô e o Kendo, na programação dos Jogos: “Espero que as artes marciais e o atletismo se desenvolvam de mãos dadas. Mesmo sendo diferentes, seus objetivos ainda são os mesmos: O fortalecimento do corpo e da mente. Portanto, seria sensato incluir o Kendo, o Judô e a atitude do **Bushido** nos Jogos Olímpicos” (KANO APUD NIEHAUS, 2006: 1179).

Com Niehaus (2006) ainda vê-se que o ensino do pensamento ultranacionalista, constituía uma disciplina curricular do ensino médio, desde o início de 1911, e teve um crescimento tão grande que nos anos 30 e 40 o Japão estava cada vez mais submerso neste pensamento e em 1931, consoante a essas novas configurações políticas e sociais, foram incluídas nas escolas, como disciplinas compulsórias, as modalidades de Kendo e Judô.

Durante esse período essas duas modalidades foram cada vez mais associadas a uma educação *pré-militar* e foram peças importantes na constituição

do maquinário de guerra nipônico, e foram tão importantes que durante os anos de ocupação, o Comando Supremo das Forças Aliadas proibiram a prática de todas as formas de Budo, exceto o Sumo.

## 2.5 - O Budo no Brasil - A Institucionalização do Budo no Brasil

Pesquisas que abordem sobre a História do Budo no Brasil são muito raras, sendo poucas publicações específicas. O pouco que se tem, são alguns relatos comumente mencionados nos sites das federações e na introdução de livros técnicos ou manuais (VIRGÍLIO 2002a; 2002b; FPK<sup>18</sup>; CBK). Sobre o Kendo, especificamente, só há informações em sites e algumas poucas traduções de livros técnicos.

Devido a essa escassez de material, a história do Budo no Brasil, será aqui representada por meio do Kendo e Judô. Isso porque essas duas modalidades iniciaram-se junto com todas as outras manifestações culturais japonesas do Brasil, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, em 1908, que vieram trabalhar na lavoura do café, nas fazendas localizadas no estado de São Paulo e Paraná (VIRGÍLIO 2002b; CBK). Inicialmente, foi praticado somente entre os membros da colônia e seus descendentes, principalmente no interior desses respectivos Estados.

Em 1933, na comemoração dos 25 anos da imigração japonesa, os praticantes de judô e kendo fundaram a primeira associação brasileira de judô e kendo, a "*Hakoku Ju-Kendo Ren-Mei*".

O Kendo passou a ser ensinado nas escolas de língua japonesa existentes nas colônias rurais. Com o advento da 2ª Guerra Mundial a vida dos imigrantes japoneses no Brasil foi afetada, assim como a continuidade do Kendo, pois todas as escolas de língua japonesa foram fechadas e qualquer manifestação da cultura japonesa foi proibida. Somente após a 2ª Guerra que o Kendo voltou a ser praticado no Brasil, tomando contornos mais organizados alguns anos de, com a fundação do "Zen Haku Kendo Ren Mei" e, posteriormente, a ABRAKEN – Associação Brasileira de Kendo. Considera-se que a era moderna do Kendo no Brasil começou na década de 70 (14WKC)<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Federação Paulista de Kendo

<sup>19</sup> **14WKC**. Site Oficial do 14 Campeonato Mundial de Kendo. Texto em: <http://www.14wkc.com.br/site/kendo-no-brasil/>>Acesso em: 7.11.2008

Seguindo os mesmo moldes educacionais do Japão as comunidades nipônicas do Brasil se empenharam muito em proporcionar o Judô e Kendo como complementação educacional para suas as crianças. Um exemplo é a biografia do mestre Massao Shinohara: uma das personalidades mais respeitadas do Judô nacional e portador do 9º grau desta arte (no judô o grau mais alto atingido foi o 10º). Ele conta que junto com seus irmãos iniciou a prática de Kendo e depois Judô em uma escola de língua japonesa na cidade de Embu, interior de São Paulo, entre as décadas de 1930 e 1940 (KIAI 1998: 46-47). Em outra publicação da mesma revista ele diz:

**Kiai:** Depois que começou a praticar judô, nunca mais se dedicou ao Kendo?  
**Sensei Shinohara:** Mas eu continuo estudando Kendo. Quem entra no Kendo não sai mais. Ainda que não tenha tempo para dedicar-me mais a essa arte da espada, sempre que tenho oportunidade, procuro assistir alguma exibição. Afinal, dediquei-me firmemente ao Kendo durante 10 anos .(KIAI 1996: 18-26).

De acordo com as citações anteriores, vimos que o Judô e Kendo sempre estiveram presentes nas atividades sócio-educativas das colônias e que com o advento da Segunda guerra somente o Kendo passou por um período relativamente inanimado. Se os dois chegaram juntos e foram apresentados a todos da comunidade, por que somente um teve maior crescimento quantitativo? Provavelmente o impacto deste período pós-guerra e outros fatores só se mostraram contundentes<sup>20</sup> porque ao contrário do Judô não houve na história geral do Kendo indivíduos engajados em sua divulgação efetiva para o povo além colônia, por meio da mídia e da prática esportivizada, com ênfase em competições desafios e outros eventos promocionais.

Não encontramos na história do Kendo indivíduos como: **Mitsuyo Maeda Yasuishi Ono** e **Ryuzo Ogawa**. Os dois primeiros se desatacaram no cenário esportivo brasileiro principalmente por seus desafios em atividades do tipo *Luta Vale*

---

<sup>20</sup> Haja a vista que o Kendo no Brasil congrega apenas 900 face ao judô que tem 2.500.000

*Tudo*, no caso do terceiro, Ryuzo Ogawa, seu trabalho em prol da expansão do Judô, no Brasil, lhe rendeu uma *Espada Katana* enviada pelo império Japonês, antes da II Guerra e a *Medalha Cultura e Cívica José Bonifácio de Andrade e Silva* pelas autoridades brasileiras (O.H.O, entrevista, São Paulo, 14/02/2009)<sup>21</sup>.

Yasuichi Ono chegou ao Brasil em 1928 e sua importância se manifesta em seu estilo altamente competitivo e empreendedor. Devido a suas extraordinárias participações em provas de *Vale Tudo* ele se tornou famoso na cidade de São Paulo. Na década de 1930 ele inicia sua academia de Judô e suas academias rapidamente se espalharam pela cidade. Além do valor técnico, que era muito elevado, suas academias se destacaram devido suas localidades que, geralmente em regiões nobres, sempre atraíram pessoas ilustres da sociedade paulistana, tais como os membros da família Matarazzo entre outros (VIRGÍLIO 2002a)

O grande mestre Ryuzo Ogawa (1883-1975) foi uma das maiores autoridades mundiais em judô. Nascido no Japão em 1883 iniciou sua prática com nove anos no antigo Jiu Jitsu e aprendeu diversos estilos. Chegou ao Brasil em 1934, acompanhado de sua esposa, Sr. Toku Ogawa e o único sobrevivente de seus onze filhos *Matsuo Ogawa* (VELTE 1989).

Em 1938 Ryuzo Ogawa funda a Associação *Budokan* de Judô (Hombu Budokan), que merece destaque em nossa pesquisa, por que foi a primeira associação de Budo no Brasil com projeção e organização nacional. Com filiais nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás entre outros, teve mais de cem entidades filiais em todo o Brasil. Seu neto o Sensei Oscar Hitoshe Ogawa, em entrevista, afirma que *sem a Budokan as dimensões do judô brasileiro hoje, não seriam tão expressivas*. As colocações do Sensei Hitoshe fazem sentido porque é somente vinte anos depois da fundação da Budokan que é instituída a primeira Federação de Budo no Brasil, a Federação Paulista de Judô, fundada em 17 de abril de 1958 (KIAI 1998).

---

<sup>21</sup> Neto do Sensei Ogawa.

Dizem que quando sensei Ono chegou ao Brasil alugou um boxe no mercado municipal de São Paulo onde enfrentava qualquer adversário. Mais tarde tendo estabelecido sua escola de judô, veio a se tornar uma figura lendária e muito popular no estado de São Paulo, tendo treinado seu sobrinho Akira Ono, que viria a se tornar o primeiro campeão brasileiro a vencer os Jogos Pan-americanos em judô (VELTE 1989: 10).

Outra evidência de nossa suposição (falta de Marketing) pode ser notada no fato de a federação Paulista de Judô — depois de muitos anos vinculada à federação Paulista de Pugilismo — ter sido fundada em 1958, ao passo que a Federação Paulista de Kendo somente em 3 de outubro de 1981.

Obviamente que isso não reflete falta de interesse ou capacidade dos precursores e líderes do Kendo brasileiro, mas sim a necessidade de outros estudos que tenham como escopo o desenvolvimento do Kendo no Brasil e as peculiaridades da comunidade nipônica do Kendo que, até cerca de vinte anos atrás receava a entrada de brasileiros, sem descendência japonesa, na prática do Kendo.

### **3. Os Samurais Brasileiros**

Após termos postulado as questões relativas ao zen-budismo e ao Kendo nos capítulos anteriores, neste capítulo primeiramente tivemos como intuito descrever todos os métodos utilizados na coleta de dados, bem como apresentar os resultados obtidos, posteriormente fizemos a discussão dos dados.

#### **3.1 - O universo da pesquisa**

Conforme colocado, este trabalho contou com pesquisa de campo e valendo-se de um referencial já consolidado, compreendendo os dados colhidos no campo de estudo e tentando-se chegar a algum tipo de generalização. Optou-se por método qualitativo, uma vez que tal método apresenta-se como o mais adequado para o nosso trabalho.

Por meio de entrevistas com representantes com três diferentes graus de conhecimento de Kendo, buscamos mapear os elementos histórico-religiosos do Kendo para a formação de uma identidade e tradição histórico-religiosa no universo da arte marcial japonesa no Brasil. Tivemos por objetivo observar a simbologia religiosa oriundas da tradição, que influenciaram na conformação desse nosso universo. Valendo-se desses dados e de sua confrontação com os levantamentos junto às fontes documentais adquirimos os elementos essenciais para a confirmação ou refutação de nossas hipóteses e, também, para a produção de prospecto do Kendo em relação a seus conteúdos histórico-religioso.

Para se chegar aos objetivos desse estudo ainda foi necessário escutar outros conhecimentos dos praticantes, tais como: História do Kendo, filosofia do Kendo e objetivos dos praticantes. Sendo assim, os resultados serão apresentados conforme os objetivos específicos do questionário e somente depois discutidos em acordo com os objetivos do trabalho.

A disposição geográfica das instituições e dos entrevistados foi levada em consideração para que pudéssemos observar, mais claramente, a

existência de uma semântica comum. Os entrevistados, mesmo os que fazem parte da seleção brasileira de Kendo, vivem e trabalham em outras atividades na cidade de São Paulo. As entrevistas foram feitas, nas próprias academias e durante os treinamentos para a competição do campeonato mundial de Kendo que, auspiciosamente, será realizado nos dias 28, 29 e 30 de Agosto de 2009 em São Bernardo do Campo / SP. Ao todo foram entrevistadas vinte pessoas, número que consideramos suficiente para a obtenção dos dados necessários ao esclarecimento das questões propostas pela pesquisa.

Ao estabelecer o universo da pesquisa de campo, buscamos focalizar um grupo de indivíduos ligados entre si por intermédio da Federação Paulista de Kendo, ou seja, por uma “hierarquia marcial” direta, isto é, os representantes acima do terceiro grau (Sandan) já podem ser professores e transmitem seus conhecimentos para os de segundo grau que, por sua vez, os transmitem para os de primeiro grau (Shodan) abaixo (Shoshinsha). Essa hierarquia parte da FIK (Federação Internacional de Kendo), vem para a CBK (Confederação Brasileira de Kendo), e este último aliado à FPK (Federação paulista de Kendo) são os responsáveis pelos exames de graduação e registro oficial de seus filiados.

O fundamental para nosso estudo é a graduação dos praticantes e seu nível de conhecimento teórico do Kendo, pois segundo a FPK<sup>1</sup> é a graduação que determina a qualidade da transmissão do Kendo. Isso porque, para que a pessoa mude de grau ela deve assumir algumas responsabilidades: acatar os ensinamentos do mestre, respeitar os superiores e transmitir e inserir-se não só na técnica, mas também na filosofia.

Participaram do estudo 20 kenshins<sup>2</sup> (praticantes de Kendo), inerentes a diferentes locais de prática, selecionados de forma não intencional, e sem exigências acerca do tempo de prática. Destes 17 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, com idades entre 18 a 46 anos, sendo mínimo de 2 e o máximo de 25 anos de prática de Kendo.

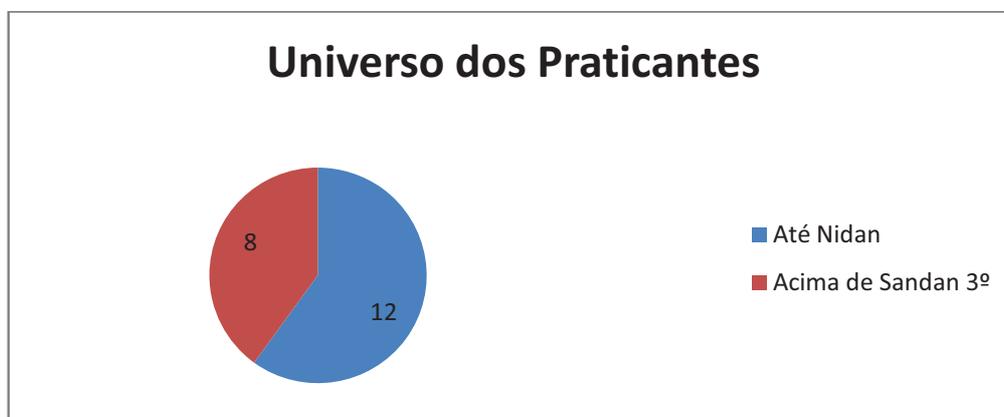
---

<sup>1</sup> Diário de campo, em 11.06.2009

<sup>2</sup> Kenshi é uma das formas de se chamar os praticantes de kendo, sendo mais conhecido o termo kendoka.

### 3.1.1 - Resultados da Pesquisa

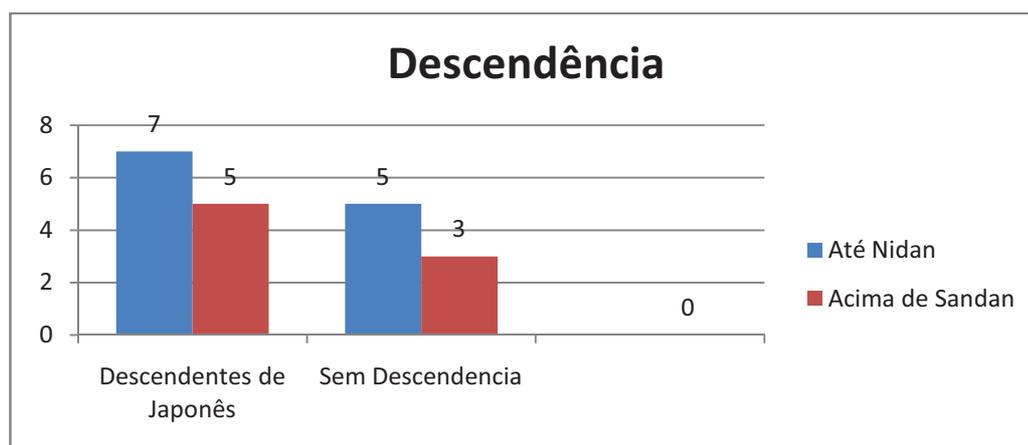
**Quadro 1 - Universo dos Praticantes**



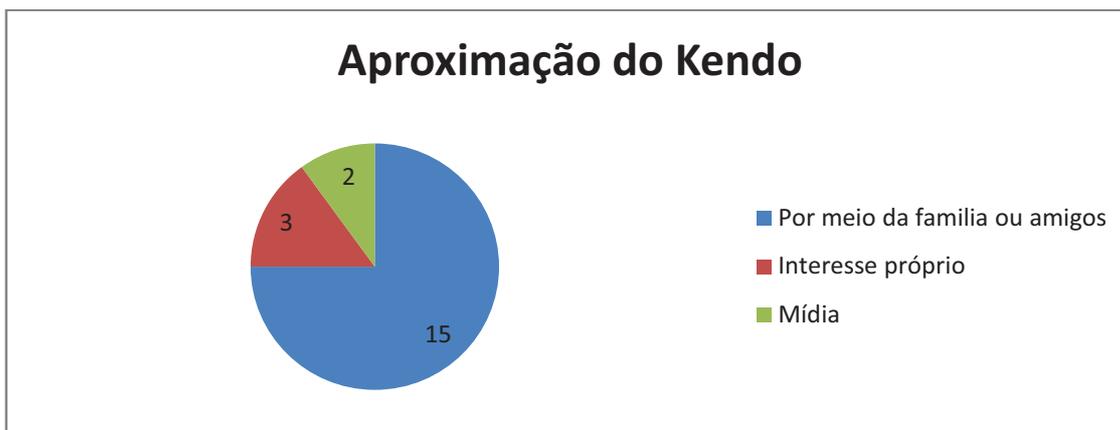
Dentro de nosso universo temos a majoritariamente indivíduos com a graduação de Shoshinsha (iniciante sem graduação), Ikyu, Shodan e Nidandan.

Apesar disso, temos um número relevante de pessoas com graduação acima de Sandan (3º Dan), o que implica pensarmos que nosso universo sabe ou tem, minimamente, uma inserção nos princípios filosóficos do Kendo

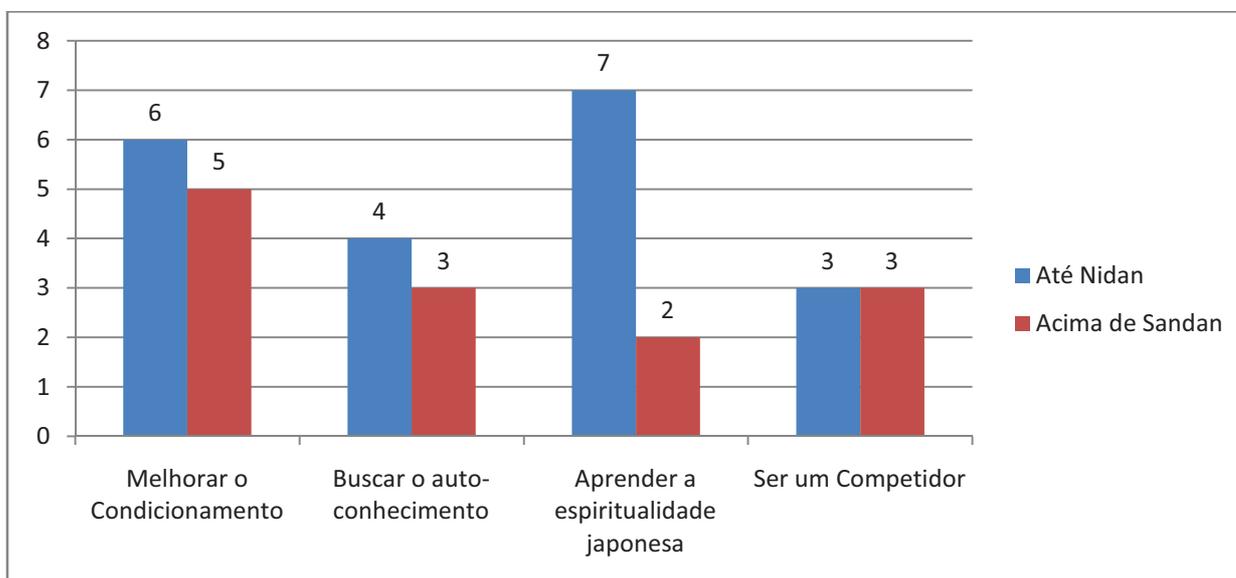
**Quadro 2 - Descendência dos Praticantes**



Em se tratando da herança cultural vemos que quatro indivíduos são descendentes de japonês e que cinco não.

**Quadro 3 - As Vias de Aproximação da Modalidade**

Sobre as vias que levaram os entrevistados à aproximação do Kendo, temos como principal forma de aproximação foi o intermédio da família e amigos. A mídia nesse momento não demonstrou um impacto significativo e o interesse nascido do próprio indivíduo também não se mostrou relevante.

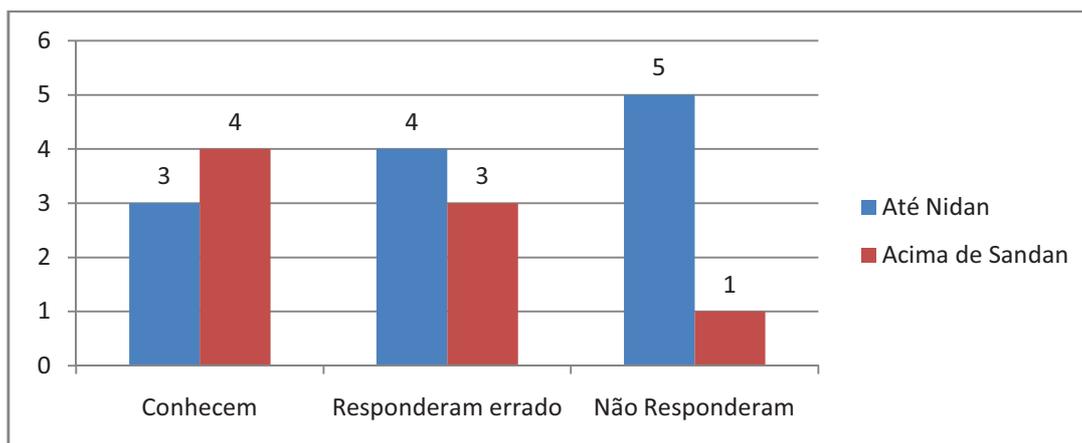
**Quadro 4 - Objetivos e motivações para treinar o Kendo<sup>3</sup>**

O Quadro 4, mostra que quando perguntado a respeito do objetivo de se praticar o Kendo, a partir das respostas dadas conseguimos formular três categorias:

<sup>3</sup> Prosseguindo a pesquisa com as perguntas 6, 39 e 40 questionou-se sobre os objetivos dos praticantes no kendo.

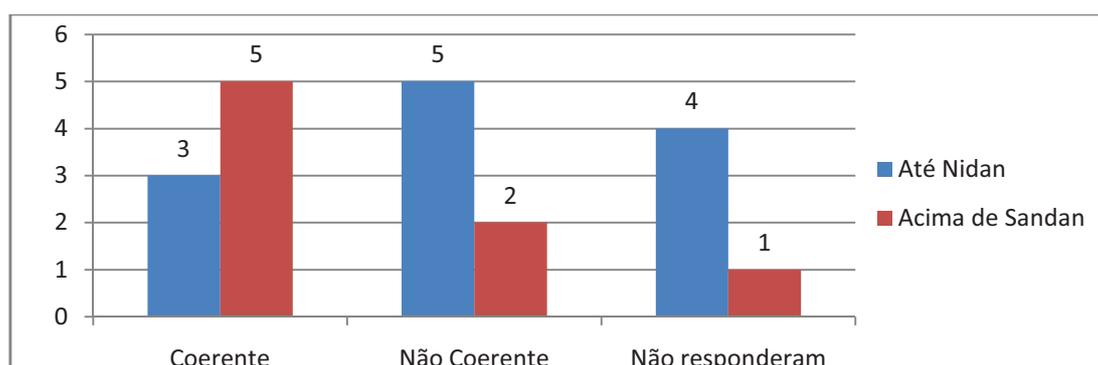
- 1ª Melhorar física e espiritualmente
- 2ª Praticar uma atividade desportiva
- 3º Ser um competidor de alto nível

**Quadro 5 - Entendimento do Termo Budo**



Conforme o Quadro 5, verifica-se que sete dos entrevistados possuem conhecimento acerca do termo. Porém a maioria de nossos entrevistados (doze) não conseguiram responder corretamente e seis não responderam.

**Quadro 6 - Conhecimento da História do Kendo**



Quando questionados sobre o surgimento do Kendo, observa-se que apenas oito dos entrevistados souberam responder e possuem conhecimento, conforme a literatura e as duas instituições responsáveis pelo Kendo no Brasil (CBK; FPK). A maioria desses que souberam, pertencem ao grupo acima de Sandan. No entanto, entre o grupo de indivíduos com graduação até Nidan as

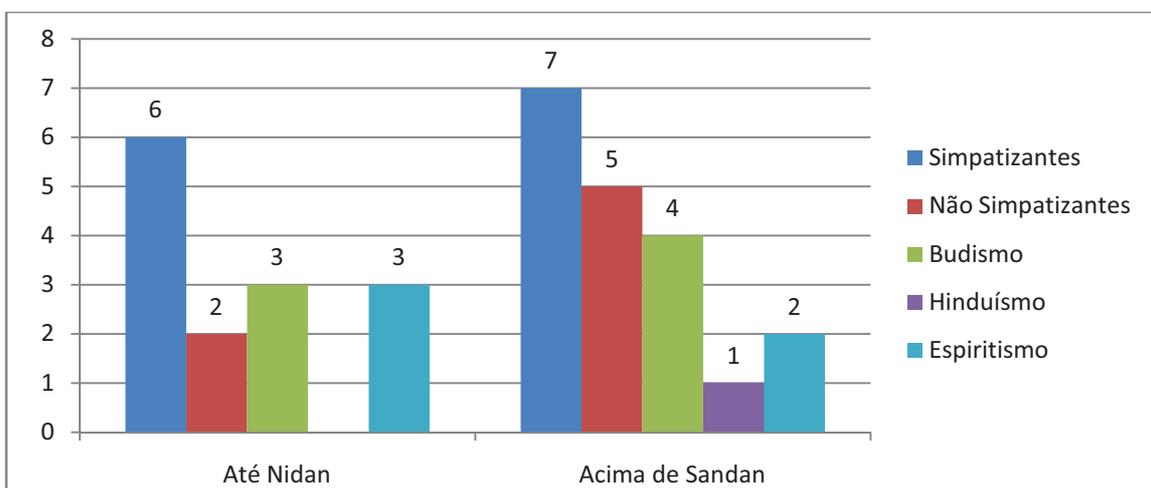
respostas foram identificadas como não coerente, pode-se verificar que estes possuem conhecimento do nome de algumas eras mais expressivas do Japão, porém contextualizaram de forma equivocada e outros cinco não responderam.

**Quadro 7 - Filiação religiosa**



Ao abordarmos sobre a filiação religiosa, constatamos que 11 se declararam católicos; um católico/protestante; dois cristãos; um protestante; quatro sem religião e apenas um budista.

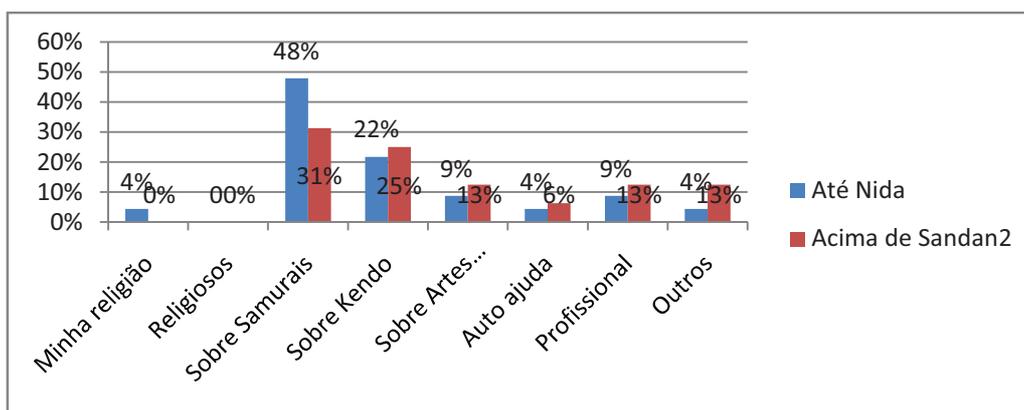
**Quadro 8 - Simpatia por outras religiões**



Com a questão 18 tivemos como foco a identificação de uma possível empatia por outras religiões. A religião que se mostrou mais simpática aos entrevistados foi o Budismo, seguida pelo espiritismo.

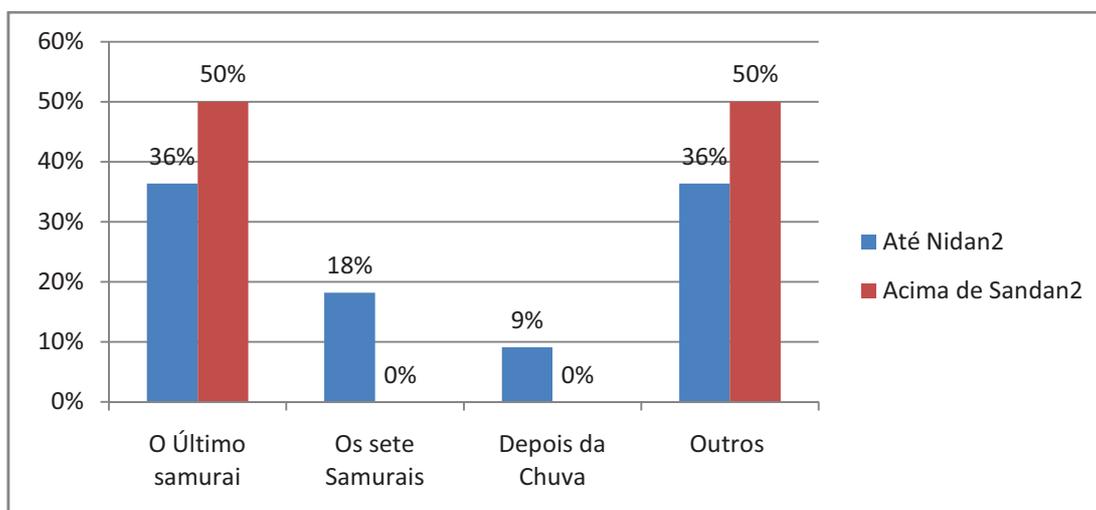
Com as perguntas 20, 21 e 22 objetivamos saber qual o conhecimento que os entrevistados têm do Budismo. Do que se refere ao Budismo, a grande maioria conhece o país de origem. Por outro lado cinco dos entrevistados não conhecem.

**Quadro 9 - Literatura de Interesse**



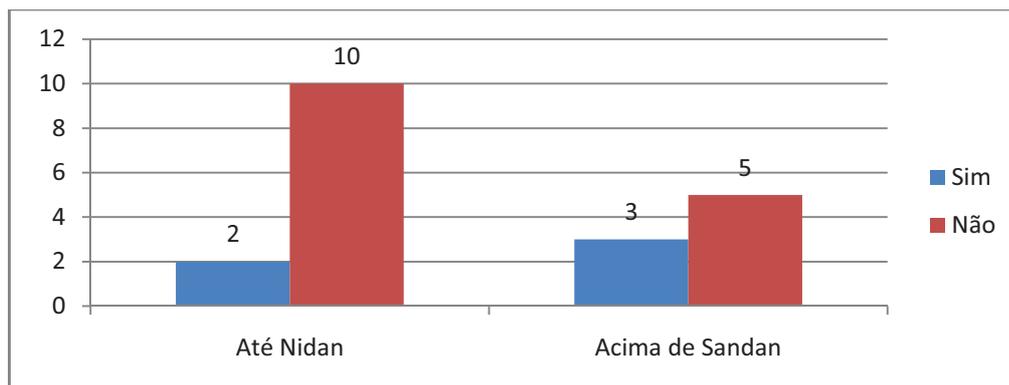
De acordo com o Quadro 9, quando perguntado a respeito dos livros que conhecem acerca do nosso tema, obtivemos os seguintes resultados na leitura do gráfico. Destacam-se os livros referentes aos samurais com 48%, sobre Kendo com 25%, sobre artes marciais com 13% e de auto-ajuda com 6%.

**Quadro 10 - Filmes de Interesse**



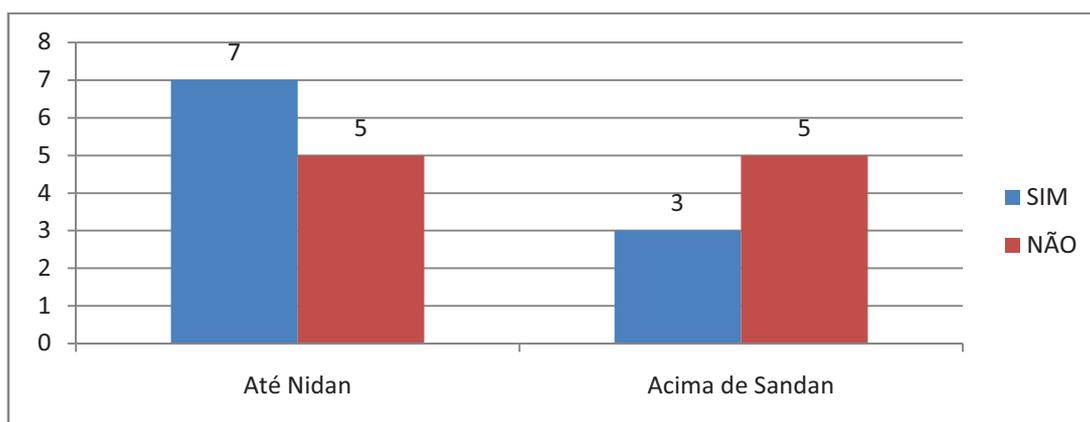
Ao lermos o Quadro 10 constatamos que o filme o *Último Samurai* se destaca nas preferências de filmes. Vale notar que este filme é relativamente novo e outros filmes de Samurai tais como *Os Sete Samurais* e *Depois da Chuva*, tidos como clássicos do gênero não tem muita expressão.

#### Quadro 11 - Crença na existência de ensinamentos religiosos no Kendo



A pergunta 27 indagava sobre a existência ou não de ensinamentos religiosos no Kendo. Da população entrevistada quase que a totalidade disse não acreditar que exista algum ensinamento religioso no Budo.

#### Quadro 12 - Religiosidade na Arte Marcial



Ao lermos o Quadro 12, vemos que, ao serem questionados acerca da suposta existência de religiosidade nas artes marciais, as respostas se dividiram, em relação ao Quadro anterior. Como nós enxergamos o Kendo como arte marcial, para nós a maioria que antes afirmavam não ter relação

religião e Kendo agora afirma que há relação entre arte marcial e religião. Isso nos leva a supor que muitos praticantes não incorporam ou compreendem o Kendo dentro do apanágio geral das artes marciais.

**Quadro 13 - Entendimento das terminologias japonesas no grupo até Sandan**

<b>Terminologias</b>	<b>Correto</b>	<b>Coerente</b>	<b>Não Coerente</b>	<b>Não Respondeu</b>
<b>Kiai</b>	11	0	0	1
<b>Mokuso</b>	12	0	0	0
<b>Shinzen-ni-rei</b>	4	4	2	2
<b>Shomen-ni-rei</b>	4	4	2	2
<b>Sensei</b>	12	0	0	0

No Quadro13 verificou-se que sobre o termo *Kiai*, que significa grito com manifestação de seu estado de espírito apenas 1 dos 20 entrevistados não soube responder. Sobre *Mokuso* , que significa esvaziar a mente todos os entrevistados, apesar de não darem a mesma resposta, acertaram.

Nos termos *Shinzen-ni-rei*<sup>4</sup>, que na verdade sugere uma saudação em direção á residência divina, representada por uma miniatura de templo Xintó ou um *kakejiku*<sup>5</sup>, somente 4 entrevistados acertaram, outros 4 não acertaram, mas mostraram coerência no significado tratando apenas por reverência à Deus, 2 erraram e outros 2 não responderam.

O termo *Shomen-ni-rei* sugere uma saudação ao lugar mais importante do Dojo e mesmo sendo dizeres diferentes, em sua raiz, significam a mesma coisa. Porém o primeiro, *Shinzen-ni-rei*, tem uma conotação mais religiosa do que *Shomen*<sup>6</sup>. Sendo assim, constatamos que as resposta acerca do termo *Shinzen-ni-rei* se replicaram na pergunta acerca do termo *Shomen-ni-rei*.

<sup>4</sup> Diário de campo em 11.07.2009

<sup>5</sup> Caligrafia japonesa exposta em forma de pergaminho pendurada na parede

<sup>6</sup> Entrevista com, Zen Tachibana, 4º grau, atleta da seleção nacional de Kendo e um dos professores da academia Bunkyo de kendo. 11.07.2009

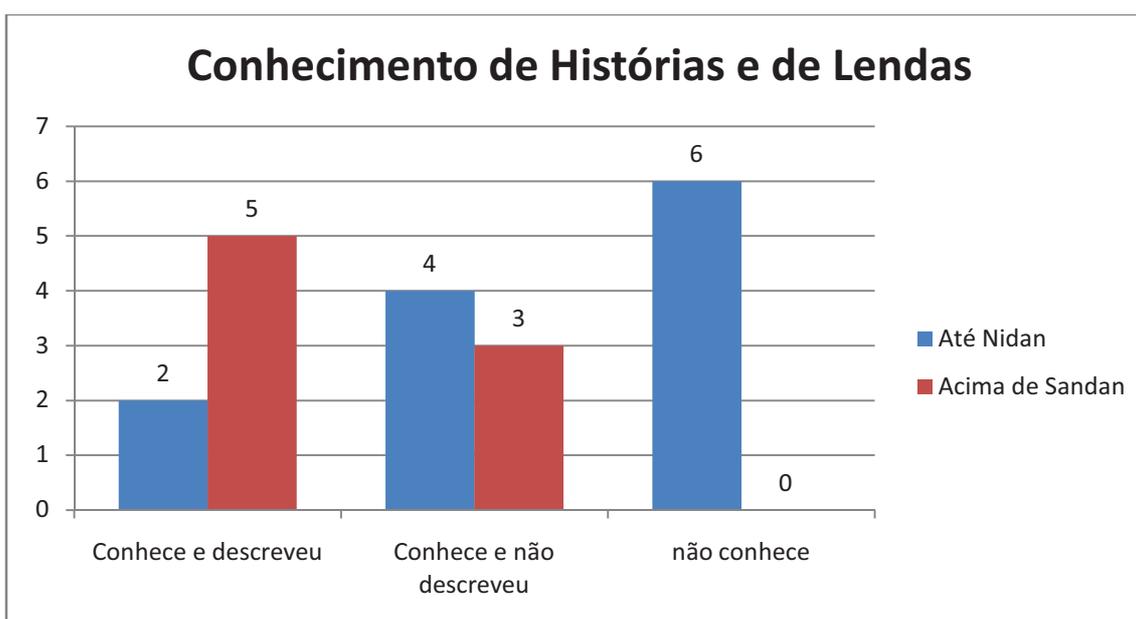
Em se tratando do termo *Sensei*, haja vistas que no ocidente essa palavra foi amplamente divulgada como professor, todos os entrevistados acertaram.

**Quadro 14 - Entendimento das terminologias japonesas no grupo acima de Sandan**

Terminologias	Correto	Coerente	Não Coerente	Não Respondeu
<b>Kiai</b>	8	0	0	0
<b>Mokuso</b>	8	0	0	0
<b>Shinzen-ni-rei</b>	7	0	0	1
<b>Shomen-ni-rei</b>	7	0	0	1
<b>Sensei</b>	8	0	0	0

Com os indivíduos do grupo acima de Sandan foram usados os mesmo critérios de avaliação, ou seja, encimados nos mesmos autores e entrevista utilizados para avaliar o quadro anterior. Sendo assim, nos quesitos *Kiai*, *Mokuso*, e *sensei* todos indivíduos acertaram e nos quesitos *Shinzen-ni-rei* e *Shomen-ni-rei* apenas um dos entrevistados não respondeu.

**Quadro 15 – Conhecimento de Histórias e de Lendas**



De acordo com o Quadro 15, apenas sete dos vinte Kenshis descreveram uma das lendas que deram base ao principal estilo de Kendo praticado hoje no Brasil. Todos falaram da mesma lenda sobre um Samurai chamado Miamoto Musashi. Por outro lado, sete dos entrevistados disseram que conhecem alguma lenda, no entanto não descreveram ou falaram a respeito dela e seis não conhecem nenhuma delas.

#### **Quadro 16 - Conhecimento acerca dos princípios filosóficos do Kendo**

<b>Graduação</b>	<b>Coerente</b>	<b>Não Coerente</b>	<b>Não Sabe</b>
<b>Até Nidan</b>	4	2	6
<b>Acima de Sandan</b>	4	2	2

Um dos objetivos desse estudo foi investigar os conhecimentos dos kenshis sobre os princípios filosóficos do Kendo. Tais princípios podem ser facilmente encontrados nos Sites da IFK (Federação Internacional de Kendo) e da FPK (Federação Paulista de Kendo). Com relação aos princípios do Kendo, observa-se no Quadro 16 que oito dos vinte entrevistados disseram que conheciam e descreveram-nas, quatro assinalaram que conhecia porém não descreveu nenhum deles e 8 Kenshis responderam que não sabiam.

Quando perguntado a respeito da iconografia nas academias, isto é, a existência de algum tipo de imagem ou figura oriental, não tivemos como objetivo indagar diretamente sobre imagens religiosas, porém 15 dos 20 entrevistados identificaram o shomen e automaticamente o ligaram a Deus ou altar à ser reverenciado e somente cinco identificaram, mas não souberam interpretá-lo.

#### **Quadro 17 - Submissão ao Mestre**

<b>Graduação</b>	<b>SIM</b>	<b>Não</b>
<b>Até Nidan</b>	3	9
<b>Acima de Sandan</b>	3	5

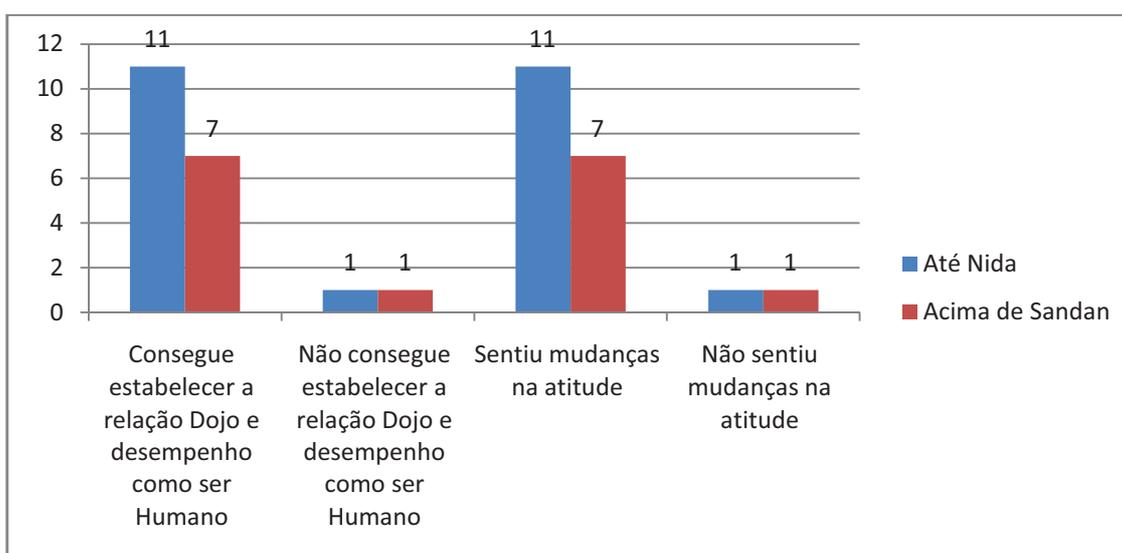
**Quadro 18 - Busca por outros recursos**

<b>Graduação</b>	<b>Yoga</b>	<b>Meditação</b>	<b>Não</b>
<b>Até Nidan</b>	7	2	3
<b>Acima de Sandan</b>	4	2	2

Com as perguntas 36 e 37 tivemos por objetivo visualizar a susceptibilidade dos praticantes em se envolverem com outras atividades além condicionamento físico para sua evolução técnica e até que ponto a relação mestre discípulo influência estes praticantes.

A respeito de complementação ao treino de Kendo por meio de outras técnicas orientais a yoga teve maior aceitação compreendendo a preferência de 11 de nosso entrevistados, 4 preferem a meditação e 5 não se interessam por completo

Sobre a relação mestre discípulo, 14 dos entrevistados, não participariam de atividades religiosas proposta pelo mestre, sendo apenas 6 que se mostraram disposto.

**Quadro 19 – A Manifestação do Kendo Fora do Dojo**

Quando perguntados sobre a relação e influência do Kendo e seu desempenho humano, dezoito dos vinte entrevistados responderam que sim e que conseguem fazer uma relação. Justificando os entrevistados disseram que ambas as coisas são interdependentes e que o resultado dessa relação é a calma nas relações profissionais e familiares, disciplina esforço e paciência.

Questionando sobre o pragmatismo do Kendo, com a questão 33. As respostas confluem com as da análise anterior. Portanto, todos são unânimes e destacam o ganho de paciência, disciplina e concentração como as mudanças adquiridas após a entrada no Kendo.

## **3.2 Desembainhando Espada**

No capítulo anterior apresentamos os dados obtidos. Agora, faremos a discussão e a análise dos dados, a partir do entendimento do zen budismo e do kendo. Para se facilitar o processo de produção da discussão dos resultados, optamos por dividir as análises das questões em blocos pontuais referentes ao tema geral de cada questão. Essa decisão foi tomada desde a elaboração do questionário, que não as agrupou da mesma maneira, porque buscava distribuir as questões de forma que a resposta de uma não refletisse na outra.

O primeiro bloco representa o conhecimento teórico do Kendo e é constituído de duas subáreas: 1) objetivos da prática do Kendo e 2) conhecimento acerca do Kendo, que compreende a História do Kendo, identificação da iconografia, noção de alguns conceitos e das terminologias usadas no Kendo. O segundo Bloco aborda a religiosidade dos entrevistados e a transplantação dos princípios do Kendo para a vida cotidiana.

### **3.2.1 – Conhecimento teórico do Kendo**

#### **3.2.1.1 - Objetivos da prática do Kendo**

As perguntas 6 e 39 vão ao encontro da questão 40 e tiveram como objetivo conhecer os motivos e os objetivos que levaram nossos entrevistados a praticar kendo. As duas primeiras indagam acerca do objetivo geral do praticante e a segunda investiga pontualmente acerca dos objetivos nos treinos.

Constatamos por meio de nossa pesquisa que a prática se mescla com aspectos físicos e mentais, havendo uma subdivisão no aspecto desportivo entre uma prática para melhorar o físico e manter a saúde e outra, com menor expressão, para melhorar o desempenho em competições.

Nos indivíduos do grupo acima de Sandan destacou-se a busca de melhor condicionamento físico e a busca do alto-conhecimento. Nesse grupo houve também a interpretação do kendo como esporte competitivo além de uma forma de atividade física, seja para saúde, seja para o bem-estar do corpo e da mente. Nessa

população, pudemos encontrar significativa aproximação da proposta de Morishima (2008)<sup>1</sup>, que sugere que indivíduos de 4º Dan até 6º Dan dêem maior ênfase no aprimoramento físico, técnico e competitivo, inclusive considerando esta fase como a mais árdua.

É preciso frisar que este esporte carrega todos os pressupostos da filosofia Zen que não é do ponto de vista do senso comum lógico e coerente. A competição é necessária, mas não pode ser vista como um fim em si mesma. Segundo Morishima (2008), historicamente o kendo já esteve em crise, exatamente, devido à excessiva busca de resultados:

O Kendo atual iniciou-se no ano de 1952, (...) Neste ano foi criada a Federação Japonesa de Kendo (全日本剣道連盟) (Zen nihon kendo renmei) partindo da premissa de que seria uma entidade esportiva. Não tenho certeza se é por este motivo, mas o Kendo tornou-se uma entidade que visava apenas vitória através da competição. Nesta época o mestre Shonosuke Nishiyama(西山松之助) da Universidade Educacional de Tóquio criticou numa reportagem dada a uma revista que o Kendo futuramente tornará um elemento apenas recreativo.

O Kendo original tinha como objetivo a pesquisa da Lei do Sentimento Humano através da prática do Ken, mas tornou-se elemento para a busca da vitória através da técnica do manuseio do Shinai ou em outras palavras “recreação esportiva”. (MORISHIMA 2008)

Sobre os objetivos dos entrevistados do grupo até Nidan, observamos por meio do Quadro 4, que 7 dentre os 12 entrevistados, priorizaram, como objetivo, a busca pelo aprendizado da espiritualidade japonesa seguido da melhora do condicionamento físico, sendo que ser um competidor não se mostrou relevante para este grupo.

No grupo até Nidan, observamos que os objetivos dos praticantes não vão ao encontro do que é sugerido pelo mestre Hanshi Tateo Morishima (2008), pois há no nesse grupo (considerado iniciantes) maior interesse nos aspectos de formação ética e moral do Kendo, do que nas técnicas. Ressaltamos que para o autor, nesta

---

<sup>1</sup> Capítulo 2 dessa dissertação.

fase<sup>2</sup> os kenshis devem se dedicar mais aos aspectos técnicos, porque é somente no terceiro *degrau*, o da *emancipação*, que às questões de evolução espiritual devem ser trabalhadas.

Em se tratando da questão 40, essa indaga acerca da graduação e pode ser dividida em duas categorias: a primeira, para melhorar o desempenho técnico e competitivo e a segunda, adquirir mais conhecimento acerca da arte. Além disso, quando os entrevistados pensam na sua graduação, há uma cisão entre o desenvolvimento técnico e filosófico do kendo e o pensamento basicamente de atleta competidor.

Uma vez que existe uma predominância de respostas em melhorar o condicionamento físico e buscar o autoconhecimento, vimos que a questão da espiritualidade aparece principalmente naqueles que são do grupo até Nidan, o que nos faz pensar que as possibilidades de aperfeiçoamento no campo físico e espiritual oferecidos pelo kendo já são do conhecimento comum, desde antes do início da prática. No entanto, ao cruzarmos essas informações com as obtidas nos Quadros 3 (As Vias de Aproximação da Modalidade), 9 (Literatura de Interesse) e 10 (Filmes de Interesse) constatamos que não foi possível a identificação da origem do interesse nos aspectos espirituais do Kendo.

Por fim, as respostas obtidas também apontam que os kenshis têm conhecimento dos objetivos centrais do Kendo, mas não mostraram profundidade, o que nos leva a perceber que, na prática, o Kendo, para estes iniciantes, é transmitido de forma tradicional, ou seja, num primeiro momento limitado apenas às atividades físicas, sem que seja apresentada e discutida a prática como forma de desenvolvimento pessoal, espiritual, de autodomínio, dentre outros. É nesse sentido, de confiança, paciência e tolerância que a relação mestre/discípulo, manifesta sua importância<sup>3</sup>.

### **3.2.1.2 - Conhecimentos acerca do Kendo**

Baseados no Quadro 5, discutiremos os resultados desse estudo descrevendo os conhecimentos dos Kendokas ou Kenshis sobre o histórico do

---

<sup>2</sup> O primeiro é para iniciantes (shokyuusha) (shoshinsha até 3º Dan), nesta fase é preciso fazer bastante o treinamento dos golpes básicos, conseguirão criar uma base sólida.

<sup>3</sup> A relação Sensei/Deshi é abordada no capítulo 2 dessa dissertação.

Kendo. Para tal, inicialmente questionou-se aos Kenshis qual o significado da palavra Budo. Dos 20 entrevistados, sete deram resposta significativamente próximas de *Caminho da Guerra*; sete deram respostas incorretas e outros seis não souberam responder.

Conforme WESTBROOK & RATTI (2007) as palavras BU e DO significam Caminho da Guerra. Como foi apontado no segundo capítulo dessa dissertação, diversos outros autores traduzem de forma semelhante, utilizando palavras diferentes, porém contendo o mesmo significado.

Tal resultado aponta que o fato de alguns entrevistados não possuir ou não saber o significado da palavra Budo pode ser justificado por alguns fatores, tais como: a falta de transmissão de conhecimento, a falta de interesse e a perda da cultura ideológica da modalidade.

A importância de saber o significado da palavra Budo para um Kendoka dá-se em função da própria justificativa da Federação Japonesa de Kendo, que ao institucionalizar a antiga modalidade de luta de espada, fez questão de chamar de Kendo, para diferenciar dos antigos estilos de ken-jitsu e acompanhar os ideais do Japão da era Meiji, (NIEHAUS 2006). DO é caminho, enquanto JITSU é arte, ou seja, Kendo significa Caminho da Espada.

Devemos ressaltar que a espada, nesse caso, é a Katana, a herança samurai, permeada por ensinamentos religiosos e filosóficos que representa um modo de vida, embasada num código de ética chamado *Bushido*<sup>4</sup>.

Sobre o surgimento do Kendo, ao voltarmos no Quadro 6 veremos que apenas oito entrevistados dos vinte souberam responder acerca da criação do Kendo. As respostas não foram bem elaboradas, mas em sua maioria citava a era Meiji. No entanto, apenas uma das entrevistadas descreveu com clareza: “Dizem que a origem do Kendo está ligada a história do Japão, e que no início do século xvii, adquire arcabouços filosóficos, evolui por 300 anos, até o final da 2ª guerra mundial, quando tem sua prática proibida pelos americanos, e renasce com roupagem esportiva nos anos 1970. (HYM, entrevista em junho de 2009)

---

<sup>4</sup> Literalmente significa: **Caminho do Guerreiro** e foi tratado com maiores detalhes no capítulo II dessa dissertação.

O Quadro 14 completa as inquirição do Quadro 6 e leva ao mesmo nível de conhecimento, onde apenas sete dos vinte Kenshis descreveram uma das lendas que deram base à um dos estilos de Kendo praticado hoje no Brasil<sup>5</sup>. Outros sete afirmaram conhecer alguma lenda, mas como não citaram o nome tampouco, consideramos que estes se somam aos seis que não conhece nenhuma delas.

Dos que comentaram, foi unânime a lenda sobre um Samurai chamado Miamoto Musashi (1584-1645). Segundo De Barros (1996), ele foi um Samurai muito famoso da história do Japão. Sua história é muito conhecida pelos japoneses, sendo considerado um de seus heróis nacionais. A história desse samurai se destacou por conta de seu caráter, sua força e sua habilidade descomunais. Ele também criou o estilo de esgrima com duas espadas (Niten-Ichi), uma em cada mão, e escreveu o livro *Gorin-No-Sho* (O Livro dos Cinco Elementos), sobre a arte da espada e as estratégias de combate.

Deve se ressaltar que, 7 dos 20 Kenshis citaram, de diferentes formas e brevemente, a lenda de Musashi. Isso nos leva a sugerir que a figura de Miamoto Musashi pode ser entendida como central, dentro do repertório “mitológico” do Kendo brasileiro.

Isso se deve, muito provavelmente, porque dentro da cultura popular do Japão, muitas vezes ele é tido como **Kensei**, o Santo da Espada.

Pesquisador: Quem inventou o Kendo sensei?

M.M Sensei: Miamoto Musashi

Pesquisador: E Quem é ele?

M.M Sensei: Kensei

Pesquisador: O que é isso? (riso)

M.MSensei: Você não sabe? Ele é o santo do Kendo (risos)

(M. M. 2006<sup>6</sup>)

Este samurai lutou e venceu mais de sessenta duelos, e nunca foi derrotado, dedicou sua vida a alcançar a perfeição por meio da arte da espada, pintura, escultura, caligrafia e poesia encimado na meditação Zen Budista. No Brasil seu personagem se tornou famoso por meio do livro *Musashi* Volume I e II de Eiji

<sup>5</sup> O Instituto Niten do 7º Dan em Kendo, Jorge Kishkawa, diz ensinar a prática de kenjutsu praticada por Musashi. Essas informações foram encontradas em:< <http://www.niten.org.br/>>. Acesso em: 04.08.2008

<sup>6</sup> Diário de campo entrevista em 12.10.2006 com Massao Matsumoto, professor de Kendo com mais de 90 anos.

Yoshikawa (1999) e principalmente pelo *Mangá, Vagabond* que conta sua história em forma de quadrinhos. Suas principais características são: a austeridade nos treinos, ascetismo e fidelidade em seguir o caminho da Espada (DE BARRO 1996).

Também devemos considerar que o mundo das artes marciais "... é baseado, sobretudo, em uma tradição oral enriquecida por informações externas de fontes que, normalmente, não explicitam a origem de seus dados" (APOLLONI 2004: 93). Para manter os pressupostos teóricos práticos do kendo, deve-se conhecer sua história e seus fundamentos, pois só desta forma consegue-se manter essa tradição. Nossos dados não mostram um cenário favorável para esse tipo de perpetuação, haja vista que doze de nossos entrevistados não acertaram a resposta. Pôde-se verificar que estes possuem conhecimento do nome de alguns períodos do feudalismo japonês, porém sem contextualização coerente.

Curiosamente nos Quadros 8 e 9, a literatura de Musashi não aparece e os filmes sobre a sua vida também não foram mencionados. O destaque foi para o filme *O Último Samurai* que, em se tratando de elementos que pudessem influenciar na adesão ao kendo, não pôde ser tratado como relevante, pois o tempo de prática da maioria dos entrevistados é maior do que a do lançamento do filme em 2003.

É fato que no início dessa pesquisa esperávamos encontrar um cenário com muita influência da indústria do entretenimento, similar àquela ocorrida no universo do Kung fu brasileiro:

Nos anos 80 e 90, com o fim do *boom* Bruce Lee e a abertura de academias por professores não-chineses, houve uma consolidação do universo brasileiro de Kung-Fu. Parte da produção cultural sobre arte marcial chinesa foi nacionalizada, com revistas, apostilas, livros e *sites* desenvolvidos em português por e para brasileiros. Esses produtos se inserem tanto no campo da representação - o Kung-Fu visto "de fora" - quanto no da auto-representação - *como eu, como praticante, me insiro nesse universo*. (APOLLONI 2004: 90)

Porém, em nossas entrevistas foi indicado que os meios de aproximação do kendo acontecem, de forma majoritária, pela influência da família e dos amigos, dando a esse esporte contornos muito singular, que exigirá novas pesquisas que tenham esse fenômeno como escopo.

### 3.2.1.3 Conhecimentos da Terminologia e Iconografia das Academias

O objetivo do estudo foi investigar os conhecimentos dos praticantes sobre o significado de alguns elementos e “rituais” praticados durante os treinos. Os dados referentes aos conhecimentos sobre a iconografia e sobre a terminologia do Kendo estão contidos nos Quadros 12 e 13.

Nos materiais que abordam prioritariamente os aspectos técnicos e históricos do kendo, não há capítulos específicos sobre a religiosidade no estudo do Kendo (DRAEGER 1996; 2007 OZAWA 1997 FPK). Não há referências ao papel das religiões budista e xintoísta no contexto do atual Budo, ou, então, aos rituais como a reverência ao entrar na academia e às saudações tradicionais, ou aos elementos de natureza aparentemente religiosa presentes nas academias, tais como: os ideogramas 鹿島大神<sup>7</sup> (Kashima Taishin), o Kakejiku<sup>8</sup>, a meditação (Mokuso) e o mudra<sup>9</sup> que é feito quando se realiza o Mokuso.

De todos os entrevistados brasileiros, apenas uma soube explicar em detalhes o único elemento iconográfico, o “Kakejiku”: “Kashimidaishimyo (escritura - kakejiku): remete ao templo Xintoísta Kashima, local tido como sagrado associado às tradicionais escolas de artes marciais” (Z.T São Paulo, Maio de 2009)<sup>10</sup>. Os demais, quando questionados sobre existência de imagens, somente indicaram o kakejiku com outros termos (escritura, pergaminho etc), porém não souberam explicar seu significado de acordo com a religiosidade japonesa.

Entre os sujeitos da pesquisa percebe-se que a grande maioria dezoito dos vinte sabe o que é Kiai. Para se pontuar no kendo, esse item é primordial. No questionário de graduação da Federação Paulista de kendo (2009), a segunda questão é:

<sup>7</sup> Kashima Jingu é o nome de um templo dedicado ao Deus do Xintoísmo chamado Takemikazuchi-no-mikoto. Esse Deus é reverenciado como padroeiro das artes marciais. Entrevista com o professor Zen Tachibana em 11.05.2009.

<sup>8</sup> Kakejiku é um emblema em forma de pergaminho que tem os ideogramas como o nome do deus Takemikazuchi-no-mikoto que nesse caso se lê como Kashima Taishin. Entrevista com o professor Zen Tachibana em 11.05.2009.

<sup>9</sup> Os mudras são gestos com as mãos de simbologia mágicas muito utilizado nas escolas esotéricas de Budismo. Na iconografia budista todas as imagens são retratadas realizando um desses muitos mudras (VAN HIEN 2003).

<sup>10</sup> Zen Tachibana...Ibid

### Qual é o golpe considerado "IPPON" (um ponto)?

R: É considerado "IPPON" o golpe que reunir os três fatores importantes no Kendo: "KI": sentimento, alma ou estado espiritual do Kenshi concentrado na atitude expressado através do 'KIAI' (grito). - "KEN" : preciso movimento e domínio da espada, entendendo-se neste caso que a arma é a extensão do Kenshi - "TAI" : movimento e atitude do corpo do Kenshi como um todo, demonstrando sua total concentração no golpe. (FPK 2009) (O grifo é nosso)

A respeito do significado da palavra *Sensei*, as respostas obtidas não se mostraram satisfatórias do ponto de vista da cultura japonesa. Para Morishima (2008):

O primeiro estágio é aprender (習) (shuu), significa ser orientado por um verdadeiro mestre, o Mestre Budista Dôgen (道元) disse “Se não for orientado pelo verdadeiro Mestre, é como se não ter aprendido nada”, mas isto não é apenas privilégio de kendo, todas as artes ou aprendizados são a mesma coisa.

Por isso o kendo que não recebeu orientação de um verdadeiro mestre não será um kendo correto.

Quando perguntado sobre o significado da palavra *Sensei*, todos sabiam o seu significado, porém essa não se encerra na tradução para mestre ou para professor, como foi descrita pelos entrevistados, mas sim no seu significado dentro do contexto marcial. Dentro do conceito de *Sensei*, de acordo com Rocha (2006) deve existir a aceitação, a confiança, a devoção e principalmente a submissão.

Converge com a discussão acima a leitura do Quadro 17 que, a respeito da submissão ao Mestre, em resposta à pergunta 36, apontou que quatorze de nossos vinte entrevistados assinalou que não participariam de uma atividade religiosa por orientação do *sensei*, um disse que dependeria: “Sim, Se eu achasse que completaria faria” (B.A São Paulo Junho de 2009) e somente um demonstrou total submissão e confiança no mestre:

*Sensei* sempre se preocupa conosco. Ele não nos obrigaria a nada que não quiséssemos fazer. Ele simplesmente nos ajudaria a fazê-lo melhor. Vejamos também a definição de mestre para este entrevistado: Mestre. “Um único Céu, uma única Terra, um único *Sensei*”. (F.A.A.H São Paulo Junho de 2009))

Levando se em consideração que o contexto cultural dos brasileiros é diametralmente diferente da cultura japonesa, acreditamos que esse fenômeno cultural (a relação mestre discípulo) foi mudado e adaptado à nossa cultura.

Por isso, que o respeito e admiração pelo Sensei é presente em todas as respostas, mas quando cruzamos a definição dada pelos entrevistados, do significado da palavra sensei, com as respostas da questão 36, surgem ali algumas dúvidas que por si só destoam do que acontece no Japão. A relação mestre e discípulo se mostraram adapta à cultura local e a relação religião e Budo se mostraram, na prática, dissociadas, pelo menos para a maioria dos entrevistados. Algumas respostas como a de F.A.G (Junho de 2009) podem ilustrar: “Por quê? Já tenho meus princípios, somente as técnicas de Kendo são suficientes”

Por fim, se trazermos os estudos de Martin Baumann (1994) sobre a implantação do budismo no Ocidente e a aculturação dos elementos da cultura oriental pelos alemães, podemos encontrar em nossa pesquisa grandes indícios dos cinco modos processuais de transplantação de uma tradição ultramar para um novo contexto sociocultural. Estes são: “contato, confrontação e conflito, ambigüidade e alinhamento, reajustes (re-orientação), e auto-desenvolvimento inovador” (BAUMANN 1994: 35-61).

### **3.2.2 - A religiosidade dos Entrevistados**

Em se tratando da filiação religiosa dos entrevistados, temos um contingente majoritariamente de cristãos, divididos entre protestantes e católicos. Apenas um afirma ser Budista. Desses treze são simpatizantes de outras religiões, destacando-se se o Budismo com sete simpatizantes e o espiritismo com cinco.

Quando questionados acerca do conhecimento de algum ensinamento budista falam a respeito de um ensinamento que prega a conexão com todos os seres da terra, calma e prática da bondade. Tais respostas não estão diretamente ligadas a um conhecimento mínimo da doutrina proposta pelo budismo, uma vez que os ensinamentos ou os tipos de conduta citados pelos entrevistados podem ser encontrados por diversas instituições, muitas vezes, instituições não religiosas.

Também ressaltamos que, segundo Yün (2004), o básico do conhecimento sobre a doutrina budista inicia-se com o conhecimento das quatro nobres verdades, do caminho óctuplo e da jóia tríplice, conforme colocado no primeiro capítulo.

Quando inquiridos acerca da diferença entre budismo e cristianismo, pelo fato da maioria ter uma formação cristã, os mesmos se utilizaram de chaves de leituras cristãs, tais como: Deus, sacrifício e salvação, como formas de entendimento do Budismo. Sendo assim, podemos levantar a hipótese que os praticantes de Kendo entrevistados relêem o budismo a partir de uma chave cristã.

Na relação Budo e religião, inicialmente, pudemos notar que religião é vista como uma coisa e a prática do budo como outra diferente. Porém, ao entrar no Dojo, o kenshi primeiramente presta uma reverência em direção ao Kakejiku, que simboliza o Shomen ou Shinzen. Ali existe o nome de um deus do xintoísmo. Quando chega a hora de iniciar o treino, o mais graduado grita: **Seiza** e todos se ajoelham; depois comanda **Mokuso**, e todos fazem o mudra; em seguida diz, Shinzen-ni-rei e todos fazem uma reverência em direção ao kakejiku; depois comanda Sensei-ni-rei e todos reverenciam o(s) mestre(s) e, então, começa o aquecimento. Ao término do treino, o mais graduado, mais uma vez, avisa aos demais para se ajoelharem, mas agora a ordem é diferente, depois da meditação, se cumprimenta primeiro o sensei e por último o Shomen, que é o mais importante.

Curiosamente após todo esse ritual durante alguns anos de prática, quando inquiridos sobre a existência de uma relação entre kendo e religião, conforme os Quadros 10 e 11, quinze de nosso vinte kenshis disseram não haver nenhum ensinamento religioso no kendo.

A saudação dirigida ao Kakejiku, a meditação e o mudra executados pelos praticantes, quando no Dojo, nos parecem mostrar, claramente, uma prática ritual relacionada a um culto aos antepassados, como é destacada por uma de nossas entrevistadas. Em nosso entendimento, a presença do kakejiku e os rituais (meditação e mudra) a ele relacionados indicam um aspecto institucional com contornos religiosos.

Haja vista que a maioria de nossos entrevistados, mesmo os de ascendência japonesa, tem religiosidade católica e evangélica, obtivemos interpretações do significado desses rituais a partir de chaves cristãs, uma vez que no questionário,

que constitui a parte teórica do exame de graduação do Kendo no Brasil, não encontramos respostas que esclarecessem os motivos de se fazer mudras, reverência ao Deus / Templo do Japão ou a meditação. Há indicações para se mostrar a força espiritual por meio do Kiai, mas não de como desenvolvê-la. Sendo assim, aqui, podemos ver uma possibilidade do surgimento de crenças e de práticas disjuntivas que podem até ser consideradas como sincréticas. Segundo Baumann:

Para membros da cultura hospedeira é possível apenas interpretar e compreender símbolos, rituais ou idéias da tradição religiosa transplantada a partir de suas próprias concepções. As bases da religião transplantada compartilham problemas similares de compreensão a respeito da nova cultura e sociedade. (BAUMANN 1994: 41)

### **3.2.2.1 - Para Além do Dojo: a transplantação dos princípios do Kendo para a vida cotidiana**

A maioria dos entrevistados não se mostraram inclinados a obter conhecimentos sobre outros aspectos do Kendo além das técnicas. Por outro lado, a Yoga se mostrou um grande atrativo como prática complementar do treinamento, congregando onze simpatizantes.

Em se tratando dos benefícios do kendo para estes indivíduos, todos, unanimemente, declararam que a prática trouxe benefícios e mudanças de atitude na vida profissional e pessoal. Destacam-se como qualidades paciência, esforço e disciplina.

A grande maioria dos entrevistados não estabeleceu relação entre religião e Kendo, porém notamos certa ambigüidade, porque, ao mesmo tempo os mesmo conseguiram estabelecer, em nível maior, uma relação entre religião e arte marcial de maneira geral. Pudemos pensar, portanto, que a relação entre religião e kendo se dá na prática e não teoricamente. Com isso, levantamos a hipótese de que o kenshi não transfere o que ele vivencia ao lutar para o seu discurso.

Como já foi mencionado, os livros técnicos, os sites e as apostilas não tratam dos aspectos religiosos do Kendo, mas esses existem e são manifestados nas lendas e na história de seus heróis:

Com o título de Capítulo do Vácuo escrevo aqui sobre os mandamentos da Escola nitô-Ichi de arte militar. (...) Para alcançar o entendimento do vácuo, o samurai deve aprender de modo seguro os mandamentos da arte militar e, além disso, dominar perfeitamente as artes marciais, praticar com decisão e firmeza espiritual os deveres de samurai. E aperfeiçoar com tenacidade e diligência o espírito e a vontade, aguçando a capacidade de percepção e de visão, eliminando qualquer nuvem de dúvida. Só então conhecerá o verdadeiro vácuo.

Enquanto ignorar a essência dos verdadeiros mandamentos e não se apoiar nas leis do Budismo nem nas leis terrestres, cada qual julga que os seus mandamentos são certos e corretos. Contudo, à luz dos verdadeiros mandamentos do espírito *Jikidô*<sup>11</sup> e segundo as grandes leis do mundo, está se desviando da essência dos verdadeiros mandamentos por causa da preferência pessoal, ou parcialidade, e da distorção da visão. (DE BARROS 1996: 152) (O grifo é nosso)

As pessoas não têm consciência da vivência da espiritualidade, mas quando não se fala em religião elas a manifestam e não têm isso como religioso. Quase todos entrevistados se preocupam com seu oponente, porém mais do que uma pessoa a ser combatida, muitas vezes ele se manifestou como um espelho, mestre que lhe ajuda a se desenvolver e discípulo que necessita de sua benevolência.

Em se tratando da influência do pensamento Zen nos praticantes de Kendo sua manifestações, ainda que implícitas, foram identificados somente na rotina das academias. Também foi observado, por meio dos resultados, a manifestação implícita do Zen no fato de a maioria de nossos entrevistados, somando 43% do grupo até Nidan e 57 % do grupo acima de Sandan. serem simpatizantes do Budismo, somado ao fato de os benefícios obtidos com a prática do kendo terem sido a paciência, esforço e disciplina que configuram alguns dos benefícios divulgados pela religião Zen.

---

<sup>11</sup> Jikido seria na língua búdica, o estado de Buda alcançado depois de muitas práticas ascéticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes marciais modernas são chamadas de Budo, sua chegada ao Brasil remonta a vinda do primeiro navio de imigrantes japoneses, em 1908 e sua institucionalização em 1933, com a fundação da primeira associação brasileira de Judô e Kendo, a "*Hakoku Ju-Kendo Ren-Mei*". Hoje, há uma grande demanda de pessoas praticando alguma ou outra forma de arte marcial japonesa ou Budo, isso configura um dos maiores seguimentos de atividades físicas existentes no Brasil.

Em suas origens, essas artes são plenas de pressupostos filosóficos e religiosos que sob os ditames das áreas das Ciências da Religião e da Educação Física do Brasil, ainda aguardam por mais pesquisas.

Em nosso estudo foram apresentados os esboços dos processos históricos das transplantações das artes marciais japonesas (Budo) e do Budismo japonês para os países ocidentais e da sua introdução na sociedade brasileira. Também, foram estudadas as características do Zen Budismo, assim como sua história e sua influência nas artes japonesas, em particular no Kendo.

O período de maior destaque no desenvolvimento do Budismo no Japão foi o período Kamakura, devido às diferentes maneiras da matriz dos diversos movimentos religiosos. Este período é destacado, também, porque nessa época o Zen Budismo recebeu o maior apoio e patrocínio da classe militar do Japão.

No Brasil, o budismo está presente desde o século XIX, no entanto, o interesse acadêmico pelo assunto, apenas ganhou relevância recentemente e o estado da arte acerca do estudo da situação do budismo, no Brasil, só começou a ser significativamente abordado há pouco tempo.

Atualmente, o budismo, no Brasil, ainda é visto como uma religião "estrangeira", no entanto sua popularidade (pelo menos na mídia) está em alta

tanto dentro como fora das universidades. Acadêmicos e praticantes dessa religião convivem com questionamentos acerca de como o budismo deve ser ensinado e como a doutrina e as idéias centrais desta religião no país estão se perpetuando no país.

Com base em nossas pesquisas, constatamos que estudos sobre a adaptação e transformação do budismo em terras tupiniquins ainda estão sem resposta, pois as pesquisas brasileiras acerca desse campo são predominantemente de cunho quantitativo e apesar de uma relativa *insurgência* de publicações acadêmicas sobre tradições budistas e a grande quantidade de livros sobre *meditação e iluminação budista*, ainda existe uma grande lacuna sobre os meios de sua propagação.

Acerca da relação entre Zen Budismo e arte marcial, esta teve início na China quando Bodhidharma levou o Zen para o monastério de Shaolin, que tornou o templo mais conhecido pela prática de kung fu do que pelo Budismo, sua razão de existir.

No Japão, popularização do Zen demorou muitos séculos e só ocorreu porque teve como elemento chave para sua consolidação, o sincretismo com o Xintoísmo e a associação com a classe dos Samurais que resultou em feições muito singulares para o Zen Budismo.

O Bushido, o código de honra Samurai, que com a modernização do Japão e a extinção da classe militar, na era Meiji, foi resgatado por meio das artes marciais, como uma das ferramentas que construiria a identidade japonesa. Sendo assim, é possível preferir que o Bushido é, de fato, um código de honra não escrito, mas a sua “materialização” se expressa na espada Katana, que além de ser a arma divina da figura do Herói, o samurai, também é um dos símbolos da religião nativa do Japão, o Xintó. Portanto, pode-se dizer que estes quatro elementos: Zen Budismo, Bushido, Samurai e katana constituem a principal parte da identidade japonesa.

O objetivo do presente estudo foi investigar a presença e manifestação da religião Zen budista no Kendo, praticado em São Paulo. Nos locais de

prática foram encontrados elementos suficientes para informar que nas academias de Kendo há elementos da religiosidade japonesa que podem confluir no Zen Budismo. Muitos dos princípios religiosos dessa arte são manifestados em filmes e na literatura especializada, porém a maioria de seus praticantes não conseguem identificar tais princípios de maneira explícita.

Os grupos Pesquisados constituem uma população de vinte pessoas divididas em dois grupos: Grupo até Nidan com 12 praticantes com graduação máxima de até Nidan (2º grau) e Grupo acima de Sandan (3º grau) com oito integrantes com graduação acima de Sandan (3º Grau).

Com base nas constatações teóricas e empíricas, é possível fazer as seguintes conclusões:

As formalidades e rituais oriundos da religiosidade japonesa associados originalmente ao Budo foram esvaziados de seu sentido original e convertidos em ritos de caráter sincretizado, ou seja, a reverência a um deus do Xintó pode ser a reverência ao deus cristão. Os elementos do Kendo, que ultrapassam a técnica implicaram uma valoração e um entendimento particulares, por parte dos praticantes locais dos elementos da religiosidade japonesa associados à prática do budo original.

A falta de citação de um número relativamente expressivo de publicações populares ou acadêmicas, assim como de filmes relacionados ao Kendo, permite afirmar que a busca dos praticantes locais por informações fora da academia não é significativa. A falta de interesse por tais materiais não leva à prática Atal do Kendo um aspecto de arte marcial espiritualista, uma vez que, as entrevistas com os alunos e professores revelaram que não há, na grande maioria, interesse pelos aspectos religiosos ou filosóficos de sua prática.

Devido às diferenças culturais existentes entre japoneses e brasileiros e das históricas proibições de manifestação religiosa e cultural desde antes da II Guerra, algumas barreiras podem ter surgido para o ensino de outros valores, além técnica, que dificultou a transmissão de valores religiosos, éticos e filosóficos que, originalmente, constituíam o substantivo espiritual do Kendo.

Predomina entre os entrevistados a visão do Kendo, como atividade desligada de outros conteúdos que não os de caráter técnico, esportivo e/ou de

condicionamento físico. O que pode levar seus praticantes a não investigarem e nem se interessarem pelos elementos religiosos, promovendo uma desvalorização dos mesmos no universo desta arte marcial.

Sendo assim, a partir do embasamento teórico que sustenta nosso trabalho, concluímos que, mediante a prática do Budo, o Zen atua na atividade física, sendo assim, diante de uma prática híbrida, a qual os indivíduos escolhem como praticar e o que praticar de acordo suas diversidades culturais.

Considera-se assim, que este trabalho tenha trazido uma contribuição para o estudo do Zen Budismo nas artes marciais enquanto religião na atividade física. Entende-se que esta dissertação não esgota o assunto, mas que abre perspectivas para novos estudos sobre o tema e uma abordagem em outras regiões do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de.  
 2002 Um mestre zen na terra de garoa. In USARSKI (org) 2002, pp.151-170
- APOLLONI, Rodrigo Wolff.  
 2004 **"Shaolin à Brasileira"** Estudo sobre a Presença e a Transformação de Elementos Religiosos Orientais no Kung-Fu Praticado no Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: PUCSP.
- BAUMANN, Martin.,  
 2000a "Becoming a Colour of the Rainbow: Indian Hindus in Trinidad Analysed along a Phase Model of Diaspora", paper apresentado ao **18th Congress of the International Association for the History of Religions, Durban, África do Sul, agosto de 2000: 11.**
- 1996b Buddhism in West: Phases, Orders and the Creation of an Integrative Buddhism. **Internationale Asienforum**, Vol.27, No. 3-4, p. 345-362.
- 1994c The Transplantation of Buddhism to Germany: Processive modes and strategies of adaptation, **Method & Theory in the Study of Religion**, 6/1: 35-61.
- BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas.  
 2002 **"A Construção Social da Realidade"**, 21ª edição, Petrópolis: Editora Vozes.
- BOTTOMLEY, Ian & HOPSON, Anthony.  
 1996 **Arms and Armor of The Samurai**. 1ª ed. New York: Crescent Books.
- BROUGHTON, Jeffrey L.  
 1999 **The Bodhidharma Antology**. 1ª ed. Berkeley: University of California Press.
- CALLEJA, C.C.  
 1979 Judô. In: BORSARI, J.R. & FACCA, F.B. (Coord.) Manual de Educação Física. São Paulo: EPU.
- CARR, Kevin Gray  
 1993 Making Way: War, Philosophy and Sport in Japanese Judo. **Journal of Sport History**, Vol. 20, No. 2.
- CARVALHO, Mauro  
 2007 **Judô: Ética e Educação: Em busca dos Princípios Perdidos**. Vitória: EDUFES.
- CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.  
 2002 **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- DAISHI, Yoka & DESHIMARU, Taisen.  
 1997 **Shodoka O Canto do Satori imediato**. 2ª Ed. São Paulo: Pensamento.

- DANYLUK, Angie  
2003 To Be or Not To Be: Buddhist Selves in Toronto. **Contemporary Buddhism**, Vol. 4, No. 2.
- DE BARROS, Benedicto Ferri.  
1988 **Japão – A Harmonia dos Contrários**. São Paulo: T. A. Queiroz.  
1996 **Gorin no Sho: A Estratégia de Vencer Sempre**. 5ªed. São Paulo: Cultura Editores Associado.
- DESHIMARU, Taisen  
1982 **The Zen Way to the Martial Arts**. USA: Penguin.
- DONALD, N. Levine  
1984 The Liberal Arts and the Martial Arts. **Association of American Colleges, Liberal Education**, Vol. 70, No. 3.
- DONOHUE, John J.  
1999 **Complete Kendo**. Boston: Tuttle Publishing.
- DRAEGER, Donn F.  
1996 **Modern Bujutsu & Budo**. New York: Weatherhill.  
2007 **Classical Bujutsu**. New York: Weatherhill.
- ÉPOCA  
2009 São Paulo Recebe o Campeonato Mundial de Kendo, o Esporte Milenar Japonês. Revista **Época São Paulo**. São Paulo: Editora globo, Revista mensal/ Agosto n. 16.
- FRANCHINI, Emerson.  
1999 O Ensino e a Aprendizagem do Judô. **Revista Corpo Ciência**, 1 (6): 30 – 40.
- FRANCHINI, Emerson & DEL VECCHIO, Fabrício  
2008 **Preparação Física para Atletas de Judô**. São Paulo: Phorte Editora.
- GARD, Richard A.  
1964 **Budismo**. São Paulo: Zahar Editores.
- GIL, Antônio Carlos.  
1991 **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** 3ªed. São Paulo: Atlas.
- GONÇALVES, José Artur  
2008 Budismo Étnico: Mudanças e permanências religiosas em um grupo Nikkei, **REVER - Revista de Estudos da Religião** Dezembro, pp.96-113  
2002 O Budismo no Oeste Paulista: imigração desenraizamento e ocidentalização. In: Frank Usarski. (Org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae:.107-124

- GONCALVES, Ricardo Mario  
 1979 A mais antiga Lei Escrita do Japão: A “Ordenação dos Dezesete Artigos” do Príncipe Regente Shôtoku. **Estudos Japoneses**. N.1.
- 1990 O Budismo Japonês no Brasil: Reflexões de um Observador Participante. In: Landlim, L. **Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: 36-42.
- 2002 A trajetória de um budista brasileiro. In Usarski, Frank. **Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae. p. 171-192.
- 2005 As Flores do Dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: Aspectos dos vários “budismos” no Brasil. **Revista USP** 67: 198–207.
- HALL, Stuart.  
 1999 **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 3ªed. Rio de Janeiro: DP & A
- HEISIG, J.W & MARALDO, J.C.  
 1995 **Rude Awakenings: Zen, The Kyoto School, & the Question of Nationalism**. 1ª Ed. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- HERRIGEL, E.  
 1995 **A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen**. São Paulo: Pensamento.
- HORI, Victor Sôgen; HAYES, Richard P.; SHIELDS, James Mark  
 2002 **Teaching Buddhism in the West**. 1ª ed. London: RoutledgeCurzon
- HUMPHREYS, Christmas.  
 1999 **O Budismo e o Caminho da Vida**. 4ª ed. São Paulo: Editora Cultrix LTDA.
- IMAMURA, Léo.  
 1994 **Ving Tsun Biu Je: o nível avançado de uma autentica arte marcial, filosofia, hitória e técnica**. 1ª ed. São Paulo: Biopress LTDA.
- JONES, Ilyr c.  
 2005 Competition, kata and the art of judô. **Journal of Asian Martial Arts** × **Volume 14 Number 3**. Texto disponível em:< <http://www.bath.ac.uk/sports/judoresearch/articles/indexa.html>>. Acesso em 22.04.2007.
- KANO, Jigoro  
 1986 **Kodokan Judo**. Tokyo: Kodansha International Ltd.
- 2005 **Mind Over Muscle: Writings From the Founder of Judo**. Tokyo: Kodansha.
- KAMMER, Reinhard.  
 1994 **O Zen na Arte de conduzir a espada**. 3ª Ed. São Paulo: Pensamento.
- KING, Winston L.  
 1986 **Death Was His Koan**. 1ª Ed. Berkeley : Asian Humanities Press, 1986.

- KÜNG, Hans  
2004 **Religiões do Mundo. Em Busca de Pontos Comuns**, Campinas: Verus.
- KUSHENER, Kenneth.  
1992 **O Arqueiro Zen e a Arte de Viver**. São Paulo: Pensamento.
- LOPES, Donald S.  
1995 **Curator of the Buddha: The Study o Buddhism Under Colonialism**. Chicago. The university of Chicago Press.
- LUYTEN, Sonia Bibe.  
2001 **Mangá: O Poder dos Quadrinhos Japoneses**. São Paulo: Hedra.
- MAEKAWA, Mineo (Chukyo University).  
1978 Jigoro kano's Thoughts on Judo. Whit Special Reference to the Approach to Judo Thought During His Jujutsu Training Years. **Bulletin of the Association for the Scientific Studies of Kodokan Judo**, Kodokan Report V. Tokyo, Japan.
- MATSUE, Regina Yoshie  
2002 O Budismo da terra Pura em Brasília. In Usarski, Frank (Org). **Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosaen: 2002, pp.193-219
- MAEYAMA, T.  
1973 Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano”, in MAEYAMA, T.; SAITO, H. (orgs.), **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. Petrópolis-São Paulo, Vozes-Edusp, pp. 240-272.
- MIN, Ken  
1979 Martial Arts in the American Educational Setting. **QUEST** (National Association for Physical Education in Higher Education), 31(1), 97-106.
- NAKAMAKI, Hirochika  
2002 A Honmon-buturyû-shû no Brasil: através de registros do Arebispo Nissui Ibaragu. In Usarski, Frank (Org). **Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae 2002, pp.73-105
- NIEHAUS. Andreas.  
2006 “If You Want to Cry, Cry on the Green Mats of Kodokan”: Expressions of Japanese Cultural na National Identity in the Movemente to Include Judo into the Olympic Programme. **The International Journal of the History of Sport**, 23 (7): 1173 – 1192.
- NITOBE, Inazao.  
2002 **Bushido The Soul of Japan**. 10ªed. Tokyo: Kodansha International.
- OIMATSU, Shinichi (Kodokan)  
1984 The Way of Seiryoku Zenyo – Jita Kiori and its Instruction. **The Buletin for the Scientific Study of Kodokan Judo**, 5 (1) : 4 – 8.

- OZAWA, Hiroshi.  
1997 **Kendo The Definitive Guide**. 1ªed. Tokyo: Kodansha International.
- PEREIRA, Ronan Alves  
2002 Associação Brasil Soka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: Frank Usarski. (Org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae: 253-286.
- PINE, Red.  
1989 **The Zen Teaching of Bodhidharma**. New York: North Point Press.
- ROBERT, Luís  
1976 **O Judo**. 7ªed. Lisboa: Editorial Notícias
- ROCHA, Cristina.  
2004 Zazen or not zazen: The predicament of Sôtōshū's *Kaikyōshi* in Brazil. **Japanese Journal of Religious Studies** 31: 163–84.  
2006 **Zen in Brazil. The Quest for Cosmopolitan Modernity**, Honolulu: Hawai'i Press.
- SADLER, A.L.  
1992 **The maker of Modern Japan. The Life of Shogun Tokugawa Iyasu**. 10ª ed. Tokyo: Tuttle.
- SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi  
1973 **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. Petropolis: Vozes São Paulo : USP.
- SAUNDERS E. Dale  
1980 **Buddhism in Japan, with an Outline of Its Origins in India**. 3ª.ed. Tokyo: Tuttle.
- SAKURAI, Célia  
2007 **Os Japoneses**. São Paulo: Editora contexto
- SAOTOME, Mitsugi.  
1993 **Aikido e a Harmonia da Natureza** 2 .ed São Paulo: Pensamento.
- SASAKI, Yasuyuki.  
1995 **Karate-Dô**, São Paulo: CEPEUSP
- SHARF, Robert H.  
1995 The Zen of Japanese Nationalism. In: LOPES, Donald S. **Curator of the Buddha: The Study o Buddhism Under Colonialism**. Chicago. The university of Chicago Press : 107-160.
- STEVENS, Jonh,  
2007 **Os Três Mestres do Budo**, 1ªed São Paulo: Editora Cultrix.
- SEVERINO  
1980 Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**, 5ª Ed São Paulo: Cortez. Revista e Ampliada.

- SILVA, Daiene,  
2004 Conhecimento do Histórico e Princípios Filosóficos do Judô, dos judocas de Florianópolis. **Monografia para Licenciatura em Educação Física Santa Catarina: UFSC**
- SILVA, Vera de Andrade  
2002 **Conversão ao Budismo Tibetano. Trajetórias em Três Grupos de São Paulo**, Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC-SP.
- SOHO, Takuan  
2000 **Mente Liberta**, São Paulo: Cultrix.
- SUZUKI, Daizets Teitaro.  
1960 **Zen Buddhism and Psychoanalysis**, 1ª Ed, London: George Allen & Uniwinn LTD.  
1971 **Sengai: The Zen Master**, Greenwich, Conn: New York Graphic Society.  
1973 **Zen and Japanese Culture**, 3ª Ed, Princeton: Princeton/Bollingen Paperback.  
1986 **Manual of Zen Buddhism**, Guernsey Channel Islands: The Guernsey Press Co. LTD.  
1992 **Introdução ao Zen Budismo**, 4ª Ed. São Paulo: Pensamento.  
1993 **A Doutrina Zen da Não-Mente**, 5ªEd. São Paulo: Pensamento.
- TAKESHITO, Kwanichi.  
(sd) **Judô (Antigo Jiu-jitsu)**, São Paulo: CIA Brasil Editora, (s.d).
- USARSKI, Frank  
2002a **Budismo no Brasil (org)**. São Paulo: Lorosae. pp.9-33  
2002b “Seu coração caloroso brasileiro e a energia pura de Maitreya atuam muito bem juntos” – Reflexões sobre Lama Michel. In: **IBIDEM** (org.), pp.287-317  
2004 O dharma verde-amarelo mal-sucedido - um esboço da situação acanhada do Budismo. **Estudos Avançados**. São Paulo v.52, n.18, p.303 – 320  
2006a O momento da pesquisa sobre o budismo no Brasil: Tendências e questões abertas. **Debates do NER**, Porto Alegre, Jan/Jun, ano 7, n 9, (2006).  
2008a “The Last Missionary to Leave the Temple Should Turn Off the Light”. Sociological Remarks on the Decline of Japanese “Immigrant” Buddhism in Brazil, **Japanese Journal of Religious Studies** 35/1: 39–59  
2008b Declínio do budismo “amarelo” no Brasil, **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 2, pp.133-153
- UESHIBA, Kissomaru  
1996 **Budô Ensinos do Fundamento do Aikido**. São Paulo: Cultrix.

- UESHIBA, Morihei.  
1993a **The Essence of Aikido**. New York: American Kodansha.
- 2001b **BUDÔ Ensinaamentos do Fundador do Aikido**. São Paulo: 1ª Ed. Cultrix.
- VEJA.  
2005 Dando um Golpe na Preguiça. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 38, nº36, 07 de Setembro.
- VELTE, Herbert.  
1989 **Dicionário dos termos técnicos do judô** 1ªEd. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
- VIRGÍLIO, Stanley.  
2002a **Personagens e Histórias do Judô Brasileiro**. Campinas – SP: Átomo.
- 2002b **Conde Koma, O invencível yondan da história**. Campinas-SP:Átomo.
- VAN HIEN, Study Group.  
2003 **The Seeker's Glossary of Buddhism**, 3ª Ed, Taipe: The Corpore Body of the Buddha Educational Foundation.
- WATTS, Allan.  
1991 **O Zen e a Experiência Mística**. 2 ed, São Paulo: Editora Cultrix LTDA.
- WESTBROOK Adele & RATTI, Oscar.  
2007 **Aikido and the Dynamic Sphere**, North Clarendon: Tuttle Publishing.
- YÜN, Hsing.  
2004 **Purificando a Mente**, 1ª Ed, São Paulo: Editora de Cultura.
- YOSHINORI. Takeushi. (org.).  
2006 **A Espiritualidade Budista**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

#### Documentos Eletrônicos:

- BLYTH, Reginald H.  
1951 Buddhism and Haiku. **Monumenta Nipponica**, Vol. 7, No. 1/2 (1951), pp. 311-318 Published by: Sophia University Stable. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2382960> Acesso em: 25/02/2009 14:30.
- BENNETT, Alexander  
2005 A Brief Synopsis of the History of Kendo. **International Research Centre for Japanese Studies**. Texto disponível em: file:///C:/GerDocs/Kendo/ history.txt. Acesso em: 09. 10.2008.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KENDO.**  
2007 O Kendo e sua História. Texto disponível em: [http://www.cbkendo.esp.br/artigos/kendo\\_e\\_sua\\_historia.asp](http://www.cbkendo.esp.br/artigos/kendo_e_sua_historia.asp). Acesso em: 26.02.2007.

**ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA.**

Texto disponível em < <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/540856/Shinto#tab=active~checked%2Citems~checked&title=Shint%C5%8D%20--%20Britannica%20Online%20Encyclopedia>> Acesso em 06.06.2007

**FEDERAÇÃO PAULISTA DE KENDO**

(sd) Site Oficial da Federação Paulista de Kendo. Texto disponível em: <[www.fpkendo.org.br](http://www.fpkendo.org.br)> Acesso em: 26.02.2007.

**FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE KENDO.**

(sd) Site oficial da Federação internacional de Kendo. Texto disponível em: <<http://www.kendo-fik.org/english-page/english-page2/concept-of-Kendo.htm>> Acesso em: 26.02.2007.

INOUE, Nobutaka.

2002 The Formation of Sect Shintoin Modernizing Japan. **Japanese Journal of Religious Studies** 29/3–4 Texto disponível em: <<http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/636.pdf>> Acesso em: 24.05.

**KIAI**

1996 Massao Shinohara uma Vida dedicada ao Judo. *Kiai: Revista Oficial das Artes Marciais*. São Paulo: Sportpress Editora Ltda.

1998 Edição Comemorativa dos 40 Anos da FPJ. *Kiai: Revista Oficial das Artes Marciais*. São Paulo: Sportpress Editora Ltda.

MATSUNAMI, Kodo

2004 **A Guide To Japanese Buddhism**. JAPANESE BUDDHIST FEDERATION. Site oficial da Federação Budista do Japão. Texto disponível em: [http://www.buddhanet.net/pdf\\_file/guidejapanbuddhismbm6.pdf](http://www.buddhanet.net/pdf_file/guidejapanbuddhismbm6.pdf). Acesso em 23/02/2008.

JOHNSON, Norris Brock

1993 Zen Buddhist Landscapes and the Idea of Temple: Muso Kokushi and Zuisen-Ji, Kamakura, Japan. **Arch. & Comport. /Arch. & Behav., Vol. 9, no. 2, p. 213-226**. Texto disponível em: <http://lasur.epfl.ch/revue/A&C%20Vol%209%20No.2/JOHNSON.pdf>

**JUDOINFO**

2004 Budo Kensho (Estatuto do Budo). **Judoinfo**. Texto disponível em: <http://www.judoinfo.com/budo.htm>. Acesso em 23.07.2007.

KEENAN John P.

1991 The Mystique of Martial Arts -A Reply to Professor Keenan's Response. **Japanese Journal of Religiou Stuches** 18/14. Texto disponível em <<http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/348.pdf>>. Acesso em: 09.06.2007.

LISHK, Dennis.

- 1978 Zen and the Creative Process: The "Kendo-Zen" Thought of the Rinzai Master Takuan. **Japanese Journal of Religious Studies**, June-September: 512-3. Texto disponível em: <<http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/79.pdf>> Acesso em: 24.05.2008.

MACFARLANE, Stewart.

- 1990 Mushin, Morals, and Martial Arts- A Discussion of Keenan's Yogacara Critique. **Japanese Journal of Religious Studies** 17/4. Texto disponível em: [www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/325.pdf](http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/325.pdf) Acesso em 22.3.2008.

MATSUMOTO, D.

- 1996 **An Introduction to Kodokan Judo: History and Philosophy**. Tokyo: Hon-no-Tomoshu. Texto disponível em:<[http://www.ijf.org/rule/rule\\_manual\\_08.php](http://www.ijf.org/rule/rule_manual_08.php)> Acesso em: 20.09.2007.

MORISHIMA, Tateo

- 2008 Restabelecendo o Kendo Original. In: **Federação Paulista de Kendo**. Texto disponível em: < <http://www.fpkendo.org.br/index.php?view=article&id=67:original&format=pdf>> Acesso em 14. 02. 2009.

NIPPON BUDOKAN.

- 1987 Site oficial da Nippon Budokan (Associação Japonesa de Budo). Budo Kensho (Estatuto do Budo) **NIPPON BUDOKAN**. Disponível em: <http://www.nipponbudokan.or.jp/shinkoujigyou/budochater.html#> .

NUKARIYA, K.

- 1913 The religion of the samurai: a study of zen philosophy and discipline in China and Japan: Sacred Texts, 1913. Livro disponível em: <http://www.sacred-texts.com/bud/rosa/rosa03.htm> Acesso em: 22.09.2007.

OIMATSU, Shinichi.

- 1984 The Way of Seiryoku Zenyo – Jita Kiori and its Instruction. **The Bulletin for the Scientific Study of Kodokan Judo**, 5 (1) : 4 – 8.

OMENA, Luciane Munhoz & SILVA, Altino Silveira.

- 2008 O Estado Meiji e a Religião Shintô as Dimensões Políticas Contidas nas Crenças e Valores Xintoístas para a Formação da Estrutura Do Estado e do Patriotismo Japonês. **Revista Nures nº 9 – Maio/Setembro 2008**. Texto disponível em:< <http://www.pucsp.br/revistanures>> Acesso em: 06.06.2008.

O'NEILL, Tom

- 2003 Samurai: Japan's Way of Warrior. Site oficial da **National Geographic**. Texto disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/features/world/asia/japan/samurai-text/1>. Acesso em 30. 02. 2007

PADGETT, Douglas M.

- 2000 "Americans Need Something to Sit On", or Zen Meditation Materials and Buddhist Diversity in North America. **Journal of Global Buddhism 1 (2000): 61-81**

PYE, Michael.

- 1996 Shinto, Primal Religion and International Identity. **Marburg Journal of Religion: Volume 1, No. 1. April 1996**. Texto disponível em: < <http://web.uni-marburg.de/religionswissenschaft/journal/mjr/helsinki.html> > Acesso em: 17.08.2006

ROCHA, Cristina.

- 2000 "Zen Buddhism in Brazil – Japanese or Brazilian?". **Journal of Global Buddhism, vol 1**. Texto disponível em: <[www.globalbuddhism.org/1/derocha001.html](http://www.globalbuddhism.org/1/derocha001.html). > Acesso em: 22.07.2007

SHOJI, Rafael & USARSKI, Frank

- 2008 Japanese Religions in Brazil. **Japanese Journal of Religious Studies 35/1: 1–12**. Texto disponível em: < <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/783.pdf> > Acesso em: 20.19.2008

SHOJI, Rafael

- 2004 SHOJI, Rafael. *The Nativization of East Asian Buddhism in Brazil*. Tese de doutorado não publicada, Seminar für Religionswissenschaft, Universität Hannover Disponível em: [http://deposit.ddb.de/cgi-bin/dokserv?idn=972545468&dok\\_var=d1&dok\\_ext=pdf&filename=972545468.pdf](http://deposit.ddb.de/cgi-bin/dokserv?idn=972545468&dok_var=d1&dok_ext=pdf&filename=972545468.pdf).

SHOJI, Yamada.

- 2005 The Myth of Zen in the Art of Archery. **Japanese Journal of Religious Studies 29/3–4**. Texto disponível em: < <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/586.pdf> > Acesso em: 17.08.2008

TEEUWEN, Mark.

- 2002 From *Jindō* to Shinto: A Concept Takes Shape: **Japanese Journal of Religious Studies 29/3–4**. Texto disponível em: <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/636.pdf> Acesso em: 20.09.2007

TOMIKI, Kenji.

- 1969 Kodokan and its technical Development which Contributed to the Modernization of Budo. **The Buletin for the Scientific Study of Kodokan Judo**, Vol.3: 129, 1969. Texto disponível em <http://www.judoinfo.com> . Acesso em 11.12.2007.
- 1986 On Jujutsu and its Modernization By Kenji Tomiki. **Japan Aikido Association**. Texto disponível em [http://www.tomiki.org/files/Article\\_Jujutsu\\_and\\_its\\_Modernization.pdf](http://www.tomiki.org/files/Article_Jujutsu_and_its_Modernization.pdf). Acesso em 11. 12.2007.

USARSKI, Frank

2006 b

- Resenha do livro: Zen in Brazil. The Quest for Cosmopolitan Modernity, Honolulu: Hawai'i Press, 2006 de ROCHA, Cristina.  
**Revista de Estudos da Religião – REVER ISSN 1677-1222**  
Texto disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2007/r\\_usarski.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2007/r_usarski.htm)

WAKAYAMA, H. et. al.

- 2001 The Intercultural Adjustment Potential of Japanese University Judo Players. Does Judo Really Aid in the Development of Charate? 24/07. **INTERNATIONAL JUDO FEDERATION** Texto disponível na internet: <http://www.ijf.org/events/WC/2001wc/conference2-02.htm>. Acesso em 20.08.2007.

WATTS, Allan.

- (sd) **Judo: The gentle Tao.** Texto disponível em: <http://www.judoinfo.com/watts.htm> Acesso em: 13.05.2006.

WHITING, Robert,

- 2006 The Samurai Way of Baseball and the National Character Debate. **Michigan State University.** Disponível em: [http://www.isp.msu.edu/studiesonasia/s3\\_v3\\_n2/3\\_3\\_2Whiting.pdf](http://www.isp.msu.edu/studiesonasia/s3_v3_n2/3_3_2Whiting.pdf). Acesso em 06.08.2007

YOSHIDA, Kazuhiro.

- (sd) Revisioning Religion in Ancient Japan: **Japanese Journal of Religious Studies 30/1–2: 1–26:** <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/644.pdf>. Acesso em: 13.05.2006.

## CONSENTIMENTO

Eu, André Alves farias RG 21948588-4, aluno no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, nível mestrado, na Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP), estou realizando uma pesquisa sobre a influência da religião Zen Budista na arte marcial japonesa chamada Kendo.

Para tanto, preciso de sua colaboração, mas o (a) senhor (a) precisa declarar, por escrito, se aceita as condições abaixo especificadas.

1. O (a) senhor (a) será entrevistado (a) e responderá algumas entrevistas relativas a sua história de vida relacionada ao kendo.
2. Todas as informações prestadas serão mantidas em sigilo, pois serão utilizadas somente neste estudo e os resultados gerais obtidos através de pesquisa serão utilizados apenas para atingir os objetivos do trabalho, incluída a publicação na literatura científica especializada.
3. Esclareço que o (a) senhor (a) poderá interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo.
4. A entrevista não acarretará nenhum risco para o (a) senhor (a), pois sua identidade será mantida em sigilo.
5. Caso necessite de maiores esclarecimentos, antes e após a entrevista, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato comigo pelo telefone ou e-mail abaixo.
6. Caso aceite estas condições, solicito que assine em duas vias o Termo de Consentimento abaixo. Uma delas permanecerá com o (a) senhor (a).

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,.....RG ou CPF.....

Aceito participar voluntariamente desta pesquisa e estou livre para, em qualquer momento, desistir de continuar a entrevista, sem nenhum prejuízo para mim.

Assinatura:.....

## QUESTIONÁRIO

- 1- Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 2- Idade: \_\_\_\_\_ Nacionalidade \_\_\_\_\_
- 3- Se você é descendente de japonês qual a sua geração? \_\_\_\_\_
- 4- Qual sua é a graduação no Kendo? \_\_\_\_\_
- 5- Como você ficou conhecendo o Kendo  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 6- Por que você pratica Kendo e qual o seu principal objetivo?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 7- Onde você pratica o Kendo? \_\_\_\_\_
- 8- Com que idade iniciou o kendo? \_\_\_\_\_ Em que país? \_\_\_\_\_
- 9- O que você entende por Budô? Qual seu significado?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 10- Você se considera um Budoka ou Kendoka? \_\_\_\_\_
- 11- Mesmo com as supostas pausas no treinamento, há quanto tempo se considera praticante ?  
 \_\_\_\_\_ anos / ou \_\_\_\_\_ meses
- 12- Quando surgiu o Kendo ? \_\_\_\_\_
- 13- Qual foi o objetivo de se criar a modalidade de Kendo?  
 \_\_\_\_\_
- 
- 14- Já praticou outra modalidade de Luta?  
 ( ) sim ( ) não Ainda pratica? ( ) sim ( ) não  
 Se praticou, qual? \_\_\_\_\_ Por quanto tempo? \_\_\_\_\_  
 Se ainda pratica, há quanto tempo? \_\_\_\_\_

15- Existem em sua academia qualquer tipo de imagens, escrituras ou figuras orientais?

( ) Sim ( ) Não

Por favor, descreva todas elas e seus significados?

---



---

16- Qual é a sua Religião ? \_\_\_\_\_ Se considera praticante ( ) sim ( ) não

17- Qual é a religião de seu Pai e de sua Mãe?

Pai: \_\_\_\_\_ Praticante ( ) sim ( ) Não

Mãe: \_\_\_\_\_ Praticante ( ) sim ( ) Não

18- Você se considera simpatizante de outras religiões além da sua? ( ) Sim ( ) Não

Em caso positivo cite alguma (s): \_\_\_\_\_

---

19- Existem outras atividades culturais japonesas que lhe interessa? Quais? \_\_\_\_\_

---



---

20- Em que país surgiu o Budismo?

---

21- Para você, qual é a diferença entre o Budismo e as religiões cristãs:

---



---

22- Você conhece algum ensinamento budista ? ( ) Sim ( ) Não

Em caso positivo cite os que você conhece: \_\_\_\_\_

---

23- Que tipo de Livros você gosta (você pode assinalar mais de uma opção):

( ) Os recomendados pela minha religião ( ) Religiosos em geral ( ) Sobre Samurais ( ) Sobre o Kendo ( ) Sobre artes marciais em geral ( ) De Auto-ajuda ( ) Somente os que tem haver com o meu trabalho ou estudos.

Outros: \_\_\_\_\_

24- Cite um livro e um filme do gênero artes marciais, que mais lhe agradou:

---

25- Cite um livro e filme do gênero religião ou auto-ajuda, que mais lhe agradou:

\_\_\_\_\_

26- Você conhece alguma das “lendas” ou “histórias”, que serviram de base para a idealização do kendo? ( ) Sim ( ) Não. Se a resposta foi sim, por favor, descreva alguma e informe a fonte da informação.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

27- Existe algum ensinamento religioso no Kendo? ( ) Sim ( ) Não

Em caso positivo qual(s)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

28- Tem conhecimento de algum dos princípios filosóficos e/ou moral que alicerçam a modalidade de kendo?

( ) Sim ( ) Não. Em caso positivo. Qual(is)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

29- Você consegue fazer uma relação entre o seu desempenho no Dojo e o seu desempenho como ser humano? ( ) Sim ( ) Não.

Justifique \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

30- O que é o Kiai? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

31- O que é e para que serve o Kakejiku?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

32- Qual o significado e a importância dos termos:

Mokuso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Shinzen-ni- rei: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Shomen-ni-rei: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

33- Você sentiu/percebeu mudanças nas suas atitudes após iniciar nesta modalidade de Luta?  
( ) Sim ( ) Não. Em caso positivo, em quais situações e que tipo de mudanças? \_\_\_\_\_

---

---

---

34- Existe algum tipo de conhecimento, além das técnicas, que você gostaria de aprender sobre a sua arte marcial? ( ) Sim ( ) Não. Em caso positivo. Qual (is)?

---

---

35- Você acredita que existe algum tipo de relação entre arte marcial e religião?

( ) Sim ( ) Não

Comente sua resposta:

---

---

36- Para melhorar o seu desempenho, você participaria de alguma atividade religiosa indicada pelo seu mestre de Kendo, mesmo que fosse diferente da que você acredita?

( ) Sim ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

37- Você já tentou aprender ou gostaria de aprender, algum tipo de yoga, meditação ou outras técnicas orientais, para melhorar seu desempenho? Em caso positivo qual (is)?

---

---

---

38- O que significa a palavra Sensei e o que representa para você?

---

39- Durante os treinos você procura:

( ) melhorar o seu condicionamento físico ( ) buscar o auto-conhecimento

( ) aprender um pouco da espiritualidade japonesa ( ) ser um atleta competidor de Kendo

( ) outros: \_\_\_\_\_

---

40- Qual a importância da graduação no kendo ?

---

---

41- Durante o treino preocupa-se com seu oponente ? ( ) Sim ( ) Não.

Justifique: \_\_\_\_\_

---

---

## Exame de Graduação de Kendo

**Data da Última Revisão: Março/2004**

**Supervisão: Professor Tadachi Tamaki**

**Redação: Élia Y. Matsumoto**

Exame	Questões	Kata	Dissertação
1º KYU	-	1º e 2º kata (Dachi) / Uchidachi ou Shidachi	
1º DAN	1 a 6	1º a 5º kata (Dachi) / Uchidachi ou Shidachi	-
2º DAN	6 a 11	1º a 7º kata (Dachi) / Uchidachi ou Shidachi	-
3º DAN	10 a 15, 41	1º a 7º kata (Dachi) - 1º a 3º kata (Kodachi) / Uchidachi ou Shidachi	-
4º DAN	15 a 21, 42 e 43	1º a 7º kata (Dachi) - 1º a 3º kata (Kodachi) / Uchidachi ou Shidachi	Sim
5º DAN	22 a 27, 44 e 45	1º a 7º kata (Dachi) - 1º a 3º kata (Kodachi) / Uchidachi ou Shidachi	Sim

6° DAN	28 a 33, 46 e 47	1° a 7° kata (Dachi) - 1° a 3° kata (Kodachi) / Uchidachi ou Shidachi	Sim
7° DAN	1 a 47	1° a 7° kata (Dachi) - 1° a 3° kata (Kodachi) / Uchidachi ou Shidachi	Sim

**01-O que é "ISSOKU ITTO NO MAAI"?  
(distância de um passo / uma espada) ?**

R: É a distância básica que se deve manter do adversário em postura de confronto, de tal forma que ao se dar um passo para frente seja possível atingir o golpe no adversário e recuando-se um passo para trás seja possível desviar-se do golpe do adversário. Esta distância é calculada de acordo com a capacidade individual de cada Kenshi.

**02-Qual é o golpe considerado "IPPON" (um ponto) ?**

R: É considerado "IPPON" o golpe que reunir os três fatores importantes no Kendo:

- "KI" : sentimento, alma ou estado espiritual do Kenshi concentrado na atitude expressado através do 'KIAI" (grito).
- "KEN" : preciso movimento e domínio da espada, entendendo-se neste caso que a arma é a extensão do Kenshi.
- "TAI" : movimento e atitude do corpo do Kenshi como um todo, demonstrando sua total concentração no golpe.

### **03-Fale sobre conjugação de "KI-KEN-TAI".**

R: É a atitude de golpear o adversário com toda concentração, conjugando o espírito através do "KIAI" ("KI"), o movimento da espada ("KEN") e o movimento do corpo como um todo ("TAI").

### **04-O que é "KIRIKAESHI" ?**

R: É uma prática de treinamento básico muito importante, indispensável tanto para principiantes quanto para Kenshis que já atingiram bom nível técnico. O "KIRIKAESHI" de uma forma global aprimora habilidades básicas como:

- "TE NO UCHI" : coordenação dos movimentos das mãos, punhos e braços.
- "ASHI SABAKI" : coordenação dos movimentos dos pés e pernas, visando adquirir movimentos rápidos e ágeis, bem como o fortalecimento dos quadris e do corpo como um todo.
- "MAAI" : desenvolvimento da noção de ritmo de tempo de golpe e posicionamento em relação ao adversário.

### **05-O que é "YUUKO-DATOTSU" (golpe válido) ?**

R: Um golpe é considerado "YUUKO-DATOTSU" (golpe válido) quando é executado com concentrando os três elementos indispensáveis: "KI" (concentração de espírito demonstrada através do "KIAI", ou grito), "KEN" (movimento de golpe executado com o "SHINAI"), "TAI" (movimento de ataque do corpo como um todo).

### **06-Por que é "KAKEGOE" (grito) é importante ?**

R: O "KAKEGOE" ou grito em voz alta e forte

expelido do interior da barriga e não apenas da garganta, incentiva a si próprio e intimida o adversário, elevando a combatividade, aumentando a força e o poder do golpe.

### **07-O que é "TYU SHIN SEN" ?**

R: É uma linha imaginária traçada a partir da ponta do seu próprio SHINAI até um ponto na altura da garganta do adversário. Pode significar ainda, a linha imaginária traçada internamente partindo da altura do nariz até o umbigo ou do olho até "SEIKATADEN".

### **08-Cite as ocasiões propícias para dar um golpe durante a luta:**

- no início da movimentação do adversário ("DEBANA"): o golpe é dado no momento em que o adversário está iniciando ou ameaçando iniciar um movimento.
- no término da movimentação do adversário: o golpe é dado logo que o adversário acaba seu movimento, sem dar-lhe fôlego para descansar após a ação executada.
- no momento em que o adversário se defende de um golpe: ou seja, quando o adversário estiver preocupado em defender-se, golpear imediatamente outro local que ficar desprotegido.

### **09-O que vem a ser o "ZANSHIN" ("deixar a alma") ?**

R: É a atitude de não se desarmar mesmo após o golpe de vitória, mantendo-se de prontidão e atento para o próximo contra-golpe.

## **10-Cite 5 ou mais vantagens e virtudes do "KIRIKAESHI" – citaremos 10:**

- O "WAZA" (golpe) fica mais rápido e violento.
- O golpe fica mais forte e firme.
- A respiração torna-se mais profunda e calma.
- Os movimentos e as funções dos braços ficam mais livres.
- O corpo fica mais leve possibilitando movimentos mais livres.
- O manejo do "SHINAI" (espada de bambu) fica mais fácil e livre.
- O abdómen e quadris tornam-se mais firmes e o corpo passa a manter uma postura equilibrada.
- Os olhos começam a ficar mais atentos.
- Desenvolve a habilidade de calcular o próprio "MAAI".
- Os golpes ficam mais leves e hábeis.

## **11-Descreva as oportunidades de ataque:**

- no momento em que o adversário está iniciando o ataque.
- quando o fôlego técnico do adversário se esgota.
- ao defender-se de um golpe do adversário (contra-golpe).
- quando o adversário fica imóvel.
- "KAMAE NO SUKI", ou seja, quando o adversário expõe-se por distração.
- na separação do "TSUBASERIAI" (confronto direto de junção de espadas).
- quando o adversário está espiritualmente concentrado somente no ataque.
- Quando o adversário sair do "KAMAE" (posição de combate), baixa a guarda.

**12-O que vem a ser "SHUMOKU ASHI" ? R:**

Refere-se ao mal posicionamento do pé esquerdo, ou seja, quando o Kenshi mantém o pé esquerdo grudado no chão, sem levantar a base do calcanhar, ou ainda, quando o Kenshi mantém o pé virado demasiadamente para a lateral. O correto é manter o pé esquerdo paralelo ao pé direito, sem encostar a base do calcanhar no chão.

**13-Descreva as três formas de anulação/morte – "SATSU":**

- anular/matar o adversário por "KI", ou seja, pressioná-lo psicologicamente, desencorajando-o, transmitindo-lhe superioridade, mostrando-se mais forte através de gestos e gritos e não de golpes.
- anular/matar a espada ("KEN") do adversário prevendo seu movimento, imobilizando-a e anulando o golpe antes que o inimigo consiga realizá-lo.
- anular/matar a técnica do inimigo prevendo seu golpe e adiantando-se a ele, anulando dessa forma qualquer tentativa de ataque.

**14-Explique o "SHIKAKE WAZA" (golpe de ataque):**

R: É um golpe de ataque em resposta a um movimento de ataque do adversário. Existem os seguintes "SHIKAKE WAZA":

- "DEGASHIRA WAZA" : golpear no exato momento em que o adversário tenta atacar, golpeando-lhe o "MEN" (na cabeça), o "KOTE" (pulso) ou o "DO" (tronco).
- "HIKIGASHIRA WAZA": golpear no exato

momento em que o adversário tenta recuar.  
 - "HARAI WAZA" : golpe de rechaça ou "RENZOKU WAZA" (golpe contínuo), consiste em golpear desmanchando a posição de guarda do adversário e imediatamente golpear novamente aproveitando o "SUKI" (brecha ou descuido) ou "KUSURE" (desequilíbrio ou perda de postura) do adversário.

### **15-Explique o que é "MAAI":**

R: Com relação a "espaço", o "MAAI" é a distância de golpe medida considerando-se o comprimento da espada e o alcance de um passo. Se definido em termos de 'tempo', o "MAAI" é tempo de golpe medido considerando-se a velocidade de execução do golpe. 'Psicologicamente', o "MAAI" é o espaço real de combate existente entre os dois adversários, que se mantém constante mesmo que os adversários se afastem ou se aproximem.

### **16-Explique o que é "KYO" (distração) e "JITSU" (material e concentração):**

R: "KYO" é ter "SUKI" (brecha), ou seja, não possuir concentração nem força espiritual tornado corpo e alma vulneráveis. "JITSU" é o oposto, ou seja, conseguir atingir a concentração total das forças físicas e espirituais tornando corpo e alma invulneráveis.

### **17-Fale sobre "JIRI-ITTI" (conjugação de fato/prática e teoria):**

R: "JI" (fato, prática) refere-se à própria técnica ou tecnologia e "RI" (teoria), à alma ou sentimento. A prática e a teoria são como rodas de um carro, devem andar juntas para que o carro

possa correr, portanto deve ser estudadas em conjunto.

### **18-Explique o que é: "SHIKAKE WASA", "OOJI WASA" e "DEBANA WASA":**

R: Basicamente as 3 expressões referem-se a técnicas ou estratégias de luta "WASA":

- "SHIKAKE WASA" (técnica de "provocação"): consiste em provocar o adversário forçando-o a tomar a iniciativa do golpe, para então surpreende-lo reagindo imediatamente atacando-o com um contra-golpe.

- "OOJI WASA" (técnica de desvio e defesa) : consiste em anular uma tentativa de ataque do adversário, defendendo-se e contra-atacando imediatamente.

- "DEBANA WAZA" (técnica de ataque inicial) : consiste em atacar o adversário no momento em que este estiver distraído ou fizer algum movimento em falso que o deixe com a guarda aberta ou em postura desequilibrada.

### **19-Descreva os 4 ("SHI") Tabus ("KAI") do Kendo:**

R: Refere-se a quatro situações que devem ser evitadas: "KYON"(ser surpreendido), "KU" (ficar com medo), "GUI" (ficar indeciso), "WAKU" (ficar perplexo, confuso). Não se deve ser surpreendido, nem ficar com medo do tamanho físico ou do golpe do adversário, e nem mesmo ficar indeciso quanto as ações dele, e muito menos ficar perplexo e confuso quanto aos próprios movimentos.

**20-Explique o "TYU DAN KAMAE" (postura de "TYU DAN", espada na posição de média altura):**

R: Também chamada de "SEIGAN" (pois mantém a ponta da espada apontada para os olhos do adversário), é postura básica do Kendo, sendo considerada infalível sem qualquer restrição. É postura corporal ideal tanto para ataque quanto para defesa. Nesta postura, o shinai é empunhado naturalmente com as duas mãos. A mão esquerda deve segurar firmemente a ponta do punho do shinai mantendo-se próxima ao umbigo tendo o punho voltado levemente para dentro. A mão direita deve segurar firmemente a outra extremidade do punho do sinal de forma que o shinai se posicione sempre em linha reta, tendo sua ponta apontada para os olhos do adversário. O punho direito também deve ficar voltado levemente para dentro.

**21-Explique o conceito de KENDO (ideal do KENDO):**

R: Kendo é um instrumento de formação de caráter da pessoa, por meio da prática e estudo das regras teóricas do "KEN" (espada).

**22-Explique o "KENTAI-ITTI" (avanço e espera unificados):**

R: Avançar significa o ataque e a espera, o preparo da defesa. A união desses dois elementos significa ter o espírito de defesa durante o ataque e ter o espírito de ataque durante a defesa. Ter o espírito de ataque e defesa apostos ao mesmo

tempo permite-nos estar preparados para qualquer situação a qualquer momento.

**23-Cite cinco exemplos de "KAMAE"(posição de postura com a espada):**

- TYU DAN (SEIGAN)
- JYÔ DAN
- GUEDAN
- HATSU SOO
- WAKI GAMAE

**24-O que significa "TOOYAMA NO METSUKÉ" (fixar o olhar na montanha distante):**

R: Fixando-se o olhar na montanha distante é possível ao mesmo tempo enxergar o que está longe e prestar atenção nos movimentos dos objetos próximos. Esta expressão refere-se à técnica de observação: ao confrontar-se com o inimigo, deve-se focar um ponto de observação para poder enxergá-lo como um todo e ao mesmo tempo poder prestar atenção em todos os seus movimentos. Esta técnica também é chamada de "HAPPONOKU" .

**25-Fale sobre os efeitos do "KAKEGOE/KIAI":**

R: "KAKEGOE" (voz alta/grito) é o som emitido do interior do corpo do Kenshi, que faz com que todo o "KIAI" (grito/espírito) acumulado extravase com toda força. O "KIAI" aumenta a concentração pessoal, podendo intimidar o inimigo a ponto paralizá-lo no "DEBANA". Serve ainda para chamar a atenção do adversário quebrando sua concentração. Pode-se dizer que quanto maior do "KAKEGOE", maior a firmeza da mão e do golpe.

Embora a palavra "KIAI" possa ser traduzida apenas como "grito", numa tradução literal mais profunda o "KIAI" significa unir ou concentrar a alma, ou seja, o "KIAI" é uma forma de concentração psicológica atingida através do grito.

## **26-Explique os três tipos de "SEN" (antecipação):**

- "SEN-SEN-NO-SEN": também chamado de "KAKARI-NO-SEN", consiste na habilidade de antecipar a intenção do adversário com rapidez, descobrir alguma brecha e golpear imediatamente.
- "SEN": consiste na habilidade de contra-golpear o adversário no momento que este tenta atacar uma brecha. Como a antecipação é executada quase que simultaneamente com o ataque do adversário, o "SEN" também é denominado "TAI NO SEN", ou seja, antecipação simultânea.
- "GO-NO-SEN": consiste na habilidade anular o golpe do adversário por meio de "OSAE" (prensa), "HARAI" (remoção), "SURI AGUE" (erguer) e antecipar um contra-golpe. Também é chamado de "TAI-NO-SEN" .

## **27-Explique o "FUDÔ SHIN" (mente inabalável):**

R: Refere-se ao estado de espírito e mental calmo que se mantém inabalável e constante sob quaisquer circunstâncias, como se nada tivesse acontecido.

## **28-O que significa "ITI-GAN" (1º. olho), "NI-SOKU" (2º. pés), "SAN-TAN" (3º. fígado/firmeza), "SHI-RYKI" (4º. força):**

R: Refere-se a quatro princípios básicos do Kendo:

- "ITI-GAN" (1o. olho): observar o estado psicológico do adversário analisando todos os seus movimentos tanto do corpo quanto da espada.
- "NI-SOKU" (2O. pés): manter os pés livres e leves, sempre em alerta, prontos para qualquer movimento para servirem como uma mola propulsora seja para ataque ou para defesa.
- "SAN-TAN" (3O. fígado/firmeza): o fígado é o órgão que simboliza a coragem, firmeza e determinação, ou seja, deve-se manter a coragem que apaga os temores nos momentos de ataque quando se arrisca a própria vida.
- "SHI-RYKI" (4O. força): buscar a força interior das mãos que seguram a espada e a força interna do corpo, sem recorrer a força bruta dos braços.

**29-O que significa a união de 'SHIN KI RYKI' (espírito, pensamento, vontade e força):** R: Refere-se ao estado de concentração no qual o espírito purificado encontra-se unido ao pensamento de combate, à habilidade técnica e à força.

**30-O que significa "ITSUKU" (imobilizar) ?**  
R: "ITSUKU" refere-se a paralização momentânea do estado de espírito, corpo ou mãos ocasionando a perda de reflexo e lentidão de reação tornando o Kenshi vulnerável.

**31-O que significa "SHU" (proteger), "RHA" (quebrar) e "LI" (soltar):**  
R: Referem-se a fases de aprendizagem: - "SHU": na fase dos primeiros ensinamentos, significa total obediência e respeito aos ensinamentos recebidos sem contestações.

- "RHA": na segunda etapa de aprendizagem, tomando como base os ensinamentos recebidos na fase inicial, passa-se a estudar e testar outros estilos, buscando o aperfeiçoamento extraindo pontos positivos.

- "LI": após o estágio "RHA", passa-se a buscar novos caminhos soltando-se e afastando-se dos estilos anteriores na tentativa de criar um estilo próprio. Os antigos fundadores de estilos são pessoas que atingiram este estágio final.

### **32-O que significa "KAN KEN NO METSUKU" ?**

R: "METSUKU" significa técnica de observação, "KAN" pode ser interpretado como "METSUKU" (técnica de observação) voltado para o interior, ou seja, para o "KOKORO" (coração, espírito, alma) da pessoa. Durante o combate, deve-se observar os olhos do adversário buscando "enxergar" seu "KOKORO", antecipando suas intenções e para poder agir antes que dele. "KEN" significa o "METSUKU" voltado para o exterior da pessoa. Durante o combate, deve-se observar o posicionamento do adversário como um todo (a ponta da espada, os punhos, os pés) não se deixando enganar por "falsos" movimentos que possam demonstrar "falsas" chances de ataque. É necessário manter o espírito calmo e alerta.

### **33-O que significa "A-UM NO KOKYUU" ?**

R: Em japonês, "KOKYUU" significa respiração; "A", exalação; "UM", inalação; "A-UM NO KOKYUU" significa respiração profunda. No Kendo, usa-se o "A-UM NO KOKYUU" para acalmar o espírito. Durante a luta, usa-se a expiração "A" para

produzir o "KIAI" eficiente e a inalação "UM" para refazer o fôlego para acumular a energia no "TAM" (no ventre).

### **34-O que significam: "DAI", "KYOO", "SOKU" e "KEI" ?**

- "DAI": significa grandeza, grande como o universo. No Kendo, significa golpear sem medo, sem limitações, sem se ater aos pormenores de sentimentos internos de dúvida ou medo. Significa praticar a técnica em sua magnitude, de forma ampla e natural.
- "KYOO": significa força. No Kendo, refere-se à correta intensidade da força do golpe concentrada nos punhos, de forma a não deixar dúvida quanto a sua validade.
- "SOKU": significa rapidez. No Kendo, refere-se à rapidez do golpe ou à técnica do golpe.
- "KEI": significa leveza ("KEYMYOO"). No Kendo, significa golpear de forma precisa e ágil.

### **35-Por que no Kendo, se preza o "REI" ou "REIGUI" (etiqueta, cumprimento, cortesia) ?**

R: "REI" (cumprimento) demonstra respeito que vem da sinceridade do espírito. Existem vários tipos de "REI" (cumprimento a Deus, ao professor, aos mais velhos, aos colegas, aos novatos, etc). Antes do início do combate, o "REI" deve ser feitos por ambas as partes com sinceridade e modéstia, sem orgulho pessoal ou temor. Caso contrário, o combate será reduzido a uma simples luta irracional de animais ou loucos armados. O respeito às regras de "REI" aperfeiçoa a alma, a

técnica de espadas, tornando o respeito pessoal um hábito. Esquecer o "REI" significa negligenciar a aprendizagem da alma, fazendo com que qualquer vaidade técnica leve ao convencimento, ao egoísmo, que significa a própria destruição. Por todas essas razões, devemos respeitar os ensinamentos e valores do "REIGUI".

### **36-O que é "SHI-SHIN" (interrupção do pensamento/sentido) ?**

R: Durante o combate, significa fixar a atenção em apenas um ponto, interrompendo ou perdendo a concentração no todo com relação ao adversário. Por exemplo, ficar atento apenas na "forma" ("KAMAE") do adversário, ou no movimento da espada ("SHINAI"). A interrupção da concentração no todo gera descuido e faz com que surjam "SUKI's" (pontos fracos para o ataque) facilitando o ataque do inimigo. Além disso, a concentração errônea, focada em apenas um ponto, também faz com que se percam oportunidades de ataque uma vez que não conseguimos descobrir os "SUKI's" do adversário.

### **37-O que é "HOU-SHIN" (liberação do pensamento) ?**

R: Significa liberar o pensamento (o que é bem diferente de ter pensamentos em vão) focando não apenas um ponto do adversário mas, ao contrário, irradiando a atenção sobre o adversário como um todo, tornando possível enxergar qualquer movimento do inimigo, tendo o pensamento livre e solto, sem preocupações, concentrado apenas no espírito e força do golpe

que deverá ser executado. É a atitude oposta ao "SHI-SHIN".

### **38-O que é "HEI HYO SHIN" (pensamento em estado normal) ?**

R: Refere-se a capacidade de manter o espírito inalterado em qualquer situação, sem entrar em pânico ou perder a calma.

OBS: a tradução das palavras "SHIN" ou "KOKORO" é bastante difícil pois, dentro da língua japonesa, ambas assumem significados diferentes dependendo do contexto na qual estão sendo utilizadas (contexto físico, literário, religioso, filosófico, etc). Igualmente no Kendo, "SHIN" ou "KOKORO" podem ser interpretadas de várias maneiras, e na maioria das vezes a tradução direta não é a mais conveniente. Por exemplo: "KOKORO O TOMERUNA !" - tradução literal: "Não pare o coração !"

- tradução contextual: "Não se distraia !" ou "Mantenha-se alerta !"

### **39-Qual a importância do "KENDO-KATA" (padrão do Kendo) ?**

R: No "KENDO-KATA" estão reunidos os ensinamentos básicos dos elementos fundamentais que formam o Kendo:

- "REI-HO": regras de conduta
- "KAMAE": postura
- "MAAI": noção de intervalo de tempo e espaço
- "WASA": arte de golpear
- "KARADA SABAKI": movimentação do corpo
- "SEN": combatividade

- "KI GUARAI": brio (?)
- "KATANA SUJI": posicionamento da espada

#### **40-Qual o papel do 'MOTODATI' durante o exercício do "KIRIKAESHI" ?**

R: O "MOTODATI" é a parte que recebe os golpes durante o "KIRIKAESHI", sendo assim cabe ao "MOTODATI":

- posicionar corretamente o "SHINAI" para recepção dos golpes, isto é, o mais perto possível das laterais do "MEN", alternando o lado direito e esquerdo, permitindo que a pessoa que executa o "KIRIKAESHI" possa acertar os golpes corretamente na altura lateral do "MEN".
- cuidar que o correto "MAAI" (distância entre os adversários) seja mantido constante permitindo que a pessoa que executa o "KIRIKAESHI" possa fazê-lo com os braços corretamente esticados.
- treinar e fortalecer os próprios pulsos e punhos através dos movimentos de rotação do "SHINAI" executados durante a recepção dos golpes, aumentando a força de empunhadura das mãos.

#### **41-O significa "HIKIAGUE" deselegante ?**

R: Refere-se a atitude de retirar-se após o ataque sem retomar a posição de alerta, ou retornar ao combate de forma displicente e relaxada, interrompendo a atitude de combate, ou seja sem executar o "ZANSHIN" (retomada da postura de combate).

#### **42-O que caracteriza o "JYOGAI HANSOKU" (penalidade por saída da área demarcada para combate) ?**

R: Durante a luta, caso o atleta recue ou avance

pisando sobre a linha ou fora da área de combate, tal atitude caracterizará o "JYOGAI HANSOKU", ou seja, penalidade por saída da área de combate.

**43-Como o árbitro indica uma falta cometida pelo atleta durante a luta ?**

R: O árbitro estenderá a bandeira correspondente ao atleta que cometeu a falta em sentido diagonal para baixo.

**44-Como deve ser indicado o "GOUGUI" (reunião dos árbitros) ?**

R: O árbitro principal deverá segurar as duas bandeiras na mão direita e ergue-la para cima, anunciando o "GOUGUI". Os árbitros deverão se reunir no centro da quadra e os atletas deverão afastar-se até a linha de "REI" (cumprimento).

**45-Qual a penalidade para o atleta que sair da área de combate de modo pouco formal ?**

R: Caso o atleta tenha saído da área de combate após a execução de um golpe considerado válido, a luta deverá ser paralizada e o ato deverá ser julgado pelos árbitros, que poderão validar ou anular o golpe. Caso o atleta tenha saído da área de combate após a execução de um golpe considerado não válido, será declarado imediatamente o "HANSOKU".

**46-Quando ocorre a declaração de penalidade máxima, que obriga o afastamento do atleta infrator, passando dois pontos para o adversário ?**

R: Quando o atleta expressar-se (por ação ou fala)

de forma ofensiva contra o adversário ou qualquer um dos árbitros.

#### **47-Como deverá proceder o árbitro principal nas seguintes situações ?**

Quando um dos atletas derrubar o "SHINAI":

- o árbitro principal deverá paralizar o combate anunciando "YAME" (pare !), solicitar que os atletas retornem a linha inicial de competição e declarar "HANSOKU" (falta) do atleta que derrubou o "SHINAI". Caso o atleta tenha derrubado o "SHINAI" em consequência de um golpe correto executado por seu adversário, a falta não será considerada.

Quando observar que um dos competidores está empunhando o "SHINAI" de forma incorreta, com o cordão "TSURU" para baixo, durante a luta:

- o árbitro principal deverá paralizar o combate anunciando "YAME" (pare !) e chamar a atenção do inflator pela empunhadura incorreta do "SHINAI". Caso o atleta inflator, mesmo depois de advertido, continuar com a empunhadura incorreta e conseguir golpear o adversário, o árbitro não validará o golpe e indicará a irregularidade ocorrida.